Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 030 Terça-feira, 8 de Abril de 1986 Preço 40$00

Câmara de Lisboa prepara aumentos de preços

DAR SEDE A QUEM TEM ÁGUA

A Câmara Municipal de Lisboa está a apreciar, hoje, uma proposta que se traduzirá no aumento do preço da água. Ou, em vésperas de tempo quente, um novo ditado pode estar a surgir: dar sede a quem tem água.

Pág. 13

Resposta à Oposição esta noite na RTP

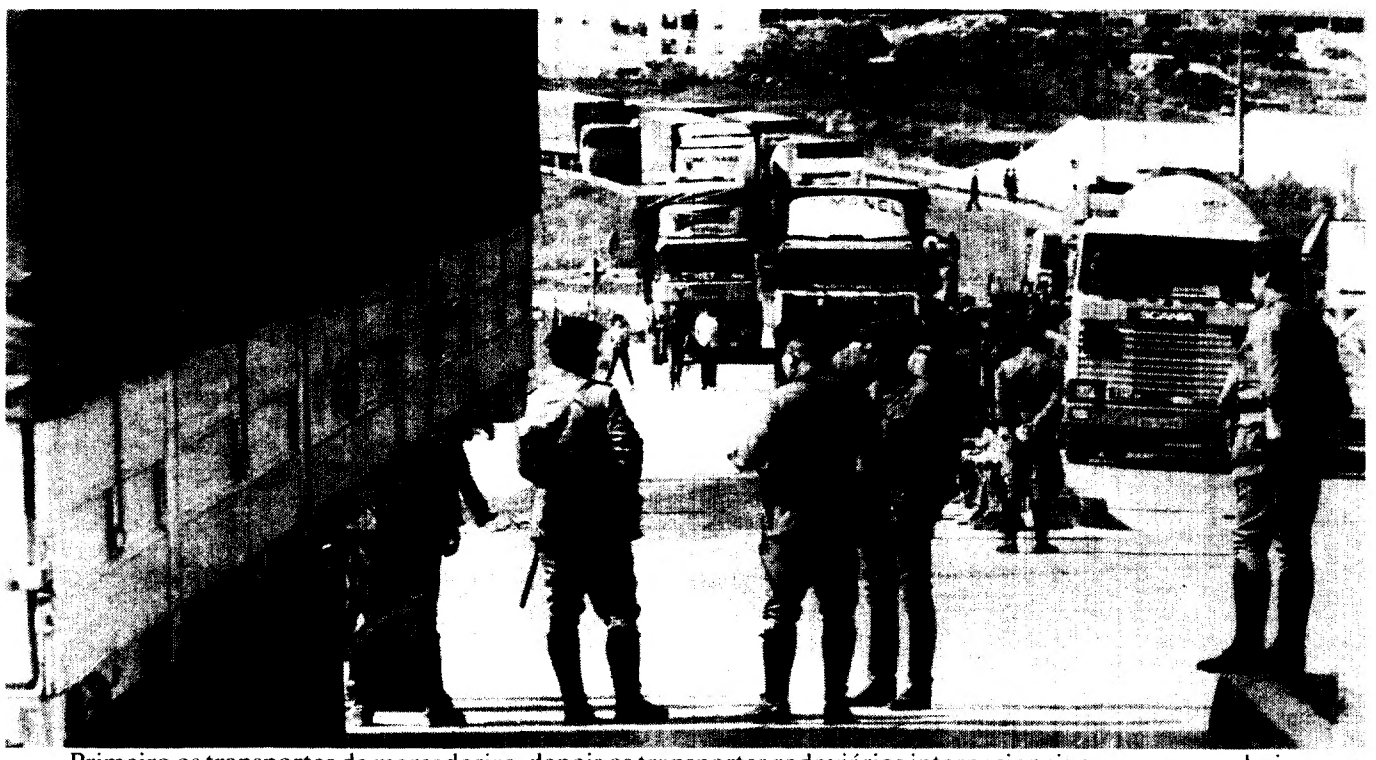
Cavaco no tempo do Corpo a Corpo

Hoje à noite, logo após o Telejornal, o «Corpo a Corpo» será outro: Cavaco contra a Oposição. Será a aguardada resposta do Primeiro-Ministro às alterações introduzidas pela Oposição no «seu» Orçamento. Ao fim da manhã o Conselho de Minstros estava reunido para preparar a resposta de Cavaco.

Pág. 24

Greves paralisam parte do País

Não há duas sem TIR



Primeiro os transportes de mercadorias, depois os transportes rodoviários internacionais e agora os comboios, que vão saindo dos carris e encostando às oficinas. São as greves de Primavera.

Mas a tendência para a paralisação ameaça alastrar, pelo mesmo motivo, a um sector vital, o da metalurgia, como é o caso da Sorefame, a braços com uma dificílima negociação a que o patronato e o Governo têm fugido. Por estes dias está também em greve sectorial a EPAC e no dia 18 paralisarão os barcos de pesca de sardinha no Algarve, se até lá não for normalizada a hora de saída para a faina.

Pág. 9 e 15

Hoje no Sete Ponto Sete: Kurt Waldheim 'apanhado' pelo passado

Considerações

Madalena Biscaia

Após 16 de Fevereiro, o interesse de pontuar, ainda que brevemente, o estado político presente, impõe certas reflexões sobre um acto tengencialmente conseguido, e consumado agora plenamente.

Se pretendermos, a repetição da escolha democrática, sempre que disso for hora, não deveremos esquecer, a problemática de uma tal pretensão.

A esquerda portuguesa viu-se confrontada, num curto espaço de tempo, com uma situação, cuja alternativa não incluia qualquer variante. A responsabilidade ética, política e ideológica, apresentava apenas uma via, a única a seguir. Importante, mas não era mais do que isso. O sentimento posterior para todos os que viveram o 24 de Abril, em revolta manifesta, ou secreta, era, e é, de alívio, salvando o restante do 25 de Abril.

No entanto, alívio, não é triunfo. Antes será, a emoção compensada, de se ter gasto no susto, de ver fugir a liberdade, toldando a sua luz na penumbra de alguns dias mais cinzentos.

A esquerda uniu-se, a vitória surgiu, já foi sobejamente dito, e o nevoeiro parece ter passado. No entanto, não é bem assim.

O nevoeiro continua por aí, pronto a envolver tudo, quer pelo controlo de acção, quer osmoticamente invadindo as consciências.

Já se viu, porque já se viveu, que o desenrolar do processo económico em Portugal, depois de Abril/74, não tem sido adequadamente conduzido, no desenvolvimento e bem estar dos portugueses. As condições de base que garantem, ou não, de imediato, a confiança das pessoas, são de existência material. Estas têm sido, convenhamos, mal pensadas, mal estruturadas, e logo, deficientemente reguladas. Todo o percurso vem viabilizando uma certa, e por vezes cuidada sevícia de partidos — vozes brilhantes a chamar, a enaltecer, a manipular — extasiados no poder falar, fascinados com as urnas. E para além disto, pouco se adiantou. Acontece, que o povo cansou das urnas e carece de outro alimento.

Essa de os portugueses serem «animais» congénitamente cívicos, no acto de votar, já não é coberta por nenhum elogio.

Para todos, a meta é a estabilidade, e o suporte equivalente à mesma. Para alguns, ou menos esclarecidos, a estabilidade é capaz de residir, numa atitude mais uniforme, aparentemente mais calma, defendendo o conservantismo de certos valores, que inevitavelmente, ainda vivem na memória das pessoas.

O salto em frente amedronta, da sua possibilidade pouco se conhece, porque o 25 de Abril, não assegurou ainda, no social, económica e culturalmente, as tais condições legitimamente esperadas.

Um passo, não é um salto...

Não se percebe, que um passo, não é um salto, e o salto verdadeiro, ainda não foi dado.

A tendência de recuo, que parece ideológico, mas não o é significativamente, expressado nos 48% das votações, só em número mínimo foi escolha política deliberada. Maioritariamente, a tal percentagem é escassamente politizada, convencida e esperançada de uma mudança, que para pior não fosse.

Como talvez não saibam dizer muito, numa contestação a que têm direito, acerca do sistema, apostaram, e ainda apostam, por certo, no benefício de uma dúvida, que se não fizer bem, pensam, mal também não faz.

Creio ser útil lembrar, e por isso evoquei, o acima mencionado. É assunto que passou, no virar da página, mas continua na página a seguir, e aumentará, se não for cuidado...

Mas... a consciência de esquerda sabe, quanto custa perder a liberdade de refutar, nas mais diversas formas de luta, o sistema, cuja rede, depois de agarrar, só solta, se as malhas forem cortadas. É essa possibilidade, a de inutilizar as malhas, na exigência do aperfeiçoamento da política democrática, que urge não perder. O poder, em funcionamento, é uma máquina fria, pela distância centralizada, representando os meios, os locais, as pessoas, na operacionalidade, ausente da colisão social.

Importa pois que esta colisão viva, se exprima, discuta as peças da máquina, e as substitua.

Penso que a verdadeira democracia, tende para a autonomia regional, e até local, onde é possível ouvir de viva voz, a carência e a alternativa da competência. Temos de crescer nesta direcção, e não permitir que nenhum passo seja impeditivo desse crescimento.

Uma ameaça pairando no ar...

A quem percorreu as ruas de Lisboa, em noites de campanha, era sensível a uma ameaça pairando no ar, augurando o desencadear de qualquer coisa, caso o pêndulo se inclinasse ao lado contrário, de onde tombou. A violência estava pronta a estalar, se aquela diferença consciente e salvadora de votos, não se verificasse. Talvez o mais arrepiante, assim o sinto, fosse essa onda violenta, pronta a qubrar objectos e pessoas, expôr-se muito, através da juventude. Digo arrepiante, assim se note, e não surpreendente. A juventude, em qualquer dos caminhos é mais estrondosa, pela irreverência da frontalidade. Contudo, os jovens eram, talvez, a barricada de uma outra vaga, alta e sedenta, mais silenciosa, para entrar depois. Estes últimos, não preocupam, não contam, não devemos contar com eles. E os jovens? Iremos tentar responder e resolver, ou com eles, não contamos também?

Politizar a juventude

Politizar a juventude, é, nesta altura, uma tarefa premente, dado que vivemos um tempo de grande contradição política, mais ao nível do emblemático claro, mas mesmo assim, situada no quadro do Estado.

No essencial, a diferença entre o Presidente da República e o governo, não se traduz grandemente em termos de acção.

E nem mesmo as funções designativas do poder, o permitem.

De qualquer modo, o Presidente da República é o primeiro magistrado da Nação, e esta vitória recente lembra Abril, enquanto o Governo... bem o Governo, não lembra data nenhuma em especial, e não comemora com os portugueses nenhum acontecimento histórico relevante.

Após Abril/74, estudou-se política nas escolas, por todo o lado irrompeu a discussão, a opinião, a luta na defesa dos ideais avançados. Imparavelmente essa explosão, trepou alto, e até se afirmou em formas quase avassaladoras de movimentação popular.

É normal o extravazamento apoteótico, após o cerceamento desmesurado.

Os jovens de agora, os que votarão daqui a quatro ou cinco anos, não viveram o 24 de Abril. Nada sabem, da humilhação socialmente orientada, desse antigamente. Nada sabem da opressão, do esmagamento da personalidade, da consciência a crescer e a omitir-se sucessivamente. Mesmo, os menos jovens, que viveram o 24 de Abril até aos quinze e dezasseis anos, guardam uma recordação nublada, daqueles dias de isolamento e boca cerrada. Porém, eles conhecem o percurso do 25 de Abril para cá. Guardam o retrato do tumulto da sociedade a acordar, a mexer, a levantar e a baixar a onda, a inconstância que resulta de toda a transição histórica. A esses, desse tal Abril, o dos cravos, até hoje, pouco se lhes ofereceu, a não ser a abertura, de notável importância, sem dúvida, mas logt seguida do desequilíbrio, de um certo desleixo educativo e cultural, da subversão de valores, esfrangalhando os rumos.

A saturação de ideias e valores

Em momentos de crise a saturação de ideias, de valores e ideais, pode incitar à negligência, ao revivescer de um tempo pretérito, que deu à luz um presente que parece desesperado e desesperante.

É chegada a altura de repensar este desconforto, e sem qualquer receita pronta a cozinhar, avistar o caminho, para o qual o passado só sirva para fornecer, as necessárias e indispensáveis ilações.

É hora do grande levantamento da cultura, que deve ser antes de mais, informar os jovens proporcionando-lhes a descoberta, sobre a história das coisas e dos acontecimentos.

Estar contra o sistema, pode ser uma atitude bem saudável, quando ela habita o exterior desse sistema, numa reflexão sobre ele.

A irreverência, a omissão e outras tantas formas de revolta dos mais jovens, nutrem-se do sistema, vivendo de uma escolha rápida, sem o distanciamento próprio à percepção dos factos.

Politizar, é chamar a atenção para a análise do comportamento político.

Talvez não importe mostrar tanto a história das Ideologias, mas descobrir sem reduzir, uma outra Ideologia, onde a generosidade dos valores, seja dada, numa certa viabilidade.

Muito simplesmente, talvez fosse útil, não conotar a esquerda e a direita, com partidos já um bocado gastos, e usando transparência, situar a esquerda e a direita em todas as épocas.

A direita... a esquerda

A direita foi sempre em qualquer altura, a resistência na defesa de valores sem adequação, ao florescimento da liberdade. Não raramente, assumiu uma feição obstinada a elementos novos, de avaliação e transformação social, mais justa.

A esquerda foi, e continuará a ser, o reconhecimento do ideal avançado em consonância com a expressão humana plena. Tudo o que mutila esta expressão pode sobreviver, sob o risco de tombar na caducidade de qualquer explicação inútil.

Não se luta, na direcção certa contra nenhum sistema, pelo retrocesso. Podem-se retomar os clássicos, quando estes estão, e quase sempre estão no embrião de estados, que são agora nossos. Os antigos regimes democráticos, são disso exemplo.

Estar à esquerda é tempo de lembrar aos jovens, é apenas situar-se num sistema de abertura à resolução de problemas, contribuindo na construção, e na exigência de direitos que a sociedade deve produzir e simultaneamente devolver. Pensar, que o modelo social anterior no esquema do conservadorismo, nos salda qualquer dívida, só alimenta a imagem do retorno ao erro. E não salda, porque no tempo que teve, e que foi totalitariamente seu, não saldou nada, só cobrou... É toda uma truncagem de ideias, a desmontar, numa mostragem clara, de tudo o que sendo omisso, na invocação do antigamente, prefaz o que não é desejável no presente a tornar-se futuro. Cabe à esquerda, encontrar a via cultural de realizar esta tarefa. São forças novas que têm de ser arribadas, para resistirem a certos tentáculos, cujo abraço, pressuporia de novo um caminho longo e árduo — o da libertação.

Uma conta muito cara

A juventude tem pago, a meu ver, uma conta muito cara, por uma compra que não fez. Por outro lado, há, sempre houve, talvez, a tendência de empurrar os jovens para fora do combate social. Considera-se, talvez assim fosse sempre, que o saber, tem só como depósito os mais velhos.

Os jovens estão a crescer, por isso há que protegê-los algumas vezes, ignorá-los outras, e levá-los a participar pouco — é o que vulgarmente se pensa.

Foram seduzidos pelas campanhas eleitorais. Era a festa a puxá-los, as ofertas a tentá-los... Duvido do esclarecimento subjacente a tanto vigor.

Esta consideração não antecipa de modo algum a inexistência de juventude, representando a esquerda e a democracia. Eu diria até, que no meio deste amalgamar de ideias, jorrando por uma comunicação social/cultural pouco formativa, muitos jovens não perderam o pé. Conseguem um auto-reencontro, colocando ainda na frente de si, ideais que visam contar com os outros na construção do colectivo. É a percepção intuitiva de que o ser individual, só ganha expressão na actividade conjunta.

A direita não oferece valores de descoberta, na dialéctica da substituição ponderada, em igualdade geral de direitos e deveres.

O direitismo prevê um caminho, cujo percurso é educativamente direccionista, na conquista de lugares concentrados em minorias, competentes nas grandes actividades directivas. A direita tem obrigatoriamente de retrair, porque a sucessão de valores é apanágio criativo das gerações, e até rompe com as costuras mais reforçadas. A direita também sabe que só ganha terreno, quando, guardando as intenções, imita, ainda que mal, o gesto mais largo da esquerda.

Ora, a esquerda, transbordou, gastou energias, e não se reabasteceu devidamente. A análise da nova realidade, foi muito feita, e ainda é, segundo ópticas que não abrangem a propagação complexa das novas radiações sociais.

Talvez, e decerto assim é, venhamos a aprender, desde há doze anos quase, a viver democraticamente. Mas temos de apressar o passo, senão corremos o risco de perder, de vez, a corrida.

Um país a desenvolver

Portugal é um país a desenvolver. Como todos os países, nestas condições, enferma de faltas enormes, sobretudo na dificuldade de aquisição de bens de consumo, essências ao bem-estar geral mínimo. Aqui, em comparação com outros países, tudo é absurdamente difícil. Contudo, parecendo controverso, e é só paradoxo do princípio, do que ainda pode e não pode ser, este país não sofre, por enquanto, de certos males comuns a nações tecnologicamente mais avançadas. Nestas, e sem conseguirem superar até agora, será por acaso, a desolação de ser só, consigo próprio e com o seu conforto — o absurdo do excesso. É o «ter» a sobrepor-se ao «ser», que «democraticamente» iguala tudo no objecto.

Porque estamos no princípio, era premente olharmos este país de norte a sul, e nas restantes latitudes, a antever o que convém, e o que cabe aqui.

Ser à esquerda, em meu entender, não é vincular-se teimosamente, a princípios passados, axiomatizá-los, e deduzir a realidade. Também não é, de modo algum, copiar os modelos estrangeiros, e transformá-los em paradigmas do nosso processo de desenvolvimento.

Qualquer tipo de vizinhança, amigável, não justifica tal atitude. Intercâmbio cultural e económico, não significa dependência, reflexo, imitação. Significa, tão-só, troca, permuta igual, e nada mais.

Ser de esquerda é chamar a atenção, para a originalidade de um local, de um objecto, de um qualquer fenómeno, perceber bem a sua história, e o seu percurso transformativo. Há um imperativo cultural obrigando a pôr todas as questões, a pensar todos os planos... cultura é construção, mas não cega, é a figuração simbólica do homem a deixar rasto por aí, e se bem que o acidental tenha graça, não se pode tornar excessivo em demasia...

A esquerda é sempre a ala jovem do pensamento e da acção. Os olhos virados ao que se passa, a alertar para tudo que indique ultrapassar o homem, a esmagá-lo na realização do tempo que é seu.

A renovação cultural

A renovação cultural exige novas estruturas de tradução social em todos os graus. Mais do que nunca, a esquerda deve rever e renovar as formas de se exprimir politicamente. Não pode, comodamente, instalar-se numa atitude opositora, e depois juntar-se, freneticamente, porque é hora de perigo, e hora última.

As representações teóricas só se renovam, quando também é renovado, com certa intensidade, um trabalho de campo.

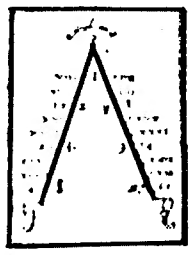
Era, de bom senso, o aproveitamento da situação política, há bem pouco conseguida, renascendo na esquerda uma nova vitalidade, a força cultural inerente à constituição do seu corpo social.

Emergir de uma certa letargia, modernizar as ideias, os discursos, as atitudes, reerguer-se um pouco das cinzas ainda quentes, e oferecer de novo um rumo, e porque não? O devaneio poético de alcançar o melhor, que não é isto, mas que está para além disto, à nossa espera.

Sobretudo é aos jovens que se deve reintroduzir a ideia da esperança, a ideia de futuro, que eles já não têm, porque não conseguem ver para lá do presente.

Se isto assim não for, daqui por cinco anos, que irá acontecer? Recuaremos de vez, e ficamos depois a cantar canções de intervenção?

Se assim for, é porque o direitismo nos ultrapassou de facto, ou então, caímos nos seus braços, porque já não queríamos lutar mais, e resolvemos adoptar o onirismo como forma de vida...



Arquitectura reflexa

Para quando um Museu de Arquitectura em Portugal?

Pedro Vieira de Almeida

Um pouco surpreendentemente têm-se multiplicado iniciativas (exposições, colóquios, congressos) com uma abundância inesperada que veio coincidir com um período de silêncio desta coluna, que assim justificou uma crítica que recentemente lhe foi feita, de não acompanhar acontecimentos que em rigor não podiam deixar de merecer referência.

De facto a crítica tem razão de ser, mas a justificação de prolongado silêncio ultrapassa os quadros de reflexão desta ««arquitectura reflexa», pelo que a deixo cair, apenas tentando recuperar o tempo perdido.

O campo das exposições de arquitectura, este ano aberto pela Expo. Carlos Ramos na Gulbenkian, conheceu já várias iniciativas que o vieram enriquecer significativamente, e outras se anunciam para breve.

Refiro-me por exemplo à exposição organizada pela Associação dos Arquitectos Portugueses, juntando algumas centenas de arquitectos, e que bem ou mal é representativa pelo menos de um largo sector da prática profissional concreta, bem como à exposição que teve lugar na Galeria Almada Negreiros, sobre a Nova Arquitectura Argentina, esta com o atractivo de promover uma conferência aguardada com natural expectativa, de Siza Vieira, que embora não desenvolvendo os temas abordados, não deixou de apresentar algumas pistas de leitura com interesse, ou ainda a exposição da Nova Arquitectura de Museus da Alemanha Federal também realizada na Gulbenkian mas no Centro de Arte Moderna.

Da exposição da Associação dos Arquitectos, agora presente no Porto, terei oportunidade de falar em breve.

A exposição Nova Arquitectura de Museus na República Federal Alemã, infelizmente não acompanhada de catálogo, abrangia alguns exemplos que com muita dificuldade poderão ser incluídos da designação de «nova arquitectura».

De facto casos como o da Galeria de Arte do Philip Johnson de 1966, objecto de um brutalismo depurado, ou a Galeria Nacional de Berlim de 65 que tão bem sintetiza a obra de Mies até no que ela tem de limitação e de incapacidade urbana, não parece poderem desempenhar esse papel.

Como imagens mais fortes desta exposição, pode afirmar-se que restam o Museu Diocesano de Gottfried Bohm de 69-75 em que dificilmente se misturam um pensamento racionalizador hight-tec de parceria com uma consciência expressionista saturante, o Museu Municipal de Abteiberg 72-82 de Hans Hollein, que como seria de esperar apresenta uma enorme riqueza interior que vem reforçada por uma certa austeridade de tratamento exterior, a Nova Galeria Estatal de Stuttgart do James Stirling que me não parece constituir uma grande peça, mas que tem para nós o condão de fazer entender quanto rigor de desenho e rigor de execução exige a exploração de certa expressividade, no polo oposto de um desleixo e uma incapacidade de compreensão da forma que frequentemente nos é posto frente aos olhos, e sobretudo o Museu Alemão de Arquitectura do Mathias Ungers, datado de 79-84 que entre outras qualidades tem a de nos fazer formular a pergunta que dá o título a esta crónica: para quando um Museu de Arquitectura em Portugal que recolha os espólios que vão apodrecendo, as maquettes que também, e anime a investigação no seu sector específico?

A pergunta aliás nem sequer é para ter qualquer resposta; ela basta-se como simples desabafo.

Dos colóquios entretanto realizados, gostaria de sublinhar o significado do colóquio sobre «O Fantástico na Arte Contemporânea» realizado pelo ACARTE no Centro de Arte Moderna, a partir de uma proposta de Maria Alzira Seixo, colóquio que bem «fantasticamente» ousou integrar a arquitectura no seu questionamento, e que deixou (suponho que não só a mim) a convicção clara de quanto há a ganhar com as discussões cruzadas de vários ramos de investigação e de várias visões críticas.

Como sempre nestes colóquios foram mais as questões levantadas do que as questões resolvidas, se é que alguma coisa ali se resolveu. Mas foi sem dúvida significativo o espólio que resultou do confronto de pontos de vista e dos métodos de abordagem do tema.

Pela minha parte penso ter tornado pelo menos credível, a minha posição de que o fantástico é condição necessária à arquitectura, e de maneira tão essencial, que se poderá dizer que a arquitectura ou é fantastica, ou não é.

O 4.º Congresso da Associação dos Arquitectos Portugueses, anuncia-se brevemente para o Porto e dele a seu tempo se deverá dar notícia.

E por falar do Porto é de referir neste momento que está patente na Casa do Infante uma exposição do arquitecto Marques da Silva, exposição que constitui uma peça indispensável para entender o trabalho de um homem que até agora tem estado se não na sombra, pelo menos tem permanecido num plano um pouco secundário, e que agora vai ser necessário olhar com outros olhos numa revalorização que se impõe.

A esta exposição tentarei dedicar proximamente uma atenção mais detalhada.

Também não poderia deixar de registar uma outra exposição, aquela que o arquitecto Cassiano Barbosa realizou na Cooperativa Árvore com quadros e desenhos da sua colecção, aliás colecção puramente casual, não organizada com qualquer intuito específico, mas que por isso mesmo toma um maior significado enquanto testemunho de uma época, enquanto prova de uma atitude face à arquitectura testemunho e prova que hoje ganham também um sentido novo, tendo em atenção a evolução próxima de aquilo que constitui o pensamento subjacente aos esquemas pedagógicos e às práticas didácticas em curso.

Esta exposição era acompanhada do lançamento de um livro, prefaciado por Fernando Távora, livro em que se recolhem outros testemunhos e registam as questões e as perplexidades (bem pertinentes) do seu autor, e a cuja apresentação me foi dado o privilégio proceder.

A exposição e o livro do arquitecto Cassiano Barbosa, sobretudo o segundo, constituem peças de valor significativo para o estudo do período ainda tão pouco transparente como o das décadas de 50-60, estudo para o qual faltam dados e registos verdadeiramente fiáveis.

E aqui apetece atar o molho de referências e voltar novamente a lembrar o projecto do Museu de Arquitectura do Mathias Ungers, com as possibilidades de investigação que não deixará de abrir, até porque se como disse anteriormente a pergunta que aquele projecto suscita não é para ter resposta, nada impede de continuar a pensar (sonhar?) na questão inicial desta crónica: para quando um Museu de Arquitectura em Portugal?

Um último acontecimento importa aqui referir, o da atribuição do prémio da AICA de arquitectura a Nuno Teotónio Pereira.

Sendo os prémios AICA prémios de consagração pelo conjunto de toda uma obra, lembremos apenas a qualidade e coerência da obra de Nuno Teotónio Pereira, marcada por uma diversidade de linguagem que neste arquitecto significa, um sentido pedagógico entendido na mais lata acepção e uma generosa liberalidade profissional, ambos exemplares.

Estas parecem ser as referências que numa inventariação rápida convirá não esquecer, para recuperar o atraso em que incorreu a «arquitectura reflexa».

O sudário de Turim

Carlos Amado Reis

Já lá vai a Páscoa. Que, como se sabe, sempre foi celebrada pela Lua Cheia. Um dos maiores milagres de todos os tempos deve ter sido, quando Jesus morreu, ter havido um eclipse do Sol, pois, como também é bem sabido, isso só pode acontecer pela Lua Nova, fase em que a Lua se encontra entre a Terra e o Sol- nunca quando o Sol está para um lado e a Lua para o outro, que é o que acontece na Lua Cheia.

Todos que leram o Novo Testamento devem ter notado que são contraditórias as descrições das circunstâncias em que o sepulcro de Jesus foi encontrado vazio. O «Evangelho Segundo S. João» merece atenção especial, pois João se apresenta como testemunhaa presencial do achamento do sepulcro vazio e nenhum dos outros evangelistas foi testemunha. Vejamos, pois, as palavras do «Evangelho Segundo S. João»:

«José de Arimateia, o que era discípulo de Jesus, mas em oculto por medo dos Judeus, pediu a Pilatos para levar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. Veio, pois, e tirou o seu corpo. Veio, também, Nicodemos, aquele que, anteriormente, se dirigira de noite a Jesus, trazendo uma composição de quase cem libras de mirra e de aloés. Tomaram o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras, juntamente com os perfumes, segundo a maneira de sepultar usada entre os Judeus.

No lugar em que ele tinha sido crucificado havia um horto e, no horto, um túmulo novo, no qual ninguém fora ainda depositado. Por causa da preparação dos Judeus, como o túmulo estava perto, foi ali que puseram Jesus.

No primeiro dia da semana, Maria de Magdala foi ao sepulcro logo de manhã, ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro. Correu, pois, e foi ter com Simão Pedro e com outro discípulo, aquele que Jesus amava e disse-lhes: — Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram.

Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao sepulcro. Corriam os dois juntamente, mas o outro discípulo antecipou-se e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou Simão Pedro, que o seguia, entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que estivera sobre a sua cabeça; este não estava, porém, com as ligaduras, mas enrolado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou. Não tinham efectifamente, entendido ainda a Escritura, segundo a qual ele havia de ressuscitar dos mortos. A seguir os discípulos regressaram a casa.»

Um aspecto a destacar: — João não viu nenhum lençol. O sudário era um pano que apenas cobria o rosto de Jesus. Pode ter sido utilizado um lençol no transporte do corpo até ao sepulcro, pois os três outros evangelistas se lhe referem, mas esse lençol não foi lá deixado.

O facto de o lençol em que foi transportado para o sepulcro o corpo de Jesus não ter sido lá deixado constitui, só por si, uma fortíssima razão para se pensar que o sudário de Turim é o produto de uma falsificação.

Depois de Simão Pedro e João se terem retirado do sepulcro e afastado, Maria de Magdala, ou Madalena, viu o hortelão, que talvez lhe tenha falado, ironicamente, como se fosse Jesus; e julgou ver Jesus. Isto João não observou, mas apenas ouviu dizer, pelo que a sua narrativa deve estar deformada.

Madalena referiu a sua alucinação, e outros começaram também a ter alucinações. E começaram a aparecer as referências a anjos que teriam sido vistos no sepulcro: Mateus, Marcos e Lucas referem que na sua primeira visita ao sepulcro Madalena ia com outras mulheres, e que viram anjos que as informaram da ressurreição de Jesus, e Mateus fala de guardas; a própria narrativa de João é maculada pela referência a anjos, embora nela eles só apareçam depois de Simão Pedro e João se terem retirado do sepulcro.

Na realidade o que se terá passado?

O que provavelmente se passou foi que o sepulcro em que foi metido o corpo de Jesus foi utilizado apenas porque se encontrava próximo, como diz João, e não pertencia a José de Arimateia; e que o dono do sepulcro achou que se tratava de um abuso que lhe causava considerável prejuízo e mandou o hortelão retirar e enterrar o corpo, aproveitando o luar da noite. Depois foi ele o primeiro a propagar que os discípulos tinham roubado o corpo, que, segundo a narrativa bíblica, esteve no sepulcro, quando muito, duas noites e um dia (noite de sexta para sábado, sábado e noite de sábado para domingo), mas que na realidade deve ter estado ainda menos, em vez dos três dias e três noites referidos em Mateus 12. 40.

E o sudário de Turim que origem terá tido?

O que parece mais provável é que no tempo das Cruzadas, quando eram apreciadíssimas as relíquias verdadeiras ou falsas provenientes da Palestina, se tenha procurado produzir, na Palestina, uma relíquia que, embora falsa, tivesse o máximo em comum com uma relíqui autêntica: e que um desgraçado tenha sido submetido rigorosamente aos mesmos tormentos que os Evangelhos dizem que Jesus sofreu, e depois o seu corpo envolvido num lençol de linho, e que por um processo que nos é desconhecido a sua imagem se tenha fixado no lançol em que o envolveram.

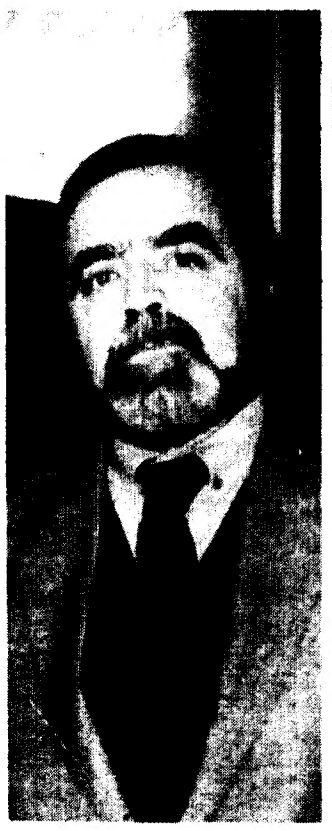
A Igreja Romana tem sido desafiada a aceitar que o sudário de Turim seja submetido ao teste de Carbono-14 para se determinar qual a época em que vicejou o linho de que foi feito o lençol; mas a Igreja tem recusado o desafio.

Tenhamos piedade do desgraçado que foi supliciado para imitar fielmente os sofrimentos de Cristo. Este, ao menos, sabia das razões por que era supliciado, mas o que o fanatismo religioso fez passar pelos mesmos tormentos deve ter sofrido duplamente por não perceber nada das razões do que lhe acontecia.

Segundo os seus apoiantes

Constâncio não quer Cavaco até 1989

O dirigente socialista Manuel Alegre, apoiante de Vítor Constâncio, negou à Anop que este sector preconize a permanência do Governo Cavaco Silva até ao fim da Legislatura, em 1989. «O que defendemos é que o PS deve estar preparado para ser alternativa», mas «rejeitamos qualquer estratégia de poder pelo poder», disse.



Manuel Alegre salientou que a moção dos apoiantes da candidatura de Vítor Constâncio a secretário-geral do PS defende que «o partido deve reforçar o seu projecto, deve privilegiar uma estratégia de recuperação e implantação social» e «elaborar um novo projecto socialista para Portugal».

O PS — prosseguiu — «deve lutar pelo poder em função do seu projecto e sem o sacrificar».

Manuel Alegre contestava a afirmação de Jaime Gama, em entrevista à Rádio, de que era de opinião contrária aos apoiantes de Vítor Constâncio quando estes perfilhavam a manutenção do actual Governo até ao final da Legislatura.

Alegre desmentiu que essa seja a posição da «sensibilidade Constâncio», argumentando ainda que «não compete a nenhuma moção fixar a data da permanência do Governo».

Em relação à ideia de que o PS «deve fazer uma cura de oposição», Manuel Alegre afirmou que isso «depende da situação política, que é exterior ao PS», e que «o PS deve estar preparado para ser alternativa» mas nenhuma moção pode fixar a data da queda do Governo.

Apoio em Vila Real

Cerca de 300 militantes da Federação de Vila Real do Partido Socialista assinaram um texto de apoio à candidatura de Vítor Constâncio ao cargo de secretário-geral do PS, anunciou aquela Federação.

O texto — que se encontra em circulação em todas as estruturas do PS em Vila Real — defende a renovação do partido «modificando os esquemas de organização e funcionamento, de forma a torná-lo agente da modernização da sociedade portuguesa».

Para os subscritores do texto de apoio «depois da eleição de Mário Soares como Presidente da República, já nada poderá ser como dantes no Partido Socialista».

O texto afirma ainda que o PS «tem de se assumir como partido capaz de aglutinar e mobilizar todas as forças da esquerda democrática. Torna-se, também, necessária a renovação da sua equipa dirigente».

Entre os subscritores do texto contam-se os presidentes das Câmaras de Peso da Régua e de Santa Marta de Penaguião, Renato Aguiar e Artur Vaz, respectivamente, o secretário-coordenador da JS Ascenso Simões, e o deputado Aloísio Fonseca.

Moção Lelo

A renovação do PS «é decisiva para a criação de uma esquerda moderna e revitalizadora» — disse ontem no Porto o primeiro subscritor da moção «Mudar a Federação, Renovar o PS», a apresentar ao próximo Congresso Distrital do PS.

Para José Lelo, o PS «necessita de reformular a sua declaração de princípios, elaborar um novo programa e promover um amplo debate nacional que reforce o partido e una as forças políticas e sociais de esquerda».

Em conferência de Imprensa, José Lelo explicou as grandes linhas em que assenta a moção e referiu-se à importância deste V Congresso Distrital da Federação do Porto do PS, agendado para o último fim-de-semana de Abril.

Sublinhou que a Federação do Porto «ficará neutralizada em relação à questão nacional e a estrutura da Federação servirá toda e qualquer candidatura à liderança que se venha a processar no partido».

A propósito, disse que na moção que subscreve aparecem apoiantes declarados de Vítor Constâncio e, também, de Jaime Gama e que essa razão «não é motivo para desunião».

Aquele dirigente socialista distrital referiu-se também ao aparecimento de duas listas ao Congresso, o que é legítimo dentro de um partido democrático como é o PS.

Congresso na Madeira

Os autores da moção «Mais Ilhéus, Menos Ilha» vão apresentar ao V Congresso Regional do PS/Madeira sete moções sectoriais — disse à ANOP fonte partidária.

Uma das moções preconiza a tomada de uma posição sobre a defesa do regime autonómico através do «desenvolvimento de esforços no sentido do alargamento dos poderes autonómicos».

Os autores da moção preconizam a realização de «esforços de forma a dotar a região de maiores poderes no campo legislativo» e consideram a figura do ministro da República «como não sendo a mais aconselhável para as funções que lhe estão atribuídas, estando hoje manifestamente ultrapassada face às realidades autonómicas».

Uma das moções sectoriais às quais a ANOP teve acesso defende uma maior autonomia do PS/Madeira face às estruturas nacionais do partido, recordando que «o passado recente vem demonstrando que o PS-/Madeira deverá politicamente contar consigo próprio».

Este núcleo de militantes da capital madeirense, no âmbito da informação, critica a situação da comunicação social na região e preconiza numa das poções «o maior empenho na obtenção de meios financeiros para a elaboração de um órgão de comunicação escrita de modo a destruir a demagogia, a mentira e o logro do governo regional e do seu aprtido».

A nível sindical, defende a criação da «Tendência Sindical Socialista» na Madeira.

Um líder para os Açores

Nos Açores, o PS luta contra o descrédito provocado pelas repetidas mudanças de líder.

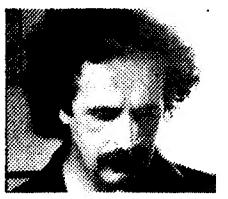
Das três tendências PS açorianas, saiu já a indicação de um candidato para a coordenador para a Federação regional — é Leonildo Vargas, que se tem mantido afastado das «guerras internas» e que depois do 25 de Abril fez parte da Junta Governativa que assegurou a transição democrática na região. Ele tem já o apoio dos dois últimos coordenadores, Carlos César e Dionísio de Sousa.

Do IV Congresso dos socialistas açorianos, a que foram já submetidas seis moções de estratégica, deverá sair como orientação uma maior abertura do partido a novos militantes, na perspectiva de aproveitamento do espaço eleitoral criado em torno da candidatura de Mário Soares, cuja fusão está a ser negociada. Apontam, inclusivamente, para o aproveitamento pelo PS da «dinâmica» criada no arquipélago pelas presidenciais.

Parte das decisões do congresso está pendente da posição que uma das moções, a liderada por Simas Santos, presidente da Comissão Regional — órgão máximo entre congressos — venha a adoptar.

Um responsável desta moção disse à ANOP que uma posição sobre nomes só será tomada no Congresso e que ela está dependente da estratégia que vier a ser encontrada.

Pontos De Vista



Os militares ausentes

Eugénio Alves

Há portugueses que não gostam da Constituição que temos. Estão no seu direito. A democracia existe para todos. Para conservadores, para sociais-democratas, para socialistas, para comunistas, para ateus e para cristãos, para privilegiados e para não-privilegiados. Para tanto lutaram muitos portugueses, incluindo os militares que na madrugada de 25 de Abril resolveram ignorar o RDM (Regulamento de Disciplina Militar) e passaram à reserva os generais que suportavam a ditadura e não falhavam nenhuma cerimónia oficial com PR, com Primeiro-Ministro e com Cardeal-Patriarca.

Brotam estas considerações por obra e graça de uma breve local, inserta, há dias, num semanário de direita. Contava a notícia que na cerimónia evocativa do X aniversário da Constituição da República Portuguesa tinha sido «muito notada» a ausência em S. Bento, do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e dos três chefes do Estados-Maiores do Exército, da Armada e da Força Aérea!

Segundo a mesma local, Lemos Ferreira (CEMGFA), Salazar Braga (Exército), Sousa Leitão (Armada) e Brochado Miranda (Força Aérea), não puderam comparecer porque para o mesmo dia e hora da cerimónia (de duas horas e ao fim da manhã) há muito prevista tinham uma «reunião de âmbito militar». Por isso, em vez dos vice-chefes, os quatros chefes militares terão mandado os respectivos chefes de gabinete...

Comentava o dito semanário que, além de «muito notada», a ausência dos generais «não deixou de ser considerada significativa e, para muitos ainda, pouco adequada». Duvido, obviamente, que tal «reunião de âmbito militar» tivesse prioridade sobre a comemoração da Lei Fundamental da nossa Democracia. Que se saiba, não havia indícios claros ou discretos de subversão interna ou de invasão iminente do País por comandos líbios ou de manobras navais do Pacto de Varsóvia nas proximidades das lusas águas territoriais...

O País respirava tranquilo (o Governo prometeu resolver o desemprego, os salários em atraso, os contratos a prazo) e, por duas horas protocolares dos quatro Chefes, não seria de prever qualquer golpe ou levantamento militar. E de tal modo estavam pacíficos os negócios do Estado que Mário Soares e Cavaco Silva foram calmamente assinalar, com os deputados eleitos e com o Corpo Diplomático, uma data histórica para o País. Data histórica que ninguém, das diferentes áreas políticas, se atreveu a contestar ou a desdenhar, salvo, por razões conhecidas (a autonomia não lhes basta) os ambiciosos líderes regionais, Mota Amaral e João Jardim.

Daí que, a este ponto chegado, eu me atreva, civicamente, a «notar», e a considerar «significativa» e «pouco adequada», a «ausência» de uma palavra, de um comentário, de um gesto só, do Presidente da República ou até do Primeiro-Ministro, sobre a atitude dos chefes militares.

Quem cala consente? Consideram Mário Soares e Cavaco Silva correcta a ausência (deliberada?) dos chefes militares da celebração oficial do X aniversário da Constituição da República de Portugal?

Estados-Maiores ibéricos reunidos em Lisboa

Prolonga-se até sexta-feira a 32.ª Conferência Conjunta dos Estados Maiores das Forças Armadas de Portugal e de Espanha, hoje iniciada em Lisboa.

Os estados-maiores peninsulares, que se reúnem anualmente desde 1954, encontram-se institucionalizados pelo «Tratado de Amizade e Cooperação entre Portugal e Espanha», de 22 de Novembro de 1977.

Estas conferências visam a coordenação dos trabalhos necessários para pôr em prática a cooperação militar, dando particular atenção aos intercâmbios de pessoal, realização de cursos, comparação de experiências sobre métodos de instrução, assim como a execução de exercícios combinados.

A delegação portuguesa é presidida pelo general da Força Aérea, Hélder Paulino Correia, chefe do departamento operacional do Estado-Maior-General das Forças Armadas, sendo a delegação espanhola chefiada pelo general de divisão, José Ramom Pardo de Santayana y Coloma, chefe do Estado-Maior conjunto espanhol.

"Meko-2000"

Negócio das fragatas aguarda contrapartidas da RFA

Fonte portuguesa ligada às negociações para a aquisição das três fragatas «Meko», da RFA, para a Armada nacional indicou o interesse de Portugal em abrir possibilidades de exportação de novos produtos nacionais através do contrato com Bona.

A mesma fonte indicou que as negociações já só dizem respeito ao tipo de produtos que o consórcio alemão-federal «Meko» adquirirá e aos sectores em que investirá em Portugal, num montante global que seja pelo menos 90 por cento do total da comparticipação financeira portuguesa para a construção das fragatas, na ordem dos 25 milhões de contos.

Da parte alemã-federal, o objectivo é realizar as compras em sectores e produtos já com capacidade de penetração em mercados internacionais, e portanto facilmente revendíveis.

«Portugal deseja que o consórcio compre materiais ligados à indústria pesada; metalomecânica e electromecânica, ou então, em alternativa, produtos tradicionais, mas que estes sejam colocados em países que ainda não estejam abertos á produção portuguesa», indicou a fonte, citada pela ANOP.

O informador especificou que «os produtos tradicionais que os alemães-federais desejam adquirir são essencialmente adubos, têxteis, vinhos e tomates, entre outros».

«Nós estamos interessados em abrir novos mercados e em defender outros sectores da indústria», frisou.

Um delegado português do consórcio «Meko» encontrou-se na semana passada com o secretário de Estado português do Comércio Externo, para aprazar datas com os negociadores alemães-federais do consórcio, visando a continuação das negociações das contrapartidas.

A negociação para a construção de três fragatas para a Marinha portuguesa com os diferentes países da NATO está concluída. Em aberto permanece apenas a questão das contrapartidas, de acordo com o informador da ANOP.

Uma resolução governamental, emitida nos finais de 1985, exige que o consórcio construtor das três fragatas realize compras no mercado português num valor inferior a 90 por cento da comparticipação financeira nacional no projecto.

"Julgamento da queixa de Eanes contra João Gomes"

Silva Costa responde a Sousa Tavares

A propósito de referências do seu nome feitas pelo dr. Sousa Tavares na última sessão do julgamento da queixa apresentada por Ramalho Eanes, quando ainda Presidente da República, contra João Gomes, recebemos do jornalista Silva Costa, com pedido de publicação, a carta que passamos a transcrever:

«Vejo pelo «Diário de Lisboa» do dia 5 que o dr. Francisco Sousa Tavares — decerto em momento febril que sou o primeiro a compreender depois dos tombos que ele sofreu, mas num contexto ofensivo que não posso deixar passar em silêncio — se atreveu a envolver o meu nome no processo judicial que opõe o ex-Presidente da República ao jornalista João Gomes.

«Por isso lhe peço espaço mínimo para o desmentir e para esclarecer os leitores que me não conhecem:

«1.º — O trabalho na área de Comunicação Social não foi a minha principal ocupação em Belém. Mas nunca fiz propaganda, não corrompi nem ajudei a corromper jornalistas, não fiz tráfico de influências — práticas que o dr. Sousa Tavares, liberal como sempre em questões de moralidade político-jornalística, parece considerar factos banais e correntes.

«2.º — Na Presidência da República e na área da Comunicação Social só fiz informação descoberta, não-discriminatória, de que me posso orgulhar como jornalista. Sob o estatuto do «off the record» abri mesmo a todos os jornalistas, sem excessão nem privilégio, o contacto com fontes de informação a que eles nunca tinham tido acesso.

«3.º — Deixei definitivamente de trabalhar na Presidência da República, como foi público, em Agosto de 1980 e desde essa data nada me ligou a relações da Presidência da República com jornalistas nacionais ou estrangeiros, pelo que considero duplamente abusiva e difamatória a inclusão do meu nome na teia tecida pelo dr. Sousa Tavares a propósito de acontecimentos posteriores.

«4.º — Não está em causa a integridade moral do jornalista João Gomes, que defendi mesmo quando a CEUD, a que o dr. Sousa Tavares pertencia, indirectamente a contestava com motivo na orientação do suplemento «Mesa Redonda» do «Diário de Lisboa». Aliás, o jornalista João Gomes participou na conversa que precedeu o convite que recebi para ser assessor do Presidente da República e sabe perfeitamente que os pressupostos da minha colaboração foram sempre o respeito pela minha consciência e pelas regras da deontologia jornalística. Espero que o dr. Sousa Tavares ainda se lembre do que significam uma e outra coisa».

Congresso do PSD

Mota Amaral e Jardim preparam moção pro-Cavaco

Mota Amaral e Alberto João Jardim vão apresentar ao Congresso do PSD uma moção de apoio à liderança de Cavaco Silva.

Quem o disse foi o próprio Mota Amaral que no Congresso do PSD/Acores, realizado no fim de semana, viu reforçada a sua própria liderança dos sociais-democratas daquela região autónoma.

O dirigente do PSD açoriano disse ontem que tem «quatro orientacões acordadas com Alberto João Jardim como estratégia para o Congresso» de Junho.

Uma é o apoio a Cavaco, outra é uma moção conjunta e uma terceira passa pela apresentação de uma lista para o Conselho Nacional.

A quarta orientação é a defesa «intransigente» da autonomia das organizações regionais do partido, bem como «a respectiva representatividade na orgânica nacional» do PSD.

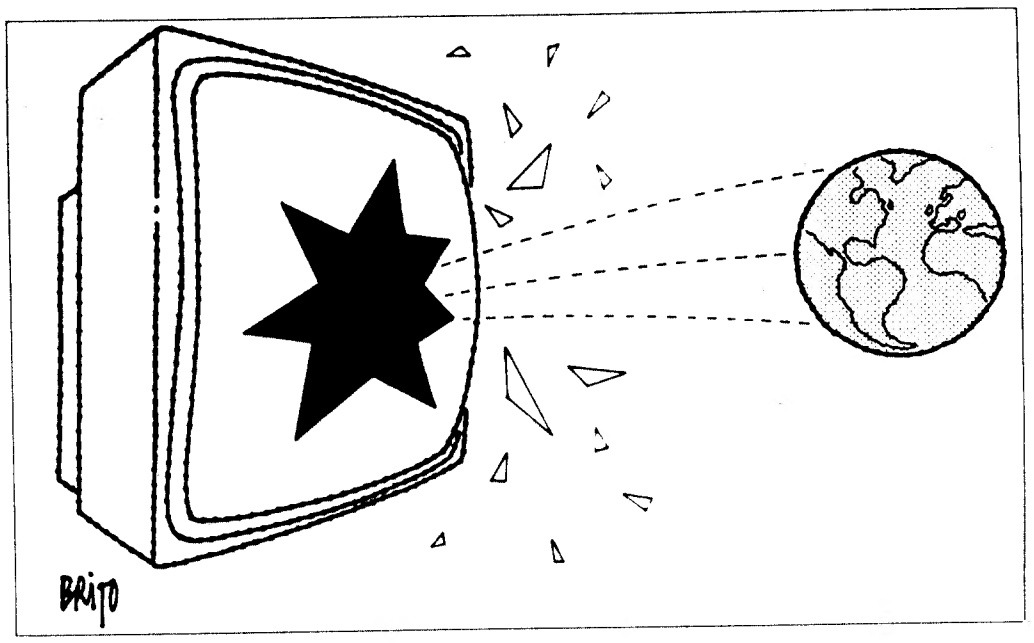
Mota Amaral, nas suas declarações, negou que tenha «qualquer intenção» de apresentar, juntamente com Jardim, uma lista para a mesa do Congresso.

ISCSP — I Jornadas de Comunicação Social

Urgentes mudanças ao nível do "suporte electrónico"

— defende Soares Louro

A comunicação social portuguesa só poderá responder à «concorrência transnacional» se fizer mudanças ao nível do «suporte electrónico» e se expressar o que é nacional — afirmou João Soares Louro, ex-presidente do Conselho de Administração da RTP, no decurso do painel «Comunicação Social em Portugal: contexto actual e perspectivas futuras», que integrou o primeiro dia das I Jornadas de Comunicação Social, iniciativa dos estudantes deste curso do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, em cuja cerimónia de abertura esteve o ministro da Educação e Cultura, João de Deus Pinheiro.



No entender de Soares Louro, que falava especificamente sobre meios electrónicos, a resposta à «concorrência transnacional» só poderá ser feita pela «recriação de uma arquitectura dos meios de suporte electrónico» que «mantenha a expressão do que é a sociedade portuguesa».

Sobre as leis que regem os «media»

Soares Louro, que traçou um quadro daquilo que considera que é hoje a realidade da comunicação social portuguesa, considerou a Lei de Imprensa portuguesa «capaz», a lei de cinema «satisfatória», a lei da publicidade «restritiva» e a da rádio «mais ao modelo dos países de leste que do ocidente».

O conferencista, que se pronunciou a favor da diversificação das empresas jornalísticas («Quanto mais vozes melhor está defendida a democracia»), defendeu, no entanto, a existência de apenas uma agência noticiosa, «devido à dimensão do País».

Falando concretamente sobre o cinema, Soares Louro disse que ele se tem vindo a tornar «um fenómeno cada vez mais urbano», ressentindo-se das dificuldades provocadas pela ausência de «formação profissional e de meios capazes».

Defendendo a cooperação com entidades estrangeiras como forma de estimular a actividade cinematográfica e considerando que os apoios de que o cinema actualmente beneficia só se ajustam às necessidades, Soares Louro afirmou que «a produção de bens culturais pode ser rendível e deve ser encarada como fonte de divisas».

Publicidade e agências

Quanto à publicidade, que definiu como «suporte essencial dos meios de Comunicação Social», Soares Louro sublinhou que Portugal é o país com os mais baixos investimentos publicitários de toda a Europa.

«Não teremos ultrapassado os dez milhões em 1985, ficaremos em menos de 13 em 1986, enquanto a Espanha, por exemplo, tem investimentos nesta área 25 vezes superiores aos nossos.»

Também no sector da publicidade, Soares Louro pensa que o número de 130 agências é excessivo face à realidade nacional, tanto mais que, na sua maior parte, não são «de serviço completo».

Sobre a actividade das agências noticiosas portuguesas, louvou o seu trabalho, apontou como problema «a falta de meios financeiros próprios e a pobreza dos seus clientes», mas assinalou que, «apesar de mal remuneradas, alimentam mais de 50 por cento do espaço dos jornais, nalguns casos mais».

1836 - 1986
150º aniversário

Poder Local
ao serviço
do Desporto

Câmara Municipal do
SEIXAL

com a População,
as Colectividades e as Escolas

um concelho sem idade
RUMO AO FUTURO

cms · sc

1886 · 1986

centenário
da fundação
do município
de Loures

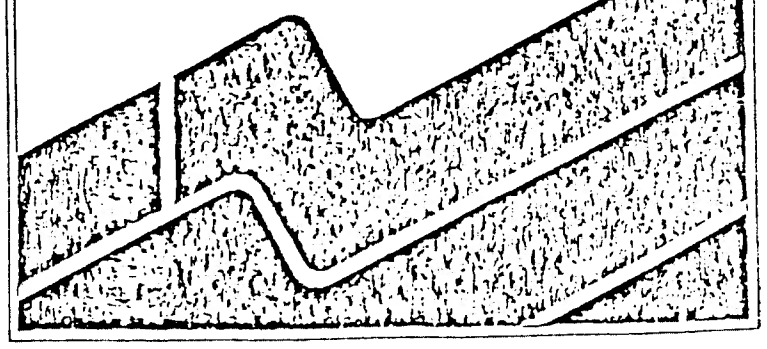
«Em Loures, o futuro já começou!» A frase utilizada pela juventude é particularmente feliz. Descontada a exaltação juvenil, deixa transparecer uma confiança que é, só por si, uma garantia de progresso.

Os problemas do concelho são grandes e os meios para os resolver exíguos. Loures, no tempo de uma geração, passou de cem mil habitantes para mais de 300 mil e a sua tradicional feição rural alterou-se profundamente. Tornou-se uma imensa metrópole de betão e asfalto onde, infelizmente, gigantismo não é sinónimo nem de grandeza nem de beleza.

A vontade humana, porém, é mais forte. Com determinação e unidade pode transformar o que parecia irreversivelmente condenado num espaço edénico.

Confiança nas capacidades próprias e confiança nos outros é a primeira regra a marcar-nos o rumo da vitória quando metemos ombros a tarefas difíceis. Em Loures o caminho não foi diferente.

Há ainda problemas básicos a resolver. Mas é com a consciência tranquila que iniciamos um novo mandato, seguros de ter lançado os fundamentos para a construção de um concelho de futuro. Uma terra onde haja espaços verdes, onde viver não seja uma corrida contra o tempo, onde as crianças tenham o carinho como direito e não como privilégio, onde os idosos possam usufruir o lazer merecido de uma vida de trabalho, onde a juventude seja uma promessa de futuro — onde a multidão não seja mais solitária, mas um colectivo, diferente entre si, necessariamente, onde a vida, é uma alegria que merece ser vivida.



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

Se Câmara autorizar, mudança é em 1988

Santa Casa da Misericórdia prepara transferência de serviços para Loures

As futuras instalações da Lotaria, Totobola e Totoloto poderão vir a ser transferidas para Loures em terrenos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — soube hoje a agência NP.

O provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, José Damasceno de Campos, disse que se o município de Loures aprovar «as nossas pretensões as novas instalações da Lotaria, Totobola e Totoloto estarão concluídas em 1988».

Damasceno de Campos acrescentou que solicitou ao município de Loures a autorização para a construção das instalações em terreno que pertence à Santa Casa da Misericórdia, na Quinta do Regedor, com uma área de 6.000 metros quadrados.

Aquele responsável acrescentou que o anteprojecto para a instalação da Lotaria Nacional, na Avenida da Liberdade ficou sem efeito.

Acrescentou que não tinha razão de ser, a Lotaria Nacional considerada serviço industrial, ficar instalada numa das zonas mais caras da capital.

O provedor da Santa Casa da Misericórdia acrescentou que o local onde iria ser instalada a Lotaria será alugado, o mesmo acontecendo às instalações do Totobola e Totoloto.

A Lotaria Nacional encontra-se há mais de dois séculos nas instalações da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Um informador da Câmara Municipal de Loures contactado pela NP disse que a vereação ainda não reuniu para decidir quanto à pretensão da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Constituída Sociedade Portuguesa de Sociologia Rural

Os estudos rurais podem ser de grande utilidade prática na elaboração e definição das políticas integradas agrícolas e sociais dirigidas ao mundo rural, disse à Anop Manuel Villaverde Cabral, director da Biblioteca Nacional.

Villaverde Cabral, que presidiu ao Congresso de Sociologia Rural, que decorreu em Braga de 1 a 4 de Abril, falava na cerimónia de legalização da Sociedade Portuguesa de Sociologia Rural.

Formada por investigadores e cientistas que «se interessam pelos problemas rurais», a sociedade visa a «congregação das diferentes perspectivas científicas sobre o meio rural», disse por seu lado Afonso de Barros, membro da sociedade.

Ainda em fase de instalação, «apesar de já legalizada», prosseguiu Afonso de Barros, «a Sociedade Portuguesa de Sociologia Rural pretende integrar os problemas do mundo rural na sociedade em geral». «Têm havido bastantes progressos no campo da sociologia rural e achamos que é ocasião de tentar unir os esforços de diversos cientistas — historiadores, sociólogos, economistas, antropólogos e geógrafos — e dar corpo ao amadurecimento que se tem verificado», disse.

Manuel Villaverde Cabral referiu, por seu lado, que «um grande número de cientistas foi obrigado pelas circunstâncias a colaborar de uma forma mais estreita na formação da sociedade e, consequentemente no estudo dos problemas do mundo rural». «Num País como o nosso, no momento da adesão de Portugal à CEE, os estudos rurais podem, sem perder a sua independência, ser de grande utilidade prática para a elaboração e correcção das políticas dirigidas ao mundo rural», concluiu.

APU de Cascais contra orçamento da Câmara

O Plano e Orçamento da Câmara de Cascais «não resolve os problemas do concelho», assumindo a forma de «uma listagem de intenções demagógicas, sem qualquer viabilidade de execução prática», consideram os vereadores da APU.

Aqueles autarcas, depois de referirem que o Plano e o Orçamento são da responsabilidade do PSD, afirmam que mais de 50 por cento das acções previstas «não têm verba assegurada» o que foi admitido pelos próprios vereadores sociais-democratas na discussão.

«As prioridades vão para projectos de luxo — piscinas atlânticas, Autódromo do Estoril, Aeródromo de Tires, clínicas de ténis que representam centenas de milhares de contos, desprezando outras opções», que são «questões de fundo que dizem respeito à maioria da população do concelho».

Entre tais questões salientam-se os problemas dos bairros clandestinos e a habitação em geral, a rede viária, a saúde, a cultura, tempos livres, infantários e centros da terceira idade.

Salienta a APU que apresentou à discussão 31 propostas contemplando aquelas e outras áreas de intervenção, além de «três propostas de fundo com vista ao arranque dos planos municipais de habitação, recuperação de clandestinos e viário», mas que a maioria PSD da Câmara, não admitiu tais propostas, mostrando «um comportamento antidemocrático, o que provocou também os protestos de outras forças políticas, nomeadamente do PRD e do PS»

Entretanto, os vereadores da Aliança Povo Unido denunciam que, por «falta de peças e equipamento e esgotamento de 'stocks'» se encontram paralisadas 18 viaturas da frota da Câmara.

De acordo com um comunicado divulgado à Imprensa, «tal situação impossibilita a colaboração com os organismos sociais do Concelho e vem provocando uma crescente dificuldade na recolha do lixo». O texto sublinha que, aquando da atribuição de pelouros, a maioria PSD «afirmou que tinha capacidade para gerir sozinha a Câmara de Cascais» mas que, no anterior mandato, «este pelouro foi da responsabilidade da APU e a gestão efectuada não mereceu críticas». «A situação que hoje se verifica, seria impensável se a gestão continuasse a ser da APU», finaliza o comunicado.

Condições propícias a recorde na CEE

Álcool é a "droga" ibérica

O psiquiatra Fernandes da Fonseca disse ontem à Anop que «o álcool substitui a droga na Península Ibérica, onde a taxa de alcoolismo atinge índices mais elevados que nos restantes países da Comunidade Europeia».

O director dos Serviços de Psiquiatria do Hospital de S. João, do Porto, entidade promotora do segundo Simpósio Nacional sobre Alcoolismo, que se inicia sexta-feira naquele estabelecimento hospitalar, salientou que os condicionalismos que levam à «grande incidência de alcoolismo em Portugal e Espanha são praticamente os mesmos».

«Portugal e Espanha são países produtores de vinho por excelência, onde a disponibilidade, acesso fácil e a comercialização activa desse produto contribui e estimula a prática e abuso do álcool» — frisou Fernandes da Fonseca.

O segundo Simpósio Nacional sobre Alcoolismo reunirá, de 11 a 13 de Abril, no Hospital de S. João e no Lar do Comércio, na Maia, mais de três centenas de especialistas que debaterão aspectos psicológicos, clínicos, sociais e médico-legais dos alcoólicos.

O encontro terá a participação de psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e alcoólicos recuperados de Portugal e Espanha.

Funcionário da CML enforcado em Carnide

Num barracão localizado na horta que possuia junto ao Bairro Padre Cruz, em Carnide, apareceu enforcado José Simões Oliveira, de 48 anos, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa. A Polícia Judiciária aguarda o resultado da autópsia, embora tudo indique tratar-se de um caso de suicídio. Acontece que José Oliveira sendo uma pessoa normalmente bem disposta, dizia às vezes à mulher, em jeito de «humor negro» que qualquer dia se matava.

Choques de automóveis vitimou pai e filho

Pai e filho morreram num acidente de viação ocorrido no Alto da Serra, no concelho de Valongo, em que morreu mais uma pessoa e uma outra ficou em estado grave. As vítimas mortais, resultantes do choque frontal de dois automóveis, são Horácio de Sousa Martins, de 64 anos, viúvo, o seu filho António Alberto Pacheco Sousa Martins, casado, de 34 anos, ambos residentes em Matosinhos e Abílio Leite Pereira, de 43, que morava em Bouças, Lousada. Quanto ao ferido trata-se de José Costa dos Santos, de 30 anos, residente em Valongo.

Presumível assassino capturado nos Açores

A PSP deteve, em Angra do Heroísmo, um indivíduo de 21 anos suspeito de ter assassinado no domingo, naquela cidade açoriana, o marítimo José Vaz Leite, de 34 anos, natural da Vila do Nordeste, na ilha de S. Miguel. O crime, praticado com arma branca, ficou a dever-se ao facto de José Leite se ter recusado a pagar as dívidas que tinha para com o presumível agressor.

Emitiu em Coimbra 29 cheques "carecas"

A Polícia Judiciária deteve um comerciante acusado de ter emitido 29 cheques «carecas», no valor de dois mil contos, com que adquiriu electrodomésticos em estabelecimentos localizados em Coimbra e nos arredores. A PJ recuperou parte dos artigos e apreendeu ao comerciante uma pistola não legalizada de 6.35, com carregador e munições, bem como a viatura por ele utilizada na sua actividade delituosa.

Sentença veio dez meses depois

Condenações para doze reclusos que tentaram fugir de Coimbra

Doze reclusos que no ano passado tentaram evadir-se do Estabelecimento Prisional Regional da Cadeia de Coimbra foram condenados a penas de dois a cinco anos de prisão, apurou a NP de fonte judicial.

Os réus protagonizaram uma tentativa de fuga na noite de 22 para 23 de Julho do ano passado.

Nessa altura, dois conseguiram abrir a porta da respectiva cela, por dentro, e imobilizaram dois guardas prisionais, tirando-lhes as chaves de outras celas.

Os presos retrocederam quando se preparavam para passar um portão que dá acesso ao pátio interior da cadeia, mas tentaram ainda usar os dois guardas como protecção.

Tentaram depois negociar a sua libertação em troca com a dos guardas, mas um destes conseguiu fugir-lhes, e acabaram por render-se mais tarde.

Onze dos doze reclusos encontravam-se em regime de prisão preventiva e o outro cumpria uma pena de perto de sete anos.

Quatro reclusos considerados principais responsáveis pelo motim foram condenados a cinco anos de prisão. Dois foram condenados a 4 anos, um a três, e três a dois anos e meio. Outros dois foram condenados a dois anos de prisão, mas a pena foi suspensa por três anos.

Entre os réus a quem foi aplicada a pena de cinco anos conta-se um belga, condenado também a abandonar Portugal depois de cumprir a pena.

Vinte anos de cadeia por matarem gasolineiro

Dois indivíduos que, na noite de 20 de Junho de 1984, assassinaram, nos arredores do Porto, para roubarem 104 contos o gasolineiro António Augusto Monteiro, de 53 anos, acabam de ser condenados no Tribunal Criminal daquela cidade à pena máxima prevista na lei, ou seja a 20 anos de cadeia. Laureano Pinto Moreira, de 31 anos, natural de Rio Tinto, e Fernando Joaquim da Silva Vieira, de 26, de Gondomar, que actuaram juntamente com um terceiro assaltante, entretanto falecido na cadeia de Alcoentre, mataram o gasolineiro a tiros de caçadeira de canos serrados. Os réus ficaram ainda obrigados ao pagamento de uma indemnização de mil contos à família da vítima.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Confusão na camisaria ocidental

Os Estados Unidos estão levantando dificuldades à importação de camisas portuguesas.
Em contrapartida, e por intermédio da sua instalação militar em bases portuguesas, os Estados Unidos estão a exportar para Portugal uma camisa... de onze varas.

Mas onde é, onde é que estão?...

Com a descida nos preços do petróleo, entraram já em Portugal muitos e muitos milhões de contos. Lá que entraram, entraram. Mas onde diabo se terão metido que ninguém os vê?...

A ambição do Tonecas

— Quando fores crescido, o que é que tu queres ser?
— Quero ser presidente dos Estados Unidos.
— Para quê?
— Para aparecer todos os dias no Telejornal.

Aquela comovedora reportagem...

Foi realmente deveras impressionante aquela homenagem aos bombeiros mortos no incêndio. Ai o ministro falou tão bem, palavras tão bonitas...
Os filhos dos bombeiros mortos, esses, continuam ao desamparo.

Oh, a inocência das crianças!

A crítica mais feroz à televisão portuguesa foi feita por aquela criança inocente que, durante o filme da destruição de Pompeia, perguntou à mãe se aquilo eram imagens de arquivo.

Deficiências no Telejornal

O locutor do Telejornal, em Lisboa, pergunta qualquer coisa ao seu entrevistado, em Paris. Este diz que não ouviu bem a pergunta.
Pois. Os locutores falam tão baixinho...

...Ou a lógica é uma batata

As crianças portugueses são as que, em todo o mundo, mais cedo aprendem a ler.
Isto foi o que concluiu um espectador estrangeiro ao ver na televisão filmes para criancinhas, legendados.

Toma lá, dá cá, o que é que há?...

O Governo pretende ceder um canal de televisão à Igreja. Muitos cristãos assustam-se porque não sabem o que a Igreja pretende ceder ao Governo.

Notícia potencial no Telejornal

A televisão da África do Sul vai passar a apresentar o boletim meteorológico na emissão para os negros. Reagan encara o facto como uma medida positiva contra o «apartheid».

FESTRU e ANTRAM reúnem amanhã

Greve dos TIR imobiliza mais de 800 camiões

Cerca de 850 camiões TIR estão imobilizados nas fronteiras de Vilar Formoso e Caia e junto ao terminal de Alverca, na sequência da greve convocada pela Federação Sindical do sector, FESTRU. Amanhã pelas 10 horas, no Ministério do Trabalho, sindicato e entidade patronal terão uma reunião de conciliação.

«O Ministério do Trabalho convocou uma reunião entre as duas partes, ontem às 19 horas, mas a ANTRAM recusou-se a estar presente», declarou ao «DL» uma fonte sindical.

Da parte da entidade patronal o entendimento é outro: «chegou-se a um entendimento de que não se faria a reunião ontem, mas amanhã às 10 horas», revelou um informador.

Este é apenas um exemplo, colhido esta manhã, das divergências que têm marcado os contactos entre a FESTRU e a ANTRAM. Enquanto esta última revela ter negociado com sindicatos do sector um aumento de 18,4 por cento que a FESTRU se recusou a aceitar, tendo entregue um pré-aviso de greve no dia do segundo encontro de negociações, a Federação Sindical, pretende saber com quem, como e quando foi negociado esse aumento, indicando que essa proposta nunca lhe foi apresentada.

Caso a reunião de amanhã não seja bem sucedida, decorrerá nova paralisações das zero horas do próximo dia 14 às 24 de 16, abrangendo os motoristas não TIR, enquanto que os trabalhadores do TIR de Alverca decidiram prolongar a greve até à revisão do contrato colectivo de trabalho.

Por seu lado, a ANTRAM, em comunicado hoje publicado na Imprensa afirma que os transitários não se responsabilizam pelo cumprimento de quaisquer prazos de entrega de mercadorias devido à greve, e um seu informador esclareceu que desde há muito que a Associação patronal vem pedindo uma audiência ao Ministério da Administração Interna, «porque entendemos que-não se trata de um problema de ordem laboral, mas de ordem pública». «A ANTRAM», continuou o mesmo informador, «advoga que quem queira sair com um carro o possa fazer livremente, sem coacção».

A nível de contactos, também a FESTRU tem vindo a sensibilizar os grupos parlamentares da Assembleia da República para que pressionem o Ministério do Trabalho no sentido de se desenvolverem as negociações.

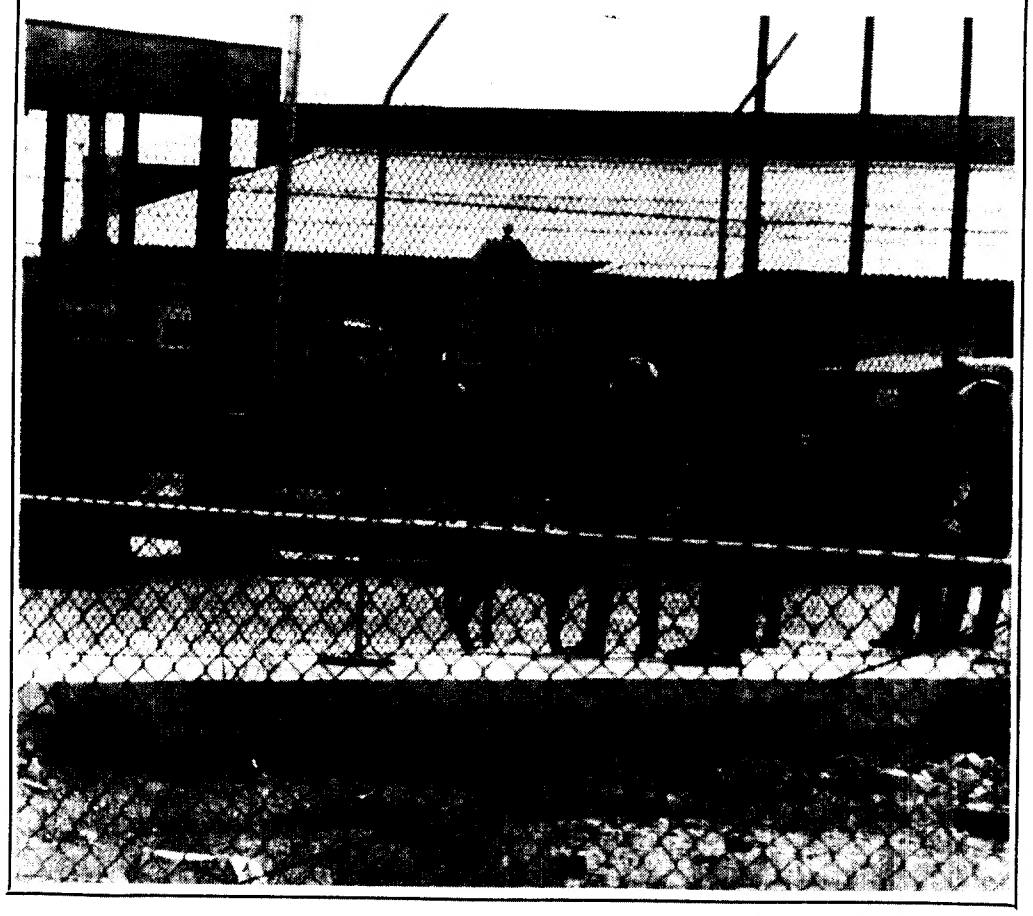
Solidariedade na fronteira

Camionistas de nacionalidade estrangeira de camiões TIR interromperam ontem a sua marcha na área da fronteira de Vilar Formoso face ao bloqueio realizado desde a manhã, naquela fronteira, pelos seus colegas portugueses, apesar de poderem circular pelas faixas paralelas àquelas onde se encontram os portugueses. A paragem foi considerada como «solidariedade face à greve realizada pelos motoristas portugueses em defesa de melhores salários e de condições de trabalho». Durante esta noite, junto a fogueiras, os camionistas mantiveram a sua posição, depois de no fim da tarde de ontem a Guarda Nacional Republicana ter tentado, com a utilização de uma grua, desbloquear a passagem para pesados na fronteira.

Em contacto esta manhã com aquela fronteira, um informador da Guarda Fiscal, declarou ao «DL» que junto à fronteira, do lado português e do espanhol, se encontram mais de três dezenas de camiões TIR nacionais e estrangeiros. A mesma fonte afirmou que, ao longo dos 50 quilómetros que unem a cidade da Guarda do posto fronteiriço de Vilar Formoso, se encontram concentrados muitos outros camionistas.

Recorda-se que a Federação Sindical reivindica um aumento de 21 por cento nos salários e pretende melhores condições de trabalho, nomeadamente a existência nas cabinas de uma «chaufage» de parque, que funcione mesmo com o motor do veículo desligado, um subsídio de deslocação de mil escudos diários, um subsídio de refeição diária de cinco mil escudos e o pagamento de 2,5 escudos por quilómetro percorrido.

Joaquim Santos, dirigente da FESTRU, precisou à Anop que os «camionistas portugueses neste tipo de transportes são os mais mal pagos da Europa e têm uma diferença salarial relativamente aos países da CEE de 100 mil escudos.



Adelaide Cabral expõe no Porto

Maria Adelaide Cabral inaugura hoje uma exposição de pintura na Galeria de «O Primeiro de Janeiro» — Rua de St.ª Catarina, 326, no Porto, que aí decorrerá até ao próximo dia 16.

Tendo-se iniciado na pintura com Alice Jorge e estudado desenho com vários Mestres, entre os quais, Lima de Freitas, Adelaide Cabral já realizou, desde 1976, 20 exposições individuais em várias cidades do País tendo ainda participado em 28 exposições colectivas.

Várias vezes premiada, está representada em diversas colecções particulares portuguesas e estrangeiras. Possuidora de uma boa técnica e denotando uma vibrante nota cromática e agilidade na ocupação dos espaços, Maria Adelaide Cabral, ama a água e o céu, mas dedica ainda atenção especial à noite e às flores.

FILAGRO

SALÃO INTERNACIONAL DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA

9/13 ABRIL/86

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

15/23 Horas

Portugal fabrica 70 por cento dos medicamentos que vende

Portugal fabrica cerca de 70 por cento dos 3586 medicamentos que são comercializados no mercado. Em crescente ascensão, a indústria farmacêutica nacional é responsável pela produção de cerca de 2540 dos 3586 medicamentos à venda nas nossas farmácias.

De acordo com João Marcolino, responsável da Direcção-Geral dos Assuntos Farmacêuticos, os referidos 3586 medicamentos existentes são vendidos sob 4880 formas farmacêuticas e com 6625 apresentações.

Durante o seminário sobre o Uso Racional dos Medicamentos, hoje inaugurado em Lisboa, foi igualmente afirmado que a lista oficial de medicamentos especializados comparticipáveis pelos serviços de saúde engloba 2554 produtos vendidos sob 3660 formas farmacêuticas.

Esta lista inclui os medicamentos que constam da lista de medicamentos essenciais elaborada pela Organização Mundial de Saúde e outros «assegurando em Portugal um nível terapêutico semelhante ao dos países mais desenvolvidos», afirmou João Marcolino dos Santos.

O peso dos medicamentos nos custos globais do Serviço Nacional de Saúde corresponde a 17 por cento e é superior ao dos outros países d Europa, mas — para João Marcolino dos Santos — «esta diferença não tem verdadeiro significado».

«Noutros países, os serviços hospitalares dispensam cuidados mais aperfeiçoados e são mais caros, fazendo diminuir o peso dos medicamentos nos custos globais da Saúde», acrescentou.

Interrogado acerca da prática da automedicação em Portugal, João Marcolino dos Santos referiu que ela é seguida por cerca de 10 por cento da população. Na Suíça, por exemplo, 30 por cento da população costuma automedicar-se. «Quanto maior é o nível sanitário da população, maior é a tendência para a automedicação», acrescentou.

Anunciou ontem Beleza em Faro

Hospitais do Algarve vão ter "plano de emergência" no Verão

A ministra da Saúde anunciou ontem em Faro que será implantada no próximo Verão no Algarve «uma estrutura de saúde com o objectivo de aumentar a capacidade de resposta das urgências nos hospitais». Leonor Beleza acrescentou que esse reforço irá incidir, fundamentalmente, nos hospitais de Faro e Portimão, dado serem as unidades mais solicitadas durante a época alta turística.

A medida é justificada pelo facto de o Algarve enfrentar os problemas derivados da sazonalidade turística, com uma flutuação de população que no Verão chega a triplicar. «Isso significa não só um maior movimento nas urgências, como, também, problemas de saúde diferentes do resto do território» — disse Beleza.

O Hospital de Faro está sem Conselho de Gerência há cerca de dois ano sem virtude do anterior titular da pasta da Saúde não ter ratificado as eleições para aquele órgão de gestão. Leonor Beleza declarou ontem que se trata de «uma situação anómala que vai ser corrigida». Nesse sentido revelou que já homologou aquelas eleições, adiantando que o Conselho de Gerência designado poderá vir a tomar posse nos próximos dias.

A ministra da Saúde visitou ontem os três hospitais distritais algarvios afirmou que, em relação às unidades de Portimão e Lagos, «é necessário estudar se se devem manter as duas unidades nos moldes actuais ou, eventualmente, criar uma estrutura diferente».

CONCURSO

MÉXICO mundial

o diário

as grandes figuras do futebol mundial

DEZENAS DE PRÉMIOS:

DOIS AUTOMÓVEIS
VIAGEM A ROMA PARA DUAS PESSOAS
VÍDEOS E TELEVISORES
MÁQUINAS DE LAVAR

É FÁCIL, COLECCIONA-SE COMPRE o diário A PARTIR DE 14 DE ABRIL

Lisboa: um clínico para 1 500 pessoas

Serviços de Saúde da capital têm falta de centenas de enfermeiros

Os Serviços de Saúde de Lisboa lutam com a falta de centenas de enfermeiros. A abertura de concursos para provimento de vagas não tem, ao contrário do que se esperava, contribuído para resolver o problema, uma vez que há muitas vagas que continuam por preencher. E como se essa falta já não fosse bastante, há ainda a qualidade do ensino que é apontado como causa próxima de baixa popularidade da área de enfermagem. Bem ao contrário, na cidade de Lisboa há um clínico para cerca de mil e quinhentas pessoas.

Estes e outros problemas e carências da área metropolitana da capital foram discutidos durante o Encontro de Saúde de Lisboa, cuja sessão de encerramento decorreu ontem e foi assinalada por uma intervenção de Fernando Melo, presidente da Assistência Regional de Lisboa. Política urbanística, educação, promoção de saúde, infra-estruturas para a saúde e cuidados de saúde para populações vulneráveis foram vários dos temas tratados durante esta reunião magna.

Mas não só: também a habitação, a alimentação, o emprego, a segurança social, o ambiente e o ordenamento urbanístico foram temas de análise dos participantes nos trabalhos, que pretenderam colocar os técnicos perante os problemas e dar a conhecer as áreas de acção onde trabalham.

No decurso dos trabalhos foi assinalado que em Lisboa existe um clínico para cerca de 1500 pessoas e os principais problemas dos Serviços de Saúde devem-se à grande intensidade da procura dos serviços e das consultas urgentes.

Portugal não tem ainda um Centro de Farmacovigilância

A Direcção-Geral de Assuntos Farmacêutricos deverá vir a propor à ministra da Saúde (que ontem anunciou no Algarve o Plano Director para um novo hospital em Portimão) a constituição de um grupo de trabalho para o estudo da criação em Portugal de um Centro de Farmacovigilância.

Portugal é, neste aspecto, o único País da CEE que não possui um organismo centralizador dos efeitos inesperados dos medicamentos, disse a chefe de Divisão de Informação da DGSA.

Maria José Justo explicou que os laboratórios de produtos farmacêuticos têm de demonstrar que os medicamentos que vão introduzir no mercado têm vantagens para a saúde pública e, embora «todos os medicamentos tenham uma acção benéfica podem, (por vezes), causar efeitos indesejáveis de maior ou menor gravidade».

São as chamadas reacções adversas que surgem após o medicamento entrar no circuito comercial e cujo estudo de causa-efeito, efectuado por comissões de peritos (de acordo com regras da Organização Mundial de Saúde) pode levar à retirada total ou apenas de alguns componentes do remédio.

Cada país possui um organismo centralizador de todos os casos analisados e envia o estudo para o Centro Internacional da Suécia, que fundamenta, por sua vez, os relatórios da Organização Mundial de Saúde.

Em Portugal, a Farmacovigilância faz-se a nível hospitalar, não existindo (como na maioria dos países) um órgão centralizador das reacções adversas, ou seja, dos efeitos inesperados.

Para a sua criação, está a ser organizado um «dossier» que será entregue a Leonor Beleza como resultado de diversas reuniões que têm sido efectuadas.

Nesse âmbito, foi também solicitada à Organização Mundial de Saúde a visita de duas técnicas portuguesas ao Centro Internacional de Upsala, na Suécia, e a realização de um simpósio da especialidade, previsto para final do ano.

Curso para jovens desempregados...

Crianças e 3.ª idade asseguram apoio do Fundo Social Europeu

O Centro de Bem-Estar Infantil de Alverca inaugura esta tarde o primeiro de dois cursos de Formação Profissional de preparação técnico-pedagógica aberto a jovens entre os 14 e os 25 anos, com duração de 47 semanas. A iniciativa do CEBI, destinada à educação infantil e à Terceira Idade, é aberta a pessoal de outras Instituições Particulares de Solidariedade Social e financiada pelo Fundo Social Europeu e pela Segurança Social — disse ao «DL» o presidente da instituição que lidera o processo.

É o primeiro curso que se efectua em Portugal nesta área e moldes, na sequência da adesão de Portugal à CEE e do apoio social que dele reverte através do fundo acima referido. Ainda este ano, um outro curso decorrerá na órbita do CEBI e visando promover a formação pedagógica de jovens entre aquelas idades «que revelem dificuldades de emprego por ausência ou insuficiência de formação profissional», frisou José Álvaro Vidal, pioneiro deste tipo de cursos entre nós.

Os dois cursos de formação profissional que nas várias valências o CEBI promove, beneficiarão cento e vinte jovens para o desempenho de ajudante de creche e de jardim de infância, ajudantes de lar e de centro de dia, vigilantes, e ajudantes de enfermaria e técnico-administrativo.

«Os jovens assim preparados, uma vez completada a sua formação profissional — acrescentou o presidente do CEBI e da União das Instituições Particulares de Solidariedade Social —, serão capazes de prestar ajuda técnica com carácter educativo e social a grupos e comunidades e realizar, dinamizar e apoiar actividades de carácter cultural, recreativo e de tempos livres para crianças, adolescentes, jovens e pessoas idosas».

Os cursos terão a duração, cada um, de 1880 horas e, como atrás referimos, prolongar-se-ão por 47 semanas. O primeiro deles, é esta tarde inaugurado no Cine-Teatro de Alverca, onde Helena Maria Rebelo Pinto, técnica da Segurança Social, proferirá a lição inaugural.

Função Pública esqueceu trabalhadores

Trabalhadores das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) reivindicaram em Faro a aplicação do aumento salarial em vigor para a Função Pública.

Representando cerca de duas dezenas de instituições, exigiram também apoio técnico e financeiro às instituições como forma de manter a qualidade dos serviços prestados. Recorde-se que há não muito tempo o «DL» publicou uma entrevista com o presidente da União das IPSS, José Vidal, na qual foram abordados os vários problemas com que esta vastíssima área social se defronta. A deputada Margarida Tengarrinha levou em devido tempo ao Parlamento, por outro lado, as dificuldades das instituições algarvias — comuns a todas as outras.

Aqueles trabalhadores salientaram que, apesar da situação difícil que atravessa o sector, na prática «vem substituindo os organismos oficiais na área da acção social directa».

Dão como exemplo que 90 por cento da capacidade de utilização dos diversos equipamentos existentes nas áreas da infância, juventude e Terceira Idade e deficientes pertencem ou pertenceram às IPSS. E criticaram os organismos oficiais de não assumirem o papel constitucional definido no apoio às faixas da população carenciada de integração social — disseram.

Durante o encontro foram também eleitos 15 delegados que irão participar no V Encontro Nacional das Organizações Regionais de Trabalhadores da Segurança Social a realizar em Lisboa, quinta e sexta-feira próximas.

Réu garante que o director-geral dos Serviços Prisionais foi morto pelas FP-25

Juiz Ricardo "superstar"... de Monsanto

O atentado que custou a vida ao director-geral dos Serviços Prisionais, Castelo Branco, foi cometido pelas FP-25, disse ontem no Tribunal de Monsanto, no decorrer da 96.ª sessão do julgamento do caso FUP/FP-25, o réu Fernando Rodrigues da Silva, conhecido pela alcunha de «Faia». «Estou informado pela minha organização de que se tratou de uma acção das FP-25», disse o arguido, o primeiro não «arrependido» a assumir-se neste julgamento como membro daquela formação.

O colectivo do Tribunal de Monsanto: Nunes Ricardo (esquerda), Adelino Salvado (centro) e Queirós Ferreira (direita)

O atentado, indicou ainda, «constituiu uma resposta à situação de repressão, ilegalidade e inconstitucionalidade que Castelo Branco introduziu no estabelecimento prisional de Lisboa e nas cadeias onde se encontram 10 000 outros presos».

O juiz-presidente, Adelino Salvado, fez exarar a declaração na acta e mandou extrair certidão desta, para enviar ao juiz de Instrução Criminal a quem foi confiado o processo do atentado.

Gaspar Castelo Branco foi morto por dois indivíduos com um tiro na cabeça, em 15 de Fevereiro passado, perto da sua residência em Lisboa, quando regressava de compras para o jantar.

Na primeira parte da sessão de ontem, o réu, confrontado com um documento apreendido em sedes da FUP onde se definem «níveis de violência», designadamente «acções contra a vida de inimigos», disse que só o discutiria se o juiz-presidente considerasse o julgamento como «político».

«Efectivamente não o considero político, e no que toca à eliminação de pessoas muito menos» — respondeu o magistrado, acrescentando que «se isto fosse um julgamento político» não o faria. Adelino Salvado sublinhou ainda que em termos de enquadramento legal as acções imputadas às FP-25 são homicídios, roubos e tentativas de homicídio».

«Não discuto com um juiz que diz que este julgamento não é político», retorquiu Fernando Rodrigues da Silva.

Atenção feministas...

Depois do intervalo a sessão foi preenchida na sua quase totalidade pelo interrogatório-diálogo conduzido pelo juiz vogal Ricardo. Um gozo pegado, com fartas gargalhadas dos poucos jornalistas que tiveram a possibilidade de a tudo assistir pelo circuito interno de televisão instalado em Monsanto.

O juiz Ricardo é, na verdade, impagável. Começou por perguntar ao réu que idade tinha quando surgiu o 25 de Abril (15 anos); quis saber depois se com essa idade estava na JOC; interrogou-o quanto aos seus sentimentos cristãos; falou em «militância diletante», «participação evangélica» e «violência profiláctica» (tudo em referência à Juventude Operária Católica); avançou na tentativa de demonstrar que o réu se metera nas actividades do PRP e das FP-25 sem ter tempo de «cair em si», tão novo entrara nessas andanças, em pleno processo revolucionário, num turbilhão de acontecimentos que não dava nem para respirar; pareceu concluir que por isso mesmo o réu «não tendo tempo para viver nem para mastigar as coisas» não seria uma pessoa equilibrada (no que foi rebatido por Rodrigues da Silva); entrou em diálogo com o réu na aparente tentativa de definir o que é ou não é violência, acabando por querer demonstrar ao seu interlocutor que havia analogias entre a violência selectiva das FP-25 e a violência igualmente selectiva dos nazis e dos fascistas; e talvez sem dar por isso gastou longos minutos num blá-blá-blá enfadonho em que discutiu com o réu questões como justiça revolucionária e justiça burguesa, poder popular, etc., etc. E aí juiz e réu estiveram bem um para o outro, tal a pobreza e a confusão de conceitos.

Nesse período três pontos merecem registo. A saber:

O mais curioso de tudo, porém, surgiu depois de o réu ter pedido cinco minutos de intervalo para satisfazer as suas necessidades fisiológicas. (**Até os revolucionários têm que ir à casa de banho** — opinou muito justamente o réu, depois de pedir desculpa ao juiz por ter interrompido o fio da sua exposição...).

1 — O juiz Ricardo admitiu a certa altura que na pergunta que estava a fazer ao réu havia «um certo sofisma»;

2 — O mesmo juiz admitiu também «não ser descabida» a tese do réu segundo a qual a DCCB era o embrião de uma polícia política.

3 — Ainda o mesmo juiz confessou que uma coisa lhe fazia confusão. Cuja é a seguinte, na linguagem expressiva utilizada ao dirigir-se a Rodrigues da Silva: «Vocês estão sempre a dizer as massas, as massas, as massas. Ora bem: como massas é do género feminino não quererá isso dizer que a gente as leva para onde quer? Isto é: vocês no fundo estão a dizer que levam as massas para onde querem...»

Sem dúvida uma afirmação a merecer a atenção das feministas deste País...

Infernos

Claro que muito mais se poderia ainda dizer do que foi a intervenção, por vezes hilariante, do juiz Ricardo na sessão de ontem. Registo apenas o diálogo curto que manteve com o réu sobre o jornal «Página Um», de que Rodrigues da Silva foi redactor.

O juiz-vogal quis saber se o nome do réu «arrependidíssimo» Macedo Correia apareceu no genérico do jornal, uma vez que Rodrigues da Silva garante que ele foi correspondente do periódico, em Guimarães. O réu não pôde confirmar, e remeteu-o para a colecção do jornal e o juiz disse a certa altura:

«Nunca li o 'Página Um'...»

«É pena. Era um bom jornal» — retorquiu calmamente Fernando Rodrigues da Silva.

«Pois. Mas li este processo, que é um Inferno, quase como o de Dante...»

Mas deixando este e outros infernos: quando o juiz Ricardo terminou o seu interrogatório seguiu-se-lhe o outro juiz-vogal, Queirós de seu nome. Foi coisa rápida — mas deu para entender a confusão tremenda — salvo o devido respeito, claro — que por ali vai quanto ao que era o PRP, OUT, FP-25 e correlativos. Datas de entradas, datas de saídas, que Inferno...

Por fim, de registar que o procurador da República não fez qualquer pergunta ao réu, uma vez que considerou ter Rodrigues da Silva «confessado já amplamente os factos de que vem acusado».

«Só não revelou arrependimento» — sublinhou Teodósio Jacinto.

O julgamento prossegue esta tarde, estando convocado o réu Fernando Joaquim Alves de Magalhães, de 33 anos, e Fernando Rosa Almeida, de 42..

R.C.

Externato "Bambi" em greve

Os professores do externato Bambi estão hoje em greve para reivindicarem o pagamento de salários em atraso.

Há quatro meses que os trabalhadores deste estabelecimento de ensino privado não recebem salários. Após discussão e negociação com a entidade patronal, em Janeiro, chegaram a um acordo que consistia no pagamento até Agosto próximo dos salários em atraso, que seriam pagos em prestações mensais.

A entidade patronal não cumpriu até agora o compromisso assumido, apesar dos pais dos alunos terem as mensalidades em dia e o pessoal existente ser o estritamente necessário ao funcionamento da escola.

De acordo com o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, a entidade patronal não cumpriu a promessa por má gestão. O que «ficou perfeitamente claro em reunião havida entre a direcção, pais das crianças e direcções dos Sindicatos dos Professores da Grande Lisboa e dos Trabalhadores de Portaria e Vigilância.»

«Esta situação — acrescenta o SPGL — resulta claramente da impunidade de que gozam as entidades patronais ao não cumprirem as leis vigentes».

Afirma o Sindicato que a entidade patronal pretende que os trabalhadores recorram à aplicação das medidas previstas no D-L sobre salários em atraso. «Impõe-se pois a intervenção das entidades oficiais, nomeadamente a Inspecção de Trabalho, para fazerem cumprir a Lei», conclui o SPGL.

Curso de Marinheiros de 1933 confraterniza

É no próximo dia 4 de Maio, domingo, que tal como vem acontecendo desde 1956 se realiza o 31.º almoço de confraternização, seguido ou antecedido por um passeio-mistério.

Os interessados devem telefonar para 363063, Graça ou para o Daniel 886116. Os marinheiros de outras escolas também podem participar.

Afirmam os Sindicatos Agrícolas do Sul

Cultivo de herdades abandonadas poderia terminar com desemprego

«Se as cerca de 500 herdades que estão abandonadas e subaproveitadas fossem cultivadas acabaria o desemprego na zona de intervenção da Reforma Agrária», afirmou ontem a Federação dos Sindicatos Agrícolas do Sul durante uma visita destinada a mostrar aos jornalistas herdades que já estiveram na posse de UCP's e neste momento se encontram nas mãos de reservatários.

Segundo responsáveis da Federação dos Sindicatos Agrícolas do Sul e do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Setúbal, existem hoje, em toda a zona de intervenção da Reforma Agrária, cerca de 320 mil hectares de terras abandonadas e 40 mil desempregados agrícolas.

No caso específico do distrito de Setúbal, existem, neste momento, 80 herdades abandonadas, num total de cerca de 60 mil hectares, 30 das quais são servidas por barragens, a nível de desemprego agrícola, e só neste distrito, existem cerca de 3500 desempregados, 60 por cento dos quais são mulheres.

Emparcelamento

O secretário de Estado da Agricultura, Rosado Gusmão, afirmou ontem que o desenvolvimento da agricultura portuguesa é dificultado por uma estrutura fundiária inadequada. Gusmão disse nomeadamente que «o progresso da agricultura portuguesa está a ser retardado por uma estrutura fundiária desordenada, em que predominam as explorações com dimensão insuficiente, conduzidas por agricultores idosos com baixo grau de instrução».

Para Rosado Gusmão, que falava na abertura do seminário sobre «Cartografia, Cadastro e Emparcelamento», «pese embora o esforço de investimento que vem sendo feito, os resultados têm-se mostrado decepcionantes».

O responsável governamental pela agricultura salientou que o Executivo ultimou uma proposta de lei de emparcelamento e fracionamento de prédios rústicos e exploração agrícola, que em breve enviará à Assembleia da República. Como medidas de reestruturação agrária, o secretário de Estado apontou os projectos de desenvolvimento regional integrado no baixo Mondego, Cova da Beira, Baixo Vouga e Alto Minho.

Ajuda comunitária

A Associação dos Jovens Agricultores de Portugal (AJA) pronunciou-se, entretanto, sobre a atribuição de ajudas suplementares comunitárias, discordando que estas sejam apenas atribuídas aos jovens em exercício há menos de cinco anos.

A AJA «repudia» a atitude governamental de legislar sem o seu conhecimento sobre essa matéria, considerando que a designação «jovem agricultor» aplica-se a todo o agricultor cuja idade se situe entre os 18 e os 40 anos. A Associação sugeriu ao Governo a criação imediata de um grupo de trabalho conjunto, entre o Ministério da Agricultura, Secretaria de Estado da Juventude e AJA

Foi o IV Encontro Nacional das associações do sector

Setúbal juntou defensores do património

Lurdes Féria

Olhem só como isto está um perfeito horror, para não dizer coisas piores. E agora? — que paguei a vista, incluída no preço do apartamento, e apenas tenho direito a ver o que se passa na casa do vizinho, morador no sétimo andar do edifício matulão, sem risco de arquitecto, que pespegaram em lugar impróprio. Interferiram com a saúde dos rios, esqueceram as receitas de culinária que os antepassados tão sabiamente inventaram, aldrabaram a ciência de fabricar o vinho, descuraram a conservação dos monumentos, destruíram as florestas, quebraram o equilíbrio dos ecossistemas, transformaram em folclore típico os rituais religiosos e pagãos de origem popular...

Isto, a que me refiro, é o património. Mas património também é o nosso corpo, o nosso comportamento, a nossa acção, o nosso pensamento. Nós, todos. Mesmo os que andam para aí a espatifar as coisas, dando azo a que se criem associações de defesa, se convoquem reuniões, se façam discursos sentidos ou de circunstância, se escrevam textos, se organizem manifestações de protesto. Ora, cá na república, prestar atenção e inventariar o que temos pode-se considerar atitude relativamente recente. **«Os sucessivos recalcamentos vão-nos tornando, a todos, mais ou menos amnésicos»** (Fernando António Baptista Pereira, director do Museu de Setúbal).

A amnésia de que fala, em parte ditada pela carga de complexos que entretanto adquirimos, diz respeito aos vestígios do passado: **«A ruína ou o arquivo, o jardim de outrora ou a mata dos eremitas, a rede urbana de reminiscência islâmica ou o urbanismo iluminista, a renda ou o fuso, o machado ou o telégrafo, a pintura ou o cartaz, o cimélio ou o brinquedo, o barco ou a carroça, o gibão ou o trem, o relógio de sol ou... etc., etc.»** Para o museólogo, impõe-se-nos a tarefa de reconquistar a identidade perdida, disso se trata. De outra maneira, a nossa sobrevivência cultural fica seriamente ameaçada. Agora que obtivemos a legalidade europeia, vamos para lá com quê? O tomate, a lã, a cortiça, o azeite, o vinho do Porto, tudo o que levou os governantes a sentarem-se à mesa das negociações e ao regateio mais renhido, não chega. É pouco, requer-se uma afirmação de **portuguesia.**

Rural

Esta foi a quarta vez que se encontraram para debater um tema de **«agudíssima pertinência»,** usando as palavras da secretária de Estado da Cultura, que é o património, aquilo que nos pertence e nos diferencia dos outros povos. Vieram lá de cima, do extremo setentrional, do meio do mapa e da zona mais a sul possível do território — depois do Algarve mais não há — com destino a Setúbal, local de convergência. Gastaram horas no trajecto porque atravessar Portugal ainda é complicado, pagaram as despesas dos seus bolsos num momento difícil... mas vieram. Quanto ao número de associações presentes ouvi dizer dezanove, mas há quem garanta que eram vinte e uma. Eu por mim não as contei. De resto, tanto faz.

Certo é que a mensagem trazida, de ponta a ponta, foi a de que em qualquer canto do País acontecem desastres ao património. À discussão submetia-se o património rural, que, tal como o urbano também sofre, no corpinho, intoleráveis maus tratos. **«... Evidenciam só por si a existência de uma consciência colectivamente assumida pelos cidadãos, ultrapassando as barreiras dos credos políticos e do poder institucionalizado, nisso residindo porventura o segredo da sua vitalidade e dinamismo».** Helena Rodrigues dos Santos, em nome de uma Associação de Defesa do Património (assim, por extenso, porque as siglas, a meu ver, atentam contra o património-língua através do qual comunicamos), pretendeu valorizar o papel das organizações constituídas em Portugal com o fim de, pedagogicamente, revelarem o que significa ser **país** aos de fraca memória.

Era algarvia, região que exige enorme vigilância, na medida em que nela desaguam diversas culturas estrangeiras, tendentes a serem imitadas pelos autóctones traumatizados pelos tais rótulos de subdesenvolvimento. Por outro lado, zona sensível onde os mal-entendidos que se geram com a ideia de desenvolvimento podem provocar danos catastróficos. Já mais defendida parece estar Alenquer que enviou, a Setúbal, um trio de guardiões do património na missão de mostrar que na sua terra ainda se cantam os **Reis**, antiga prática actualmente revitalizada. Lembram desenhos de crianças em idade escolar: estrelas, flores, corações e vasos que na ocasião dos **Reis** surgem nas paredes das casas. Sinais de que as «sociedades» ainda se recordam da linguagem simbólica, adoptada pelo concelho, na celebração daquela festividade.

Sociedades masculinas, as mulheres metem-se em casa como determina a tradição, que actuam de noite e em segredo; elas devem fingir que não sabem de nada, sossegadas como se dormissem porque a surpresa vem na manhã seguinte. Ordena, também, a praxe que os homens sejam solteiros, sem experiência de tropa, pois cumprem um ritual iniciático. Cores, azul e vermelho obrigatório, manifestam estados de espírito. De alegria ou de tristeza. Hoje, alguns grupos aderiram ao **spray**, processo rápido e limpo, mais de acordo com o progresso. Porque não imitar os pinta-paredes dos partidos políticos?

Preocupação

Durante três dias, sendo o primeiro ocupado com visitas pessimamente guiadas às caves de José Maria da Fonseca, na simpática vila de Azeitão, e ao Ecomuseu do Seixal, tocou-se no património rural, embora com derivações de temática mas que não causaram grande prejuízo. Em Setúbal, junto ao Sado, dentro (e com o envolvimento exterior) de um património construído no Estado Novo. Nas proximidades do edifício cor-de-rosa onde decorreu o encontro, de sexta a domingo, achavam-se a Capitania, a Guarda Fiscal, a Alfândega, tudo arquitectura dos anos quarenta. Nós, os da jornada patrimonial, situávamo-nos numa fase mais moderna do regime concebido pelo professor de Santa Comba Dão. Estávamos na FNAT, agora com o nome de INATEL, tempos livres para trabalhadores.

Em frente, espreitando pelas rasgadas janelas, dávamos de caras com Tróia e as suas inestéticas torres; e, num desvio ligeiro do olhar, deparávamos com o espectáculo da **Secil**, empresa cimenteira que está a rebentar com a serra da Arrábida. Panorâmica que, por si só, bastava para entreter o encontro ou inspirar um artigo acerca da estupidez humana. Todavia, algumas contrariedades, preocupavam os militantes do Património. Pequenas dissidências, divergências de critérios, e, sobretudo, a inoperância da federação, segundo a opinião de vários. «... Ela aparecia como corolário justo das nossas aspirações. Era a euforia da esperança, o confiar de que criada a FADEPA, tudo marcharia a nosso bel-prazer... Santa ingenuidade, como se as divisões e os graves problemas políticos, económicos, sociais e culturais que atrevessam a sociedade portuguesa não tivessem reflexos na vida das associações». Pronunciou-se, um tanto desencantado, o representante da região de Torres Novas, com as devidas ressalvas de que arranjar bodes expiatórios, não seria justo. A culpa cabia a todos, por igual, disse, não sei se por diplomacia...

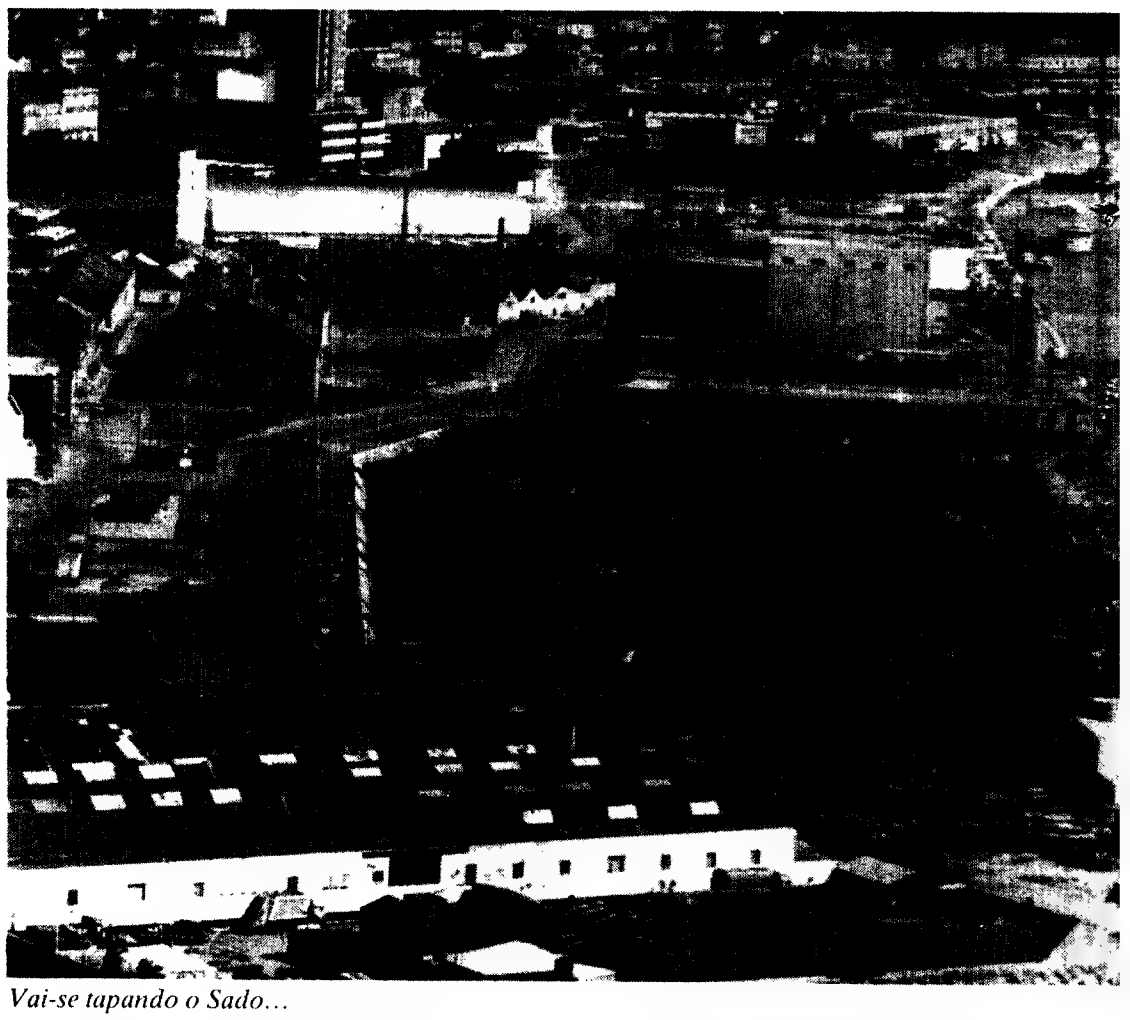
Se calhar, o problema reside na forma de encarar a vida. E vida, aqui, traduz-se como sinónimo de ansiedade. Anseia-se romper, desobedecer, corrigir erros, repor na vida o sentido que lhe tiraram. Mas convenceram-nos que, sem protocolo, sem colaboração construtiva, nada feito. Há que assumir a imagem da respeitabilidade, vestir fato completo e demonstrar capacidade para se ser parceiro social. «**Pretende ainda, para lá do reconhecimento implícito da vossa inequívoca e capital importância na defesa dos interesses do património cultural português, colaborar directamente no entendimento conjuntural de três grandes factores que só aliados poderão trazer os benefícios que ao nosso País desejamos, isto é: a administração central, o poder autárquico e as associações de defesa do património. Desta aliança tripartida e amplamente debatida poderá nascer, enfim, o grande perfil do ordenamento patrimonial...**»

Estas afirmações foram feitas, no encerramento do IV Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património, por Teresa Patrício Gouveia. De acordo, nada contra. Mas, numa situação daquelas, o que poderia dizer um secretário (a) de Estado da Cultura? Discurso no mesmo tom, talvez mais poético, surgiu na boca de Carlos Pimenta. Mas o que poderia dizer um secretário de Estado do Ambiente? Que a natureza não lhe interessava coisíssima nenhuma, que até nem apreciava o Mosteiro da Batalha ou um bom queijo de Azeitão?

Vigilância

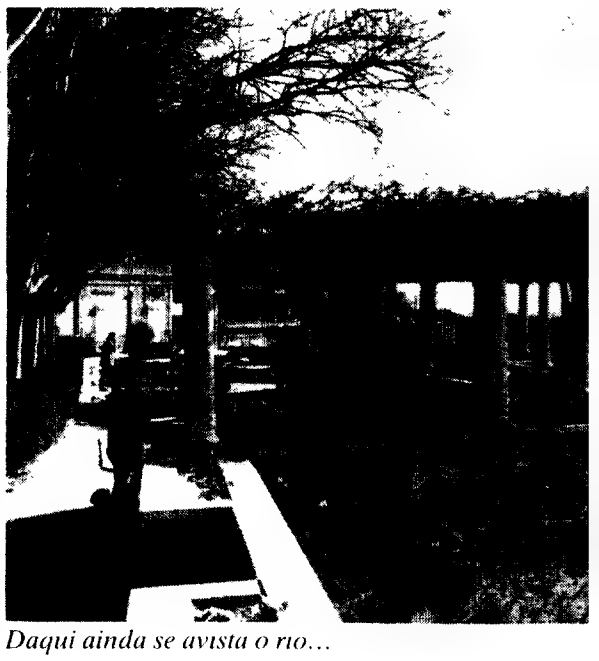
Seria a total subversão das regras. Sem tentar, sequer imaginar que os representantes do governo, do ambiente e da cultura, não se importem, realmente, com a preservação do conteúdo de seu País. Mas uma coisa é o património paradigmático, e a outra, a lógica do desenvolvimento, tal como se entende. São as pressões, os interesses económicos que contam, ainda que se elaborem e se aprovem legislações, ao fim e ao cabo, para serem violadas.

O campo já não é natural nas sociedades modernas. Nem a ruralidade nem a aldeia, nem os verdes vales, à medida das páginas dos escritores românticos do século passado ou do princípio deste. A **natureza** da sociedade contemporânea é o meio urbano. Daí que a intervenção



Vai-se tapando o Sado...

Reinventar a cidade histórica...



Daqui ainda se avista o rio...

do arquitecto Ribeiro Teles sem menosprezo da sua posição, de ruralista convicto, se me afigure um pouco ingénua, no contexto pós-industrial para onde caminhamos.

Só que, para que não venhamos a cair num cenário tipo **Blade Runner,** vale a pena insistir nos mecanismos de defesa, na emenda das asneiras, numa permanente vigilância. O que é afinal o património? «**Tudo o que pertence à pátria, não sei explicar bem...**», responde, atrapalhado, João Calceteiro, poeta popular setubalense com quem me cruzei perto da Praça dos Combatentes. Deambulava, absorto, já esquecido do jogo de futebol a que acabara de assistir. Na sua cabeça fixavam-se imagens de gaivotas, arrastões carregados de peixe... e penas de aves marinhas em alvoroço na lota.

João Calceteiro magicava nos ingredientes dos versos, ainda em projecto. Não inventava nada. Havia lá tudo no cais. A contento dos pescadores, dos turistas, dos defensores do património, dos industriais da pesca, dos intermediários, dos consumidores...

E das gaivotas, claro.

Sessão pública da Câmara de Lisboa

Orçamento: mesmo ausente foi vedeta

Nuno Ribeiro

É sempre esperado com expectativa, alimenta projectos, suscita polémica: a elaboração e aprovação do orçamento de qualquer município é considerado como um dos pontos altos do labor dos autarcas. E, na sessão pública da Câmara de Lisboa, mesmo sem se conhecerem as suas linhas, dotações e números, na prática com o orçamento ausente, ele foi vedeta, fazendo esquecer uma proposta do PPM para a defesa do concelho da cidade, e outra sobre o licenciamento de parques privativos à razão de muitos contos por metro.

Abastecimento de água a Lisboa: dos planos ao aumento, um passo em discussão

«Quero dizer aos senhores vereadoes que não têm pelouros que se tem estado a trabalhar afincadamente na preparação do Orçamento e Plano para 1986». Esta informação de Nuno Abecasis viria a suscitar alguma polémica, um debate aceso, uma votação decidida pelo voto de qualidade do presidente, e a relançar a questão em torno do papel dos vereadores eleitos a quem Abecasis, usando das prorrogativas que a Lei lhe concede, não atribuiu pelouros: a APU e o PPM.

Em foco esteve a bancada da Aliança Povo Unido através da apresentação de um requerimento e de uma proposta que visava a constituição de uma Comissão de Vereadores para «análise preparatórica do conjunto de documentos sobre o Orçamento do Município e o Plano de Actividades para 1986». Para os proponentes tal Comissão desenvolveria a sua acção ouvindo todos os serviços camarários envolvidos, as estruturas sindicais, e apresentaria ao Plenário de Vereadores um relatório sobre o Plano e Orçamento. A proposta contemplava, ainda, a discussão e votação daqueles dois documentos em reunião de Câmara, «em número de sessões a determinar», para as quais seriam «particularmente convidados eleitos de todas as freguesias da cidade e os órgãos de Comunicação Social».

Esta «viagem» ao interior das finanças da Câmara de Lisboa que, ao que o «DL» apurou terá para o ano corrente um orçamento de cerca de 18 milhões de contos, e mais 100 mil contos resultantes das modificações do Fundo de Equilíbrio Financeiro determinados pelas alterações que a Assembleia da República impôs ao Orçamento do Estado, não seria, no entanto aprovada. Um requerimento que agendava a proposta viria a empatar a vereação, tendo o presidente exercido o seu voto de qualidade.

No entanto, a questão não ficou encerrada e, em diálogos vivos, a legitimidade da presença dos eleitos pelos munícipes de Lisboa, viria à baila: «o sr. presidente atribui aos vereadores com pelouros um sentido de responsabilidade, e aos sem pelouros o presumível sentido de falta de responsabilidade», referiu Anselmo Aníbal, da APU. Aquele vereador diria, dirigindo-se à Câmara, que «estamos aqui com a mesma legitimidade com que aqui estão, e temos o mesmo direito de discutir o destino da população de Lisboa.

Nuno Abecasis justificaria a sua oposição à constituição de uma Comissão de Vereadores com anteriores exemplos, referindo um ano em que o orçamento só entrou em funcionamento em Setembro. Abecasis sublinhou que o atraso na aprovação daqueles dois instrumentos fundamentais para a gestão da Câmara se devia à mudança de mandatos por via das eleições autárquicas de Dezembro de 1985. Para Vasco Franco, da bancada socialista, «não há precedentes que possam levantar preocupações quanto à participação da vereação». «Uma questão diferente», sublinhou, «é a elaboração da proposta de orçamento que deve caber àqueles que têm de administratar as várias fatias do orçamento».

Quatro zonas para o concelho

A definição no Concelho de Lisboa de zonas de intervenção com características afins, resultantes da evolução histórica da cidade, é o propósito de uma proposta apresentada por Ribeiro Teles, e que, de alguma forma retoma alguns dos pontos do manifesto eleitoral da lista «alfacinha».

Deste modo, seriam implantadas quatro zonas de intervenção, a histórico-monumental, correspondente às áreas ribeirinhas, baixa pombalina e com extensão máxima até ao Parque Eduardo VII, a histórico-contemporânea, com áreas contíguas à primeira, o parque periférico de Lisboa, constituído por toda a área que se estende da Charneca à Quinta da Granja, passando pelo Lumiar e Carnide, e finalmente, uma zona de expansão urbana.

Para cada uma destas zonas são definidas normas, sublinhando-se no primeiro caso a necessidade de uma classificação global, reservando-a para habitação, pequenos escritórios e comércio, oficinas artesanais e indústria não poluente, sedes de sociedades e associações de índole social, recreativa e rural. A área da intervenção histórico rico-contemporânea, cuja classificação seria feita por edifícios e grupos de edifícios, veria o seu uso ser repartido por habitação, escritórios e comércio, com limitações a construções com érea superior a 4 metros quadrados.

O que o programa define como parque periférico de Lisboa é estruturado em cinco núcleos, Quinta da Granja-Carnide-Luz, Paço do Lumiar, Ameixoeira e Charneca, e teria como ocupação, a par da habitação, incluindo o realojamento dos habitantes de barracas a demolir, as hortas sociais e zonas de lazer.

Finalmente, a última zona de intervenção, a de expansão urbana, é também submetida a algumas normas, com uma densidade média das áreas construídas de 220 habitantes por hectare, 10 m² por hectare de espaço verde integrado nas áreas habitacionais, e um espaço verde complementar de 25 m² por hectare.

Como os próprios considerandos da proposta revelam, a definição das quatro zonas no Concelho, não constituindo por si só uma alternativa ao Plano Director Municipal de Lisboa, aprovado em 1976, visa «pôr cobro à forma indiscriminada como se processa a expansão urbana no concelho e se realizam as transformações urbanísticas nas áreas históricas da cidade».

A conservação destas zonas, particularmente dos casos de Alfama e Mouraria seria igualmente referida por Nuno Abecasis que informou a Câmara terem sido entregues ao Governo os «dossiers» para a elaboração dos projectos de recuperação daquelas áreas. De acordo com o presidente da CML, as obras serão iniciadas a curto prazo, tendo sido já delimitada a área de intervenção para os três primeiros anos, identificados os edifícios um a um, e tipificadas as suas condições.

Câmara reunida extraordinariamente

Água pode aumentar mais de 30 por cento

A vereação da Câmara Municipal de Lisboa reúne-se hoje em sessão extraordinária convocada pelo presidente e poderá vir a decidir um aumento da água, em média superior a 30 por cento, caso seja aprovada uma proposta apresentada nesse sentido por Nuno Abecasis. Como o «DL» atempadamente divulgou, a propostas do presidente da CML visa alargar aos consumidores domésticos de água a taxa de saneamento, já praticada no comércio e indúsria.

Os cerca de 600 mil contos que a edilidade cobraria aos munícipes seriam canalizados para o financiamento das obras do grandes interceptor de esgotos, obra cuja realização já foi aprovada em sessão da Câmara.

Tomando como base de cálculo o segundo escalão de consumo, entre 6 a 15 metros cúbicos por mês, a que correspondem 55 por cento dos consumidores, e como média do consumo mensal 10 metros cúbicos, existem quatro hipóteses. Na primeira com uma taxa fixa de 50 escudos, o aumento corresponderia a 30 por cento. No caso da taxa fixa subir para os 75 escudos, a percentagem global do aumento seria de 34 por cento, valor que se elevaria aos 37,5 por cento, caso a taxa fixa fosse de 100 escudos. Com uma tarifa variável de 20 escudos por metro cúbico de água consumida e uma taxa fixa de 75 escudos, a percentagem total do aumento passaria a ser de 41,3 por cento.

Por outro lado, nesta reunião será ainda apreciada uma proposta de Nuno Abecasis, pela qual o presidente da Câmara de Lisboa poderá vir a ser designado Presidente do Conselho de Administração da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (E.P.U.L.). Nos considerandos da proposta 66/86 sublinha-se que a situação e perspectivas actuais da E.P.U.L. exigem «a adopção imediata de medidas estruturais que possibilitem o saneamento financiro da empresa e a sua validade económica» e «implicam um maior e mais directo envolvimento da Câmara na administração».

Não há toponimia que lhes resista

Também no período de antes da ordem do dia, o vereador do pelouro do trânsito, o social-democrata Magalhães Pacheco, apresentou à Câmara um projecto de postura sobre o licenciamento de parques privativos. A necessidade de tal sistema é justificada no preâmbulo do projecto por «os pedidos de atribuição de novos parques privativos (os que aparecem delimitados por uma placa com um 'P' branco sobre fundo azul) atingirem, agora, elevadíssimas proporções».

Para a Câmara de Lisboa, que irá votar a proposta em próxima reunião, este «é o primeiro passo no sentido da implementação uma política geral de regulação da oferta e da procura», tendo Magalhães Pacheco anunciado para breve a tarificação geral do estacionamento em determinadas áreas da cidade. Para já, segundo a proposta, os prmeiros visados são as entidades publicas e privadas que têm parques de estacionamento próprios na via pública, correspondentes a cerca de 30 por cento da área de estacionamento de Lisboa, prevendo-se a possibilidade da «Câmara conceder subsídios a certas entidades de cariz marcadamente social e de fins não lucrativos e de benefício social», cobrindo total ou parcialmente o valor das tarifas em causa. Uma forma, como sublinhou o vereador do pelouro do trânsito, da «Câmara dar com a mão esquerda e receber com a mão direita.»

Deste modo, são definidos três escalões de tarifas, consoante a área em que se inserem. O primeiro destes escalões, corresponde a 300 contos/ano por cada lugar, numa zona que abrange, grosso modo, a baixa pombalina e as Avenidas Novas estendendo-se até Sete Rios. O segundo escalão vê este quantitativo passar para 150 contos/ano/lugar, abrangendo, entre outras áreas, o Bairro Alto, Largo do Rato e Almirante Reis. Finalmente, o último escalão é de 90 contos/ano/lugar, sendo correspondente às restantes áreas do perímetro urbano da cidade. Ou seja, na malha dos escalões não há toponímia que lhes resista.

24 HORAS

O conflito americano-líbio

O presidente Ronald Regan está a estudar a possibilidade de uma acção militar contra a Líbia, que suspeita de estar na origem de um atentado à bomba numa discoteca de Berlim Ocidental — disseram funcionários norte-americanos. O embaixador dos Estados Unidos na RFA, Richard Burt, afirmou existirem «indicações muito claras de um envolvimento líbio» no atentado que matou um militar norte-americano, uma mulher e feriu 193 pessoas. Inquirido sobre se era favorável a uma acção militar contra Tripoli, Burt respondeu que Reagan está «a estudar neste momento essa possibilidade.»

Contratado para matar Aquino

A Polícia filipina está a investigar a veracidade das afirmações de um homem que diz ter sido contratado no mês passado para assassinar a presidente Corazon Aquino — revelou o ministro da Justiça. O ministro Neptali Gonzales disse aos jornalistas que o homem, identificado como Romualdo Mercado, de 30 anos, detido sob a acusação de roubo, implicou no caso um general no serviço activo.

Gonzales recusou-se no entanto a identificar o militar, alegando que «não seria justo nesta altura.»

Teste nuclear dos EUA

Um congressista norte-americano da ala liberal apelou ao presidente Reagan para que suspenda o ensaio nuclear previsto para hoje, classificando-o de «perigoso passo atrás.» O ensaio nuclear previsto para se efectuar, às 16 horas de Lisboa, hoje, no estado norte-americano de Nevada seria o primeiro desde a moratória pedida pelo líder soviético, Mikhail Gorbachev, e que expirava em 1 de Abril. O congressista Tom Downey afirmou que, «realizando este ensaio, a administração Reagan dá um passo atrás na sua política nuclear, colocando a ideologia muito acima da segurança nacional.»

Garcia Mesa em tribunal

O antigo presidente boliviano Luís Garcia Meza compareceu em tribunal para ser julgado por acusações de assassínio, tortura e roubo durante o seu governo. Garcia Meza, um general que governou a Bolívia em 1980 e 1981, negou qualquer responsabilidade ou conhecimento de crimes cometidos durante a sua presidência. Depois de prestar depoimento, abandonou o tribunal e dirigiu-se para local desconhecido, mas não se encontra detido.

O passado de Waldheim

A Áustria vai pedir para examinar oficialmente os arquivos das Nações Unidas que dizem respeito ao passado do ex-secretário-geral da ONU (a quem é atribuído um passado nazi) Kurt Waldheim, disse o ministro austríaco dos Negócios Estrangeiros. Leopold Gratz afirmou, em conferência de Imprensa, que o embaixador austríaco nas Nações Unidas entregará um pedido oficial para ter acesso aos arquivos da Organização, que poderão eventualmente clarificar o papel desempenhado por Waldheim como oficial do Exército alemão na Jugoslávia, durante a II Guerra Mundial.

O sismo de Cuzco

Sete mortos, três desaparecidos, 35 feridos e cerca de 5000 pessoas afectadas constituem, em termos humanos, o balanço oficial do tremor de terra que afectou no sábado a cidade histórica de Cuzco, 1000 quilómetros a sudeste de Lima.

Um total de 529 habitações ficaram seriamente danificadas em Cuzco, e em Corão, na vizinhança da cidade, zona do epicentro do sismo, há 30 casas destruídas e 50 consideravelmente afectadas.

Winnie Mandela

A activista negra sul-africana Winnie Mandela continua com as suas actividades restringidas e não pode ser citada pela Imprensa, afirmou o gabinete do ministro da Lei e da Ordem, Louis Le Grange. Jornais sul-africanos reproduziram no domingo e ontem declarações da activista, pela primeira vez em vários anos.

Angola

Exército e UNITA preparam-se para um confronto vital

O Exército angolano e os rebeldes da UNITA estão a preparar-se para uma batalha vital para ambos os lados, que se espera tenha início ainda este mês, consideram fontes diplomáticas e observadores em Joanesburgo. Fontes próximas dos rebeldes angolanos disseram que a aguardada ofensiva governamental angolana deverá inicialmente concentrar-se sobre três cidades ainda em poder dos rebeldes. São elas Cangamba, Gago Coutinho e Mavinga.

Segundo as mesmas fontes, na ofensiva contra Cangamba e Gago Coutinho as forças governamentais angolanas deverão usar como bases de apoio as cidades de Cazombo, Lucusse e Lumbala, capturadas à UNITA em Setembro do ano passado.

Para o ataque a Mavinga, as forças governamentais angolanas usarão como base a cidade de Cuito Cuanavale, no Sudeste do país, onde uma pista de aterragem capaz de ser utilizada por caças «Mig 23», de fabrico soviético, foi recentemente completada, com a ajuda de técnicos portugueses.

As fontes disseram ainda que, embora as batalhas pelas cidades de Cagamba e Gago Coutinho sejam importantes para a UNITA, será a batalha por Mavinga que poderá ter consequências sérias para o futuro de Angola.

Segundo a UNITA, «se Mavinga cair em poder do MPLA as portas estão abertas para um ataque contra a Jamba», adiantaram as mesmas fontes, referindo-se ao quartel-general dos rebeldes de Jonas Savimbi, no Sudeste de Angola.

Peritos em assuntos militares revelaram em Joanesburgo, pela primeira vez, que em Setembro do ano passado, quando as FAPLA (as Forças Armadas angolanas) atacaram Mavinga, as perdas humanas e materiais foram enormes.

No ataque, usaram quatro brigadas (cada uma formada por cerca de mil homens), que atacaram a cidade num movimento em pinça.

O ataque foi repelido depois de a África do Sul ter fornecido o que fontes em Pretória descreveram como «ajuda material e humanitária» à UNITA.

Segundo os mesmos peritos, o ataque governamental angolano foi na altura repelido nas margens do rio Lomba, depois de a UNITA ter sofrido quinhentos mortos e cerca de 1500 feridos.

Os peritos disseram que as baixas nas FAPLA, incluindo mortos, feridos e «deserções», tinham sido de 2500.

Seis tanques, 26 carros blindados e pelo menos seis helicópteros «MI 25» das forças governamentais angolanas, foram destruídos em Setembro, durante o ataque a Mavinga.

Desta vez, dizem fontes próximas dos rebeldes angolanos, a táctica deverá ser a mesma. Os helicanhões «MI 25» serão usados para ataques aos rebeldes, antes de carros blindados e unidades de Infantaria serem enviados para a frente de combate.

Fontes em Joanesburgo disseram que, para além dos mísseis antiaéreos «Stinger», fornecidos recentemente pelos Estados Unidos, a UNITA deverá receber também mísseis antitanque «Tow».

Foi igualmente revelado que o Governo angolano possui, de momento, 11 brigadas na província do Moxico — onde é aguardada uma ofensiva contra Cangamba e Gago Coutinho — e pelo menos dez brigadas na província de Cuando Cubango — onde se situa Mavinga.

Cimeira da Linha da Frente

O presidente moçambicano, Samora Machel, partiu esta manhã para Luanda, onde tomará parte na Cimeira dos Países da Linha da Frente. A cimeira tem início ainda hoje e nela participam os chefes de Estado ou governo de Angola, Moçambique, Botswana, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe. É presidida por Kenneth Kaunda, da Zâmbia.

Apesar de estas cimeiras não terem habitualmente uma agenda pre-estabelecida, sabe-se que, entre os temas a abordar, vai estar em primeiro lugar a independência da Namíbia.

Eduardo dos Santos substitui comissários provinciais

O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, exonerou por decreto seis comissários provinciais e nomeou um novo vice-ministro do Comércio Externo, anunciou uma fonte oficial.

O novo vice-ministro do Comércio Externo passa a ser António João dos Santos e as alterações ao nível de comissários provinciais registaram-se nas províncias de Benguela, do Moxico, da Kwanza-Norte, do Bié, do Huambo e de Malanje.

Para o cargo de comissário provincial de Benguela e presidente do Conselho Militar da Sétima Região, foi nomeado o major João Manuel Gonçalves Lourenço, membro do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho, exonerado do posto de comissário provincial do Moxico e presidente do Conselho Militar da Terceira Região.

Para o seu lugar, à frente do comissariado provincial no Moxico, o presidente angolano nomeou Jaime Baptista Ndonge, igualmente membro do Comité Central do MPLA-PT.

Na província da Kwanza-Norte, José Eduardo dos Santos exonerou Noé da Silva Saúde e nomeou em sua substituição Paulo Teixeira Jorge, membro suplente do Comité Central do MPLA e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros durante 10 anos.

Na província do Bié foi exonerado o tenente-coronel Marques Monakapui, membro do Comité Central do MPLA e nomeado em sua substituição Marcolino José Carlos Moco, membro do Comité Central do MPLA.

Marques Monakapui substituiu no cargo de comissário provincial do Huambo e de presidente do Conselho Militar da Quarta Região o tenente-coronel João Ernesto dos Santos, igualmente membro do Comité Central do MPLA.

O presidente José Eduardo dos Santos exonerou ainda o coronel Ludy Kissassunda do cargo de comissário provincial de Malanje e de presidente do Conselho Militar da Nona Região, não indicando quem o irá substituir naquelas funções.

Frieza nas relações entre Mitterrand e Chirac

O presidente francês, François Mitterrand, que viu os seus poderes diminuídos com a vitória da coligação de centro-direita nas eleições legislativas de há três semanas, vai hoje quebrar o silêncio com uma mensagem ao Parlamento.

Mitterrand só fez uma declaração pública desde que a coligação do partido gaulista RPR e do partido de centro-direita UDF ganhou as eleições de 16 de Março, obtendo uma escassa maioria.

A intervenção de Mitterrand registou-se no dia seguinte às eleições, para anunciar que iria nomear um primeiro-ministro da nova maioria parlamentar.

Desde que o governo liderado pelo gaulista Jacques Chirac tomou posse, a balança do poder em França tem oscilado entre o presidente da república e o primeiro-ministro.

«Ambos estão a delimitar os seus terrenos», declarou um dos mais influentes colaboradores de Chirac que afirma que o governo vai insistir numa interpretação estrita do artigo 20 da Constituição francesa segundo o qual o governo «determina e dirige a política da nação».

Deste modo desapareceu a supervisão política exercida por Mitterrand e pelos seus conselheiros sobre o anterior governo, havendo agora uma parte da actividade política que lhe escapa.

O presidente francês preside uma vez por semana ao conselho de ministros num ambiente de frieza total que levou um deles a queixar-se que Mitterrand se «esquecia de apertar a mão aos ministros.»

Mitterrand já por duas vezes se dissociou da política seguida pelo novo governo francês.

Na mensagem que hoje dirige ao Parlamento poderá ir um pouco mais longe e tornar claro que a desvalorização do franco decidida durante o fim-de-semana passado foi uma decisão de Chirac e não sua.

A mensagem presidencial vai ser lida pelo presidente do Parlamento Jacques Chabam Delmas, enquanto os deputados ficam em silêncio, de acordo com uma tradição com mais de 100 anos.

Em perigo os postos de trabalho no Entreposto Industrial

Os trabalhadores do Entreposto Industrial de Setúbal efectuaram ontem uma distribuição de comunicados à população desta cidade em que afirmam estarem em perigo 60 por cento dos postos de trabalho da empresa.

O comunicado assinala que os cerca de 600 trabalhadores do Entreposto Industrial não recebem salários há dois meses e afirma que a administração recorreu ao Governo solicitando medidas de protecção para o mercado de frigoríficos e arcas congeladoras em apoio financeiro.

Acrescenta que «a perspectiva da administração é de tentar salvar apenas metade da empresa enviando para o desemprego 60 por cento dos trabalhadores».

Salienta que os trabalhadores têm apresentado a várias instâncias do poder propostas para a viabilização total da empresa mas «as respostas tardam e a situação financeira do Entreposto vai-se degradando».

Os trabalhadores do Entreposto anunciaram para hoje uma marcha de protesto na cidade de Setúbal, com paragens junto do governo civil, câmara municipal e delegação do Ministério do Trabalho.

Trabalhadores da CP, esta manhã no Terreiro do Paço, em manifestação integrada na vigília de 24 horas pela negociação do seu contrato colectivo

Prolongadas até ao dia 15 as greves sectoriais da CP

A Federação dos Sindicatos Ferroviários decidiu a continuação das greves sectoriais na CP até ao dia 15, informou o seu Conselho Nacional.

Aquele Conselho indicou que na reunião de conciliação das partes em conflito havida na segunda-feira, o Governo e o Conselho de Gerência da CP tomaram «uma posição de irresponsabilidade que a Federação Sindical afirma ter sido de «incompleta intransigência negocial com a agravante de nem sequer terem marcado nova reunião de tentativa de conciliação».

A Federação Sindical dos Ferroviários afirma-se preocupada com a agudização do «conflito laboral na CP» e em função deste facto «a Comissão Sindical Negociadora mantém-se nas instalações do Ministério do Trabalho, exigindo a continuação das negociações».

Entretanto, os passageiros das linhas de Sintra e Azambuja devem evitar dentro do possível, utilizar os comboios às horas de ponta servindo-se de transportes alternativos recomendou António Gouveia, dos Serviços de Relações Públicas da CP.

Este porta-voz da CP disse que na semana passada «foram suprimidos cerca de um terço dos comboios na linha de Sintra», estando previsto que a situação «se agrave esta semana», em consequência da greve.

Na linha da Azambuja referiu o mesmo informador, os comboios estão a circular com metade das composições habituais.

A nível nacional, verifica-se «um agravamento significativo na generalidade da rede ferroviária», em virtude da falta de entrega pelas oficinas de composições em condições de circular.

Salários em atraso há 40 meses numa empresa de Valongo (CIFA)

Os trabalhadores da CIFA, Empresa Industrial de Fibras Artificiais, de Valongo, solicitaram uma audiência urgente ao Primeiro-Ministro, com vista à obtenção de uma solução para o futuro da empresa, que há mais de 40 meses tem salários em atraso.

Reunidos em plenário para análise da situação da empresa, os trabalhadores consideram que a nova proposta de viabilização apresentada pela administração não corresponde aos seus interesses.

Para aqueles trabalhadores, esta nova resolução da empresa «é muito mais gravosa relativamente às anteriores, uma vez que, dos 1300 trabalhadores apenas aponta para a permanência para 170».

Os trabalhadores entendem, por outro lado, que o recente decreto-lei governamental sobre salários em atraso «não resolve a situação daqueles que não os recebem, apenas os transforma em desempregados».

Foi nesse sentido que o plenário decidiu desaconselhar o recurso ao citado diploma e exigir que o dinheiro disponível seja aplicado na «viabilização efectiva da empresa.

Pessoal da A.M. Almeida recusa publicidade nos fatos de trabalho

Os trabalhadores da A.M. Almeida anunciaram ontem que deixaram de utilizar os fatos de trabalho com publicidade para exigirem a satisfação das suas reivindicações salariais.

Um comunicado distribuído pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa assinala que em 1984 não se verificaram aumentos na empresa e em Abril de 1985 a empresa atribuiu «um estímulo» de 15 por cento, não cumprindo o compromisso de voltar a analisar a situação salarial até ao fim daquele ano.

Sublinhando que o vencimento médio líquido dos oficiais da primeira da empresa é de 28 700 escudos, o comunicado refere que os trabalhadores reivindicam 20 por cento contra 17,5

Greve à vista no Algarve dos pescadores de sardinha

Em plenário muito participado efectuado em Portimão, os pescadores e maquinistas da pesca da sardinha repudiaram a indisciplina que se tem vindo a verificar com o horário de saída para a pesca.

Neste sentido decidiram que, se isso se mantiver, levarão a efeito uma greve de 24 horas a partir do próximo dia 13.

Recorda-se que após o 25 de Abril os pescadores passaram a ter um horário certo para a saída das traineiras, ao contrário do que acontecia até então, em que isso dependia, apenas, da vontade e das «ordens» dos mestres.

Sobe o marco desceu o franco

Emigrantes em França prejudicados

O realinhamento do Sistema Monetário Europeu implicará uma diminuição de cerca de 3 por cento nas remessas dos emigrantes portugueses que trabalham em França e uma valorização da mesma ordem nas provenientes da Alemanha Federal.

Ao mesmo tempo, as exportações portuguesas conhecerão um aumento de competitividade nos mercados alemão, holandês, belga e dinamarquês, e um acréscimo de concorrência em França, onde os produtos portugueses se tornam mais caros, devido ao escudo não ter acompanhado a desvalorização do franco.

Este facto, resultante do realinhamento do Sistema Monetário Europeu, decidido no fim-de-semana pelos ministros das Finanças dos doze, na Holanda, conduz a uma situação de prejuízo para os portugueses que trabalham em França.

As novas paridades do sistema conduzem, no entanto, a uma melhoria nas remessas dos portugueses que trabalham na Alemanha, já que o marco se valorizou 3 por cento em relação ao ECU, sem que o escudo tenha sofrido qualquer alteração substancial.

O escudo, que tem acompanhado normalmente as desvalorizações do franco francês, não será desfalorizado.

Reacções cambiais em Lisboa e Madrid

Os câmbios em vigor hoje em Lisboa, relativamente às moedas afectadas pelos reajustamentos no interior do Sistema Monetário Europeu eram as seguintes: franco francês, 20,15 na compra e 20,85 na venda; marco, 64,20 / 65,40; florim, 57,05 / 58,15; franco belga, 2,98 / 3,18; e coroa dinamarquesa, 17,95 / 17,85.

O dólar foi hoje cotado a 154 escudos, a compra de notas maiores, e a 157,5 a venda.

Entretanto, em Madrid, a peseta revalorizou-se ontem 2,51 por cento na sua relação cambial com o franco francês, depois do realinhamento do Sistema Monetário Europeu do fim-de-semana, anunciou o Banco de Espanha no final da sessão do mercado de divisas.

Em relação ao marco alemão, a moeda espanhola teve uma desvalorização de 0,87 por cento. Quanto ao dólar norte-americano, a peseta desvalorizou-se 1,63 por cento.

O ministro da Economia, Carlos Solchaga, afirmou que a paridade da peseta em relação às moedas europeias não se alterará substancialmente.

A cotação para os cem escudos, em divisas, foi estabelecida hoje em 96,440 pesetas para a compra e 96,681 pesetas para a venda, no final da jornada cambial.

Política cambial sem alterações *garante o ministro das Finanças*

As recentes modificações no Sistema Monetário Europeu (SME) não provocarão qualquer alteração na política cambial definida pelo Governo, em Novembro último, esclareceu o Ministério das Finanças.

Em comunicado, o ministério informa que «permanecem sem qualquer alteração» os ritmos mensais de depreciação do escudo, que serão, no máximo, de 0,9 por cento, no segundo trimestre, de 0,8 por cento, no terceiro trimestre, e de 0,7 por cento no último trimestre deste ano.

«Há que conferir à política cambial o máximo de estabilidade, pois é fundamental que os agentes económicos não vejam perturbadas as expectativas geradas pelo Governo e que foram anunciadas há quatro meses», lê-se no comunicado.

O Governo decidiu em Novembro último interromper a desvalorização mensal do escudo, anunciando que ela seria retomada em Abril a um ritmo inferior.

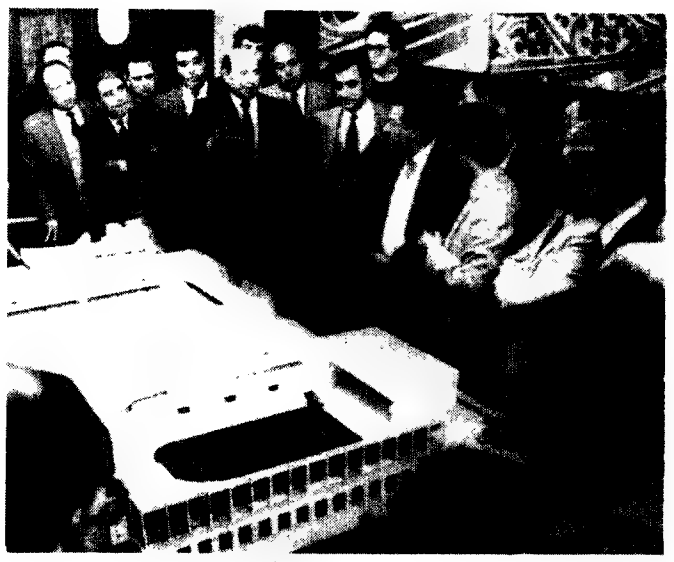
COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$30	57$30
ALEMANHA FED. (marco)	64$20	65$40
ÁUSTRIA (xelim)	9$10	9$30
BÉLGICA (franco)	2$85	3$185
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	111$40	113$90
Brasil (cruzado)	4$00	6$ 50
(notas de 5 a 1000)	111$90	114$40
DINAMARCA (coroa)	17$45	17$85
ESPANHA (peseta)	$989	1$109
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	153$50	157$00
(notas de 5 a 1000)	154$00	157$50
FINLÂNDIA (marka)	28$85	29$45
FRANÇA (franco)	20$15	20$85
HOLANDA (florim)	57$05	58$15
IRLANDA (libra)	196$65	200$65
ITÁLIA (lira)	$086	$096
JAPÃO (iene)	$821	$856
NORUEGA (coroa)	20$75	21$25
REINO UNIDO (libra)	225$00	229$50
SUÉCIA (coroa)	20$55	21$05
SUÍÇA (franco)	76$65	78$15
VENEZUELA (bolívar)	6$85	7$85

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



O presidente sportinguista, João Rocha reuniu-se com a globalidade dos responsáveis pelos vários pelouros do clube de Alvalade, a quem apresentou os projectos para o futuro pavilhão **verde-branco,** *que terá capacidade para 20 mil espectadores. A maqueta que se nota no .º plano foi a escolhida: o Sporting sempre a crescer.*

Sporting não trava a marcha

Os seccionistas do Sporting tomaram posse perante João Rocha: aqui temos a rubricar a sua responsabilidade no bloco de ciclismo o dedicado dirigente Manuel Tiago, já com uma obra muito válida na velocipedia portuguesa.

"Open" de Portugal

Cunha e Silva em acção

Com o patrocínio de 17 «sponsors» (particular destaque para o apoio da «Sogrape» e da «Tabaqueira») continua a decorrer no Estádio Nacional o «Open» de Portugal, em ténis, que conclui hoje a 1.ª eliminatória de singulares e inicia o quadro de pares homens. Ontem, Nuno Marques perdeu com o espanhol Juan Rodrigues, (6-1 e 7-6). Outros resultados: Marko Ostoja (Jugoslávia) — Kevin Moir (África do Sul), 6-3, 3-6 e 7-6 (7-4); Jorgen Windahl (Suécia) — Mark Buckley (EUA), 6-3, 6-7 (1-7) e 6-1; Fernando Leo (Espanha) — Edouard Mazza (Itália) 6-4 e 6-4.

Marques (15 anos), teve um início desastroso, perdendo o primeiro «set» (1-6) mas no segundo chegou a superiorizar-se ao seu adversário. Rodriguez, número 168 do «Ranking» mundial, teve de aplicar-se a fundo no último «set», que venceu apenas no «tie-break», dada a voluntariedade do jovem Nuno Marques que, nas várias tentativas de subir à rede, acabou por dominar os acontecimentos.

Após um excelente período inicial no segundo «set», Rodriguez conseguiu a recuperação e obrigou Nuno Marques a um «tie-break», disputado ponto a ponto, em que foi decisiva a maior experiência do tenista espanhol. No final, Nuno Marques referiu que **«o adversário foi superior no primeiro «set», impossibilitando-me de impor o ritmo desejado. No segundo, cheguei a ter uma vantagem confortável, mas Rodriguez subiu de rendimento e perdi a concentração»,** acrescentou.

Portugal recebe o Zimbabwe

Portugal recebe, em Maio, o Zimbabwe, em jogo da 1.ª eliminatória da zona 'A' europeia da «Taça Davis» em ténis, após o apuramento daquele país africano, no fim-de-semana. O encontro está marcado para 9, 10 e 11 de Maio e, em princípio, disputa-se no Porto. Caso Portugal vença o Zimbabwe, fica apurado para a 2.ª eliminatória, defrontando em Viena a selecção austríaca, a 13, 14 e 15 de Junho.

O Zimbabwe garantiu a qualificação ao derrotar Marrocos, por 4-1, na meia-final da zona africana. A vitória acabou por gerar bastante controvérsia, dado que depois do êxito do Zimbabwe em Paris (2-1), o jogador marroquino Arafat Chekrouni foi desclassificado por ter entrado tarde para o campo no 1.º jogo de singulares da última jornada.

A 1.ª eliminatória do «Open» de Portugal, dotado com 25.000 dólares (cerca de 4.000 contos), completa-se hoje, com a realização de 12 partidas, indo o destaque para os confrontos entre o português João Cunha e Silva e o alemão-federal Jan-Willen Lodder e o australiano Peter McNamara com o espanhol José Clavet.

Modalidades

Boxe excursiona

Uma formação portuguesa de pugilismo, composta por Eduardo Costa (moscas), Humberto Ferreira (plumas), Pedro Silva (ligeiros), Vítor Carvalho (meios-médios), João Cabreiro (médio) e David Gouveia (pesado) disputa, na cidade de Saint-Nazaire.

Tiro com arco: actividade

Rui Santos, do Clube Atlético de Queluz, venceu a prova de tiro com arco, organizada pelo Lisboa Ginásio Clube, com 1103 pontos. Em 2.º lugar, classificou-se Pedro Amores (Ginásio Clube Português), com 1099 pontos e, em 3.º João Freitas (Lisboa Ginásio Clube) com 1060 pontos. A prova teve a participação de clubes de todo o País, uma vez que se destinou aos 16 melhores atiradores nacionais, de acordo com as marcas obtidas no último campeonato nacional.

Entretanto, em Tomar, realizou-se também o 6.º campeonato nacional de infantis da modalidade, tendo como vencedores, na categoria «plumas», Gustavo Lopes (Sport Clube de Tomar) com 217 pontos e na categoria de «flechas», Pedro Miguel (também do Sport Clube de Tomar) com 349 pontos, recorde nacional. Por equipas, venceu o Sport Clube de Tomar (966 pontos, recorde nacional).

Crestuma domina em canoagem

O Clube Náutico de Crestuma revalidou o título de campeão nacional de fundo em Canoagem, na prova disputada em Melres, Gondomar (arredores do Porto). Participaram 143 atletas de 13 clubes, tendo o vencedor totalizado 1716 pontos, à frente do Vila do Conde Kaiak Clube (que somou 1081 pontos) e do Centro Desportivo Universitário do Porto (CDUP) com 605. A seguir classificaram-se: 4.º, Recreio de Águeda, 602 pontos; 5.º, Ginásio de Águeda, 462; 6.º, Clube Fluvial Vilacondense, 457; 7.º, Ginásio Vilacondense, 237; 8.º, Associação de Massarelos, 154; 9.º, Clube Náutico do Prado e Clube Náutico do Castelo, 121. Nas três últimas posições ficaram o Sport Clube do Porto, Associação Desportiva de Amarante e Associação Naval de Lisboa.

Os oito títulos individuais também em disputa foram para José Garcia (Kaiak de Vila do Conde), Luísa Azevedo (Náutico de Crestuma), António Brinco (Recreio de Águeda), Ivone Oliveira (Fluvial Vilacondense), Américo Magalhães (Kaiak de Vila do Conde), Deolinda Castanheira (Ginásio Vilacondense), António Monteiro (Ginásio de Águeda) e Carlos Cruz (Kaiak de Vila do Conde).

Illiabum encesta

Seis equipas de iniciados masculinos tomaram parte no Torneio de Basquetebol do Illiabum, que terminou com a vitória da representação do FC Porto, seguindo-se o Esqueira (Aveiro), o Ginásio Figueirense e o Illiabum. Distinções especiais: Carlos Almeida, do Ginásio Figueirense (atleta modelo); Joaquim Teixeira, do FC Porto (melhor marcador); Johny Valente, do Esgueira (melhor ressaltador), FC Porto (melhor defesa) e Illiabum (equipa modelo).

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR DOMINGOS MANUEL G. RODRIGUES, Juiz de Direito da 2.ª secção do 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa

FAZ SABER que no próximo dia 30 de Abril, pelas 10 horas, e na Carta Precatória n.º 28/86 deste Juízo e secção, se há-de proceder à porta deste Tribunal à arrematação em hasta pública pela primeira vez dos objectos abaixo mencionados, penhorados nos autos de Execução Ordinária que Domingues & Martins, Ld.ª move contra Mário Manuel Ribeiro, residente no Largo Cristóvão da Gama, 11-3.º Dto.-Damaia, que correm termos no 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Marinha Grande, 3.ª secção, proc. n.º 57/83, os quais serão entregues a quem maior valor oferecer acima do que lhes vai indicado.

BENS A VENDER:

– Uma mobília de casa de jantar, composta de mesa rectangular, armário com duas portas e um vão central e seis cadeiras de costas altas, estofadas a veludo verde, tudo encerado em castanho escuro, a qual foi avaliada em 30 000$00 (trinta mil escudos).

– 1 fogão de sala em madeira a imitar mármore, com tampa em mármore a preto e branco, 1 aparelho TV, marca LUXOR, a cores, com ecran de 53 centímetros, 1 gira-discos, marca OREX, com a respectiva instalação; 1 armário castanho escuro, com uma porta e duas prateleiras, 1 lustre prateado em metal prateado, com dez lâmpadas, tudo avaliado em 50 000$00 (cinquenta mil escudos)

– 1 credência lacada a ouro e branco, com o respectivo espelho; 1 relógio em bronze de arte; 1 arca estilo holandês, encerada a castanho; 1 candeeiro de tecto com abajour vermelho, tudo avaliado em 10 000$00 (dez mil escudos).

– 1 arca lacada a branco e dourado; 1 cadeira tipo italiano, lacada a branco e ouro, 1 cantoneira lacada a branco e ouro, com ramagens; 1 pequeno armário estilo século XVII, tudo avaliado em 6000$00 (seis mil escudos)

– 1 mobília de quarto, em castanho, composta de cama de casal, duas mesas-de-cabeceira, comoda com espelho, guarda-vestidos com três portas e uma cadeira, 1 candeeiro de tecto tipo chuveiro, com três lâmpadas, 1 cadeira estilo italiano, lacada a ouro, 1 aparelho de televisão, marca PHILIPS a preto e branco, tudo avaliado em 10 000$00 (dez mil escudos)

– 1 Quarto composto de duas camas de uma pessoa, móvel central com quatro gavetas e cómoda também com quatro gavetas, quadro representando o pôr do Sol; máquina de costura eléctrica, tipo gabinete, de cor branca, marca BERNINA FAVORITY, tudo avaliado em 30 000$00 (trinta mil escudos)

– 1 frigorífico, marca ASPES com duas portas, sendo uma o congelador, em estado novo, 1 frigorífico da marca ARISTON, de uma só porta, bastante usado, 1 máquina de lavar roupa, da marca CENZIANA, bastante usada, 1 esquentador JUNKERS de doze litros, a gás butano, com bastante uso, 1 fogão com três bocas e forno, a gaz butano, de marca CORCHO, bastante usado, tudo avaliado em 35 000$00 (trinta e cinco mil escudos).

É depositária dos referidos bens MARIA DA SILVA FREITAS MACEDO, residente no Largo Cristóvão da Gama, 11-3.º Dto.-Damaia.

Lisboa, 2 de Abril de 1986

O Juiz de Direito,
(Ilegível)

O Escrivão adjunto,
(Ilegível)

D.L. 8/4/86 – 1.ª Pub.

VOZES DA TRIBO-EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES, LDA
NOTARIADO PORTUGUÊS
VIGÉSIMO PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA LÍDIA PEREIRA NUNES DE MENEZES

Eu abaixo assinado Ajudante deste Cartório certifico para efeitos de publicação que por escritura de vinte e um de Março de mil novecentos e oitenta e seis, lavrada a folhas quarenta e cinco verso e seguintes do livro trinta e três-G, foi constituída entre Celestino Leston Bandeira e Maria Isilda Arruda de Sá, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe a qual se regerá pelos estatutos constantes da fotocópia anexa·

VOZES DA TRIBO-EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES, LDA.

1.º

A sociedade adopta a denominação de VOZES DA TRIBO-Edições e Publicações, Lda. e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

2.º

A sociedade terá a sede em Lisboa, na Rua Possidónio da Silva, número cento e cinco, primeiro, direito, podendo estabelecer, no País e no estrangeiro, qualquer forma de representação social

3.º

O seu objecto consiste no exercício das actividades de edições, publicações e respectiva comercialização e ainda o exercício de quaisquer actividades inerentes ou complementares, podendo para o efeito proceder a importações e exportações no âmbito de tais actividades.

4.º

O capital social é de trezentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo a soma de duas quotas de idêntico valor, uma de cada sócio

5.º

A gerência da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, cabem ao sócio Celestino Leston Bandeira, desde já nomeado gerente, com dispensa de caução, com ou sem remuneração, conforme for deliberado pela assembleia geral, sendo necessária e suficiente a sua assinatura para obrigar a sociedade.

6.º

A sociedade poderá constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e o gerente, obtido o consentimento dos sócios, pode delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte.

7.º

A cessão de quotas é livre entre os sócios, porém, a cessão a estranhos carece de consentimento dos sócios não cedentes, que terão direito de preferência, cabendo este mesmo direito à sociedade em segundo lugar

8.º

É permitida a amortização de quotas quando o titular falecer ou for interditado ou quando a quota for objecto de arresto, penhora, arrolamento ou por qualquer forma apreendida judicialmente.

9.º

Em caso de falecimento de qualquer dos sócios, os seus herdeiros exercerão em comum, por intermédio de um deles por todos escolhido, os respectivos direitos enquanto a quota se mantiver indivisa.

Para constar se passou a presente certidão que vai conforme ao original no qual nada há em contrário ou além do que aqui se certifica. Lisboa, vinte e quatro de Março de mil novecentos e oitenta e seis.

O Ajudante
(assinatura ilegível)

D.L. — 8/4/1986

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo da 1.ª Secção deste Tribunal e na Acção Especial de Despejo n.º 44/85 que o Autor José Joaquim Fernandes de Oliveira, casado, emigrante em França, move aos Réus Abdul Vahide Daud, solteiro, comerciante e que teve a sua última residência conhecida no andar 9.º, Letra A, Bloco C-26 — Rua Bernardo Santareno Miratejo – Corroios, desta comarca e Mohamed Arif Mohamad e Mansur Ali Abib, que tiveram a sua última residência conhecida na Avenida Almirante Reis, n.º 80-2.º e 3.º em Lisboa, são estes por este meio citados, para comparecerem neste Tribunal no dia **21 de Abril às 12 h** a fim de intervirem na tentativa de conciliação a realizar nos autos acima referidos, podendo fazer-se representar por mandatário com poderes especiais para transigir e ainda, para no caso da tentativa se frustrar, contestarem, querendo, no prazo de 10 dias, finda que seja a dilação de 30 dias e que começa a contar da data designada para a referida tentativa, sob pena de que a falta de contestação, importa na condenação no pedido formulado pelo autor e que consiste na entrega do 9.º andar, letra A do Bloco C-26 em Miratejo - Corroios, desta comarca, ao Autor.

Seixal, 19 de Março de 1986
O Juiz de Direito Auxiliar
(assinatura ilegível)
O Escrivão
(assinatura ilegível)

D.L. 8/4/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de 20 (vinte) dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção que, em extracto, é o seguinte. pagamento à Autora da quantia de Esc. 8 000 000$00, acrescida de Esc 3 787 397$00 de juros de mora vencidos até à data da propositura da acção e dos juros vincendos até integral reembolso, conforme duplicado que fica à sua disposição nesta secção.

Acção Ordinária n.º 1682, 1.ª secção

Autor IRENE MENDES BALTAZAR DE JESUS, residente no Campo Grande, 410, em Lisboa

Réu SCHABIT – Sociedade de Construções e Habitação, Lda., ausente em parte incerta e com última sede conhecida na Rua do Alecrim, 65-3.º, Esq., em Lisboa.

Lisboa, 1 de Abril de 1986

O Juiz de Direito,
(Joaquim Manuel Cabral e Pereira da Silva)

Pel'O Escrivão de Direito
(Ilda Maria Paiva Inácio Augusto Fernandes)

D.L. 8/4/86 – 1.ª Pub.

Começa "pesca" no Portimonense

O guarda-redes Vital e o avançado belga Cadorin são pretendidos por dois clubes «grandes» da capital — afirma Manuel João, presidente do Portimonense. Cadorin é pretendido pelo Benfica e pelo Sporting enquanto Vital interessa apenas ao Sporting.

Manuel João confirma a existência de negociações a nível de dirigentes, revelando ter jantado na passada 5.ª feira com o presidente benfiquista e na 6.ª feira ter tido uma reunião com dois dirigentes do Sporting.

Vital termina o contrato com o Portimonense no final da época e Cadorin tem ainda mais um ano para cumprir no Algarve, mas já manifestou interesse em sair de Portimão no final da temporada.

Madeira merece prémio

Um dos jogos de Portugal na fase de qualificação do campeonato da Europa de futebol vai realizar-se no Estádio dos Barreiros (do Funchal) anunciou o presidente da Associação de Futebol madeirense. Rui Marote afirmou que existe, a nível de responsáveis federativos, a intenção de incluir o Funchal no âmbito da descentralização que vem sendo efectuada na marcação de jogos oficiais da selecção nacional.

O dirigente da Associação Madeirense acrescentou que, apesar das notícias já divulgadas (e que confirmam a realização no Estádio dos Barreiros do jogo Portugal-Malta, das eliminatórias do Europeu). «**A Madeira merece mais, depois de tantos anos de esquecimento, não sendo de facto este o desafio que mais lhe interessa**».

Rui Marote admitiu a realização de contactos com os responsáveis da Federação Portuguesa de Futebol, no sentido da possibilidade de marcar para o Funchal um jogo de maior importância, que envolva um dos adversários mais credenciados da selecção nacional, nomeadamente a Suécia, devido às relações existentes (no plano turístico) entre a Região autónoma e aquele país escandinavo.

O último jogo oficial disputado no Funchal realizou-se em 1970, entre as equipas de «esperanças» de Portugal e da Inglaterra (1-1), tendo alinhado na equipa das quinas dois antigos futebolistas de turmas madeirenses; Carlos (defesa do União) e Noémio (ponta de lança do Marítimo).

Morreu o lendário Orsi

O antigo futebolista «internacional» argentino Raimundo «Mumo» Orsi (85 anos), figura lendária do desporto mundial nos anos 30, morreu vitimado por uma crise cardíaca numa clínica de Santiago do Chile. Raimundo Orsi, que era diabético e hipertenso, faleceu depois de ter entrado no hospital com uma infecção intestinal e de passar a depender de uma máquina de respiração artifical.

Orsi, que residia no Chile há várias décadas, tornou-se famoso como extremo esquerdo da selecção italiana de futebol que venceu o campeonato do Mundo (em 1934) e de que fazia também parte outros jogadores argentinos oriundos do Estudiantes de La Plata, como Monti e Lauri. Foi jogador do Independiente (da Argentina) entre 1920 e 1929 e, integrando a selecção argentina, foi vice-campeão olímpico (em 1928 em Amsterdão) perdendo na final com o Uruguai. Em 1930, transferiu-se para a Juventus de Turim (Itália), onde jogou até 1935, ano em que regressou ao seu país para ingressar no Boca Juniors.

Xadrez: vitória aos 9 anos

A húngara Judith Polgar (de 9 anos) ganhou um prémio de 1000 dólares (150 contos) ao vencer um jogo integrado no calendário do «Open» de Nova Iorque. Judith é irmã de Zsuzsa Polgar (de 16 anos) que é já «mestra» de xadrez. Outra irmão de Judith (Sofia, de 11 anos) ganhou seis das sete partidas do grupo «A», derrotando jogadores que estão quase a receber o título de «mestres». O «Open» de Nova Iorque reuniu cerca de 1000 jogadores em seis categorias de amadores e tinha 130 000 dólares (19 500 contos) para prémios.

Os pais das três jovens jogadoras húngaras (Laszlo e Clara Polgar, que residem em Budapeste) afirmaram que as suas filhas jogam xadrez desde os 4 ou 5 anos. **Elas estudam e jogam no mínimo 5 horas por dia,** disseram.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.30H TEL 726 08 18
CALIGULA DE ALBERT CAMUS • ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA
MAIORES 12
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
PATROCINIO DA F. GULBENKIAN 3.ª/4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150$00
PRAÇA DE ESPANHA • APOIOS F.GULBENKIAN E RADIO COMERCIAL SUB SEC

Com a despromoção à vista

Penafiel corta com Fernando Cabrita

Era esperado: o Penafiel rescindiu amigavelmente o contrato com o técnico de futebol Fernando Cabrita, na sequência dos fracos resultados da equipa no campeonato nacional. A direcção do Penafiel propôs a rescisão do contrato a Fernando Cabrita, não tendo este colocado quaisquer obstáculos.

O comando da equipa ficou entregue ao técnico-adjunto Joaquim Jorge, devendo este orientar o Penafiel no jogo das meias-finais da «Taça» frente ao Benfica, marcado para amanhã. O Penafiel, penúltimo classificado do campeonato (com 16 pontos) está em queda livre na despromoção, tendo a equipa nos 28 jogos averbado quatro vitórias, oito empates e 16 derrotas, com «goal-average» altamente deficitário (14 tentos marcados e 37 sofridos).

Parece que as relações entre Fernando Cabrita e os dirigentes do Penafiel se deterioraram depois do jogo com o Braga (no domingo) que os penafidelenses perderam por 2-1. Durante a partida, Cabrita substituiu o guarda-redes Cerqueira depois de este ter sofrido dois golos em 28 minutos, facto que provocou uma discussão do técnico com o delegado do Penafiel ao jogo (Manuel Ferreira) que se mostrou em desacordo com a substituição. Para debater o caso e a aflitiva situação do Penafiel no «nacional», Fernando Cabrita reuniu ontem com o presidente do clube (Alberto Simões), o director do departamento (Vitorino Moreira) e outros dirigentes, tendo apresentado a demissão durante a reunião.

Setúbal quer búlgaro

O Vitória de Setúbal continua interessado em contratar o futebolista búlgaro Djevisov (do CSKA de Sófia) para integrar a equipa na próxima temporada. Esta é a terceira tentativa do Vitória de Setúbal para assegurar a transferência de Djevisov, que se gorou até agora devido às dificuldades colocadas pela Federação Búlgara.

Dirigentes do Vitória contactaram (domingo) no Porto o empresário Lucídio Ribeiro, que também informou das condições de transferência do argelino Karim Maroc para Setúbal.

O clube continua interessado num «internacional» argelino e noutro marroquino, mas tudo se irá decidir de acordo com a situação do clube no campeonato. Para já não tomaremos quaisquer decisões,

dizem dirigentes setubalenses. **O problema do treinador ainda não se colocou, mas o Vitória de Setúbal não pensa recorrer a técnicos estrangeiros, preferindo os nacionais. Na próxima semana iniciaremos os contactos e Fernando Tomé será posto ao corrente, pois até agora tem a nossa confiança,** concluiu a mesma fonte.

Entretanto, o Vitória de Setúbal recebeu um convite para jogar no México, de 23 a 27 do corrente, informa Tavares da Silva, secretário-permanente do clube sadino. **Não poderemos dar ainda a nossa resposta, pois tudo depende de o Vitória disputar ou não a «liguilla». Caso contrário, a equipa estará disponível e penso que a direcção, depois de estudar as condições, decidirá,** acrescentou. O dirigente do Setúbal disse ainda que a equipa de futebol do Vitória foi convidada a participar no torneio «Ciudad de Zamora», a disputar naquela cidade espanhola, entre 5 e 8 de Agosto.

Vital prossegue no Farense

O presidente Fernando Barato confirma: o técnico Dinis Vital prosseguirá à frente do Farense na próxima temporada.

Aves: futuro

Quase condenado a novo estágio na 2.ª divisão, o Desportivo das Aves procura já ordenar o seu amanhã, despedindo os brasileiros Roberto e Gabriel. Por seu turno, o técnico Neca deve tomar o rumo do Tirsense.

João Pinto: regresso

É bastante provável que João Pinto integre a embaixada portista a Setúbal: entretanto, de barba crescida, garante que só a tirará quando regressar ao «team» de Artur Jorge.

Boavista: reforço

A tempo e horas, o Boavista acautela-se: acaba de contratar o leixonense Quim (21 anos). O dianteiro de Matosinhos poderá juntar-se (no Bessa) ao defesa Carvalho, famalicense também pretendido por João Alves.

Rui Lopes: operação

Rui Lopes (que tem estado cedido pelo Benfica ao Rio Ave) foi submetido a uma intervenção cirúrgica, rubricada pelo dr. Espergueira Mendes. Motivo: lesão na perna direita, com calosidade no osso da canela.

TOTOBOLA: PRÉMIOS

Mil e setenta e seis totalistas do Totobola vão receber cada um mais de 15 mil escudos. Com 12 resultados certos foram escrutinados 18 199 concorrentes, com o prémio de 902 escudos para cada, e com 11 resultados certos 127 773, cabendo a cada um o prémio de 128 escudos.

Campeonato Carioca

A equipa do Botafogo derrotou a do Vasco da Gama (2-0) em jogo disputado no Maracanã correspondente à 9.ª jornada da 1.ª volta do Campeonato Carioca. Os tentos do Botafogo foram apontados por Helinho e Fernando, que fez um autogolo.

Nos outros encontros, o Fluminense venceu o Americano (2-0) e o Flamengo derrotou o Bangu (1-0). Flamengo e Vasco da Gama comandam o campeonato (15 pontos) seguidos do Fluminense (14). Roberto Dinamite (Vasco da Gama) é o melhor marcador do campeonato, com 11 golos.

Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

CONCURSO PÚBLICO PARA A VENDA DE ÁRVORES NO TROÇO DA LINHA DO SUL, PINHAL NOVO-POCEIRÃO ENTRE OS KMS 16 E 26

Encontra-se aberto concurso para a venda de árvores existentes nos taludes dos lados direito e esquerdo da plataforma da via do troço referido em epígrafe.
As propostas dos concorrentes deverão ser apresentadas em carta lacrada e dar entrada na Secretaria da Direcção de Planeamento e Desenvolvimento, Avenida da República, 66, 7.º — 1000 LISBOA, até às 12 h e 30 m do próximo dia 9 de Abril, procedendo-se à respectiva abertura no mesmo dia e local pelas 15 h.
As propostas deverão ter em atenção o seguinte:

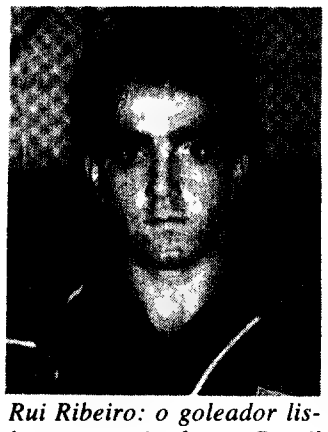
Deverão ser totalmente libertas de todas as árvores e arbustos duas faixas com a largura mínima de 5 metros, contados a partir de cada carril para o exterior;

Serão por conta do adjudicatário todas as despesas com o abate, corte e remoção dos troncos, e restantes produtos do abate, incluindo ramos;

O abate deverá ser feito com os cuidados necessários para que nenhum tronco ou pernada caia sobre a via, sendo da responsabilidade do adjudicatário todos os prejuízos que daí advenham se tal vier a acontecer;

O pagamento das árvores deverá ser feito na Tesouraria da CP, Calçada do Duque, 20 — 1200 LISBOA, no prazo de dez dias contados a partir da data de comunicaçao da adjudicação e os trabalhos deverão ficar concluídos no prazo de 1 mês, contado a partir da data do pagamento.

Lisboa, 24 de março de 1986.



Rui Ribeiro: o goleador lisboeta que triunfou no Brasil e em terras espanholas

António Mano: o filho de Simone de Oliveira é já guarda-redes de cartaz internacional

Nosso futebol de salão com triunfos em Espanha

Legitimamente, está eufórica a Associação de Futebol de Salão de Lisboa: na digressão a Espanha que uma selecção lusa efectuou para realizar três jogos conseguiu dois triunfos e um empate.

Primeiro encontro aconteceu em Córdoba: nulo (5-5) como desfecho. Com as nossas cores alinharam: Mano, Jorge, Teixeira, Oliveira (um golo), Rui Ribeiro (3), J. Carlos, Filinto, Vieira Dias, Manuel Azevedo e Quim (1). A selecção de Córdoba, considerada entre os mais fortes agrupamentos regionais do país vizinho, teve de se contentar com a divisão do sucesso com uma turma onde brilhou Mano (o guarda-redes que, como já divulgámos, é filho da artista Simone de Oliveira) e Rui Ribeiro, para além de óptima presença do tecnicista Oliveira, dos notenhos Teixeira e Quim e do louro Filinto, integrante do «cinco» do nosso colega «Correio da Manhã».

Seguiu-se a actuação em Málaga: Portugal venceu por 3-1. Foi um magnífica demonstração comum da beleza do futebol de salão. Por nossa parte, mais uma vez Rui Ribeiro foi o atirador de serviço, rubricando os três tentos verde-rubros. No Pavilhão Municipal de Málaga a nossa delegação esteve entregue a Mano, Jorge, Teixeira, Oliveira, Rui Ribeiro, José Carlos, Filinto, Vieira Dias, Manuel Azevedo e Quim.

A digressão encerrou o ciclo em Jaen: triunfo da selecção de Portugal (por 5-2) perante uma vasta plateia completamente rendida à capacidade lusitana nesta modalidade do futebol que, entre nós (mercê de Eusébio, Eduardo Ramos e alguns outros entusiastas) começou a regularizar a sua prática há cerca de ano e meio.

Em Jaen, novamente os aplausos maiores foram para Mano e para Rui Ribeiro: um a defender, o colega a conseguir três golos e a ser distinguido com o troféu instituído para o melhor jogador do torneio. O bloco nacional apresentou: Mano, Jorge Teixeira, Oliveira (1 golo), Rui Ribeiro (3), J. Carlos, Vieira Dias, Filinto e Quim (1).

Resta aplaudir a direcção do grupo nacional, que esteve entregue a Manuel Rodrigues, o ex-internacional de futebol de onze que, nomeadamente no Belenenses e no Desportivo da Cuf, se tornou figura popular como defesa de boa presença atlética e alto profissionalismo. Secretário permanente da Associação de Futebol de Salão de Lisboa, Manuel Rodrigues faz igualmente parte do Gabinete Técnico daquela entidade, onde está ao lado de Manolo Vidal, José Manuel Torquato e José Eduardo (presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol). Grande quota do êxito da selecção em Espanha fica ligado à orientação de Manuel Rodrigues.

Taça Cidade de Lisboa

A 14 do corrente começa a disputar-se a Taça «Cidade de Lisboa, mais uma organização da Comissão de Competição da Associação de Futebol de Salão de Lisboa. Com jogos divididos por quatro séries (12 equipas cada) terá apuramento das quatro melhores formações de cada bloco para a etapa seguinte, prosseguindo depois eliminatórias até 22 de Maio, com os encontros marcados para os pavilhões lisboetas das Olaias e da Tapadinha. Com o sorteio do calendário a efectuar-se hoje (na sede associativa: Rua Cidade Liverpool, 6, r/c, esq.º, telefones 848581 ou 834079) o torneio está dotado de troféus «Cidade de Lisboa» e «Timex», com medalhas para as turmas finalistas.

Ciclismo: "Volta à Comunidade Europeia" vai começar no Porto, no mês de Setembro

A primeira Volta à Comunidade Europeia em bicicleta, que substituirá a Volta do Futuro, deverá começar em Setembro, na cidade do Porto — anunciou em Bruxelas, Jacques Delors. A revelação foi feita pelo presidente da Comissão das Comunidades Europeias, durante um encontro com jornalistas portugueses, na véspera da sua visita oficial a Portugal.

Jacques Delors acrescentou que, durante a estada em Portugal, realizará contactos para que a partida para a Volta à Comunidade Europeia em bicicleta seja dada da cidade do Porto: **Será uma maneira de festejar a «Europa dos 12» neste primeiro ano de existência** — disse o dirigente comunitário. **A «Volta» partirá do Porto e terminará em Turim, na Itália** — sublinhou Jacques Delors, grande apaixonado pelo ciclismo.

A corrida, de duas semanas, vai substituir a Volta do Futuro, que se tem realizado anualmente em França, e contará com o patrocínio da Comunidade Económica Europeia.

Segundo afirma Jacques Delors, o percurso deste ano, destinado a marcar a adesão de Portugal e da Espanha à CEE, será traçado essencialmente no Sul da Europa. **A prova não passará por Paris** (indicou Delors) **e só para a segunda edição iremos para o Norte da Europa.**

A primeira Volta à Comunidade Europeia será apresentada oficialmente no domingo de manhã, em Compiegne (França), local de partida da «clássica» velocipédica francesa «Paris-Roubaix», numa cerimónia em que estará presente Jacques Delors. O projecto do presidente da Comissão tem, para além da motivação desportiva, um aspecto de informação e sensibilização das populações europeias para a realidade e importância do alargamento da CEE: **à noite e após o final de cada etapa faremos debates para os quais vamos convidar diversas personalidades** — declarou Delors. **O importante, agora, é conseguir apoios e convencer os grandes nomes do ciclismo europeu a tomar parte nesta competição.**

O presidente da Comisão das Comunidades indicou, também, que espera poder contar com ciclistas de todos os Estados membros da CEE e que a corrida estará igualmente aberta a equipas colombianas, que habitualmente participam na Volta do Futuro. Sobre a participação de soviéticos na prova, Delors afirmou: **Porque não? Poderá ser visto no quadro das novas relações entre a CEE e o Comecon.**

A ideia desta Volta à CEE em bicicleta surge após a Volta à Comunidade em barco à vela, correspondendo ao temperamento desportivo de Jacques Delors, grande admirador das provas de ciclismo. No entanto, o responsável da CEE indicou ainda que é igualmente favorável à realização de um torneio de futebol de salão no quadro da Comunidade Europeia, acrescentando que o mesmo **poderá realizar-se no próximo ano, em Janeiro ou Fevereiro,** com a participação de equipas dos grandes clubes europeus. Grande entusiasta de futebol, Jacques Delors lamentou que esta visita a Portugal não coincida com um grande encontro de futebol entre equipas portuguesas, tendo os membros do seu gabinete informado que esta tinha sido uma das perguntas que o presidente tinha feito às autoridades portuguesas.

Costeado perante Proust

- **Qual é, para si, o cúmulo da miséria?**
  A fome e, por conseguinte, o problema que provoca na Humanidade.
- **Onde gostaria de viver?**
  No local onde me encontro. Contudo, gostaria de um dia viver temporariamente na Madeira e no Brasil.
- **O ideal de felicidade terrena?**
  Bom ambiente familiar.
- **Os «heróis» de romance que prefere?**
  Algumas das personagens das obras de Camilo Castelo Branco e de Eça de Queirós.
- **Personagem histórico que admira?**
  O escritor Júlio Dinis.
- **As heroínas favoritas na vida real?**
  A minha mãe e a minha mulher.
- **Pintor que aplaude?**
  Um pintor que vive em Guimarães, de nome Caçoila.
- **Músicos preferidos?**
  Joe Cocker e Khris de Bergue.
- **Qual dades superiores no homem?**
  A honestidade e a sinceridade.
- **Virtude que distingue?**
  As mesmas: honestidade e sinceridade.
- **Ocupação nas horas livres?**
  Depois do futebol, ir passear com a família.
- **Quem gostaria de ter sido?**
  Ninguém em especial. Gosto de ser quem sou.
- **Principal traço do seu carácter?**
  Ser uma pessoa «radical».
- **Que mais aprecia nos seus amigos?**
  A sua sinceridade e a honestidade.
- **O principal defeito?**
  Ser pouco ambicioso, embora esteja a tentar corrigir isso.

Costeado: um lutador

- **Cor preferida?**
  Preto, cinzento e amarelo.
- **Autores em prosa que salienta?**
  Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós.
- **Poetas preferidos?**
  Normalmente não costumo ler poesia.
- **Nome favorito?**
  João: o nome do meu filho.
- **O que mais detesta?**
  A hipocrisia e a mentira.

VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTÍLOPE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUES DE TOMAR, 68-1. ESQ.
☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

EDITAL

RUBEM AMARAL JÚNIOR, Cônsul Geral Adjunto do Brasil em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira ANABELA DOS REIS DOMINGOS, filha de António Firmino Domingos e de Maria Manoela Leal dos Reis, pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento oponha-o na forma da Lei na Chancelaria do Consulado Geral, do Brasil, em Lisboa, sito à Praça de Luís de Camões, n.º 22-1.º esq.º.

Lisboa, em 1 de Abril de 1986

S. R.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que no Conselho Administrativo desta Direcção — Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
9/86-Mat.	AQ. SOB. FERRET/SALADIN	2,5% valor prop.	08MAI86	10H30

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas.

As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O PRESIDENTE DO C.A.
FERNANDO JOAQUIM SILVA PONTES
Major de A.M.

Vinte e quatro filmes, três dos quais extra-concurso, estão já inscritos na selecção oficial do XV Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, que decorrerá entre os dias 11 e 21 do próximo mês de Setembro, mas a inscrição e selecção das películas só termina a 10 de Agosto. Para já — e até 30 de Maio — a comissão executiva admite projectos relativos ao concurso para o cartaz do certame, cuja décima quinta edição foi apresentada no domingo aos representantes dos orgãos de Informação, por José Vieira Marques.

Para já: cartaz precisa-se para a 15ª edição

Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz será em Setembro mas já começa a dar sinais de vida

Rodrigues Borges

No auditório do Museu Dr. Santos Rocha, ladeado por Aguiar de Carvalho, Carlos Beja e Amaral Gouveia (respectivamente presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, administrador da Sociedade Figueira-Praia e vereador do pelouro da Cultura), José Vieira Marques desembainhou as linhas mestras do XV Festival Internacional de Cinemas da Figueirada Foz.

O secretário-geral do Festival começou por se referir ao concurso para o cartaz, aberto até ao dia 30 de Maio a todos os artistas plásticos (e não só...) e subordinado a um regulamento já divulgado. E depois falou das relações festival-participantes-público...

«O Festival propõe à apreciação do público filmes escolhidos exclusivamente segundo um critério de valor expressivo e estético, pretendendo promover o Cinema reconhecidamente progressista, mediante um enquadramento cultural adequado. Para que os filmes participantes reúnam nessas condições, a comissão executiva do Festival consultará individualidades (cineastas, críticos da especialidade, etc.) e entidades competentes, tanto portuguesas como estrangeiras. A selecção oficial incidirá, quanto possível, sobre filmes do jovem cinema mundial.

No que toca ao referido enquadramento cultural, o Festival promoverá colóquios abertos, encontros com realizadores e outros especialistas do cinema e, sobretudo, debates sobre os filmes programados, publicando ainda textos de apoio e textos críticos acerca dos filmes da selecção oficial e dos programas especiais.

Participação do público, programa e filme

E mais foi dito: «que o Festival criará condições especiais de participação do público, nomeadamente facilidades de acesso às sessões e nas condições de estadia, mediante inscrição prévia através de boletins editados e fornecidos pela comissão executiva do Festival.

O programa do Festival compreende duas secções: a selecção oficial e os programas especiais e vídeo. A primeira comporta filmes de ficção, imagens e documento, curtas metragens e filmes para crianças.

Na segunda secção poderão ser admitidos, extra concurso, filmes com duração inferior a 60 minutos, mediante acordo especial com a comissão executiva. Podem também participar filmes de 15 e 16 milímetros, mas esta participação fica vedada a filmes cuja banda sonora se apresente em banda separada.

Os filmes de selecção oficial devem ter sido concluídos depois do dia 1 de Janeiro de 1984, sendo ainda admitidos filmes apresentados noutros festivais cinematográficos. Mas atenção: os filmes inscritos na selecção oficial não podem ter sido estreados no circuito comercial português nem em outros festivais realizados em Portugal. Sobre a mesma matéria, o regulamento do Festival da Figueira da Foz prevê que podem propor filmes para a selecção oficial os organismos nacionais ou profissionais de cada país, as companhias de televisão como co-produtoras e os produtores independentes. A inscrição dos filmes é gratuita e a comissão executiva reserva-se o direito de convidar, segundo o seu critério, alguns filmes.

«Gonza, o Homem da Lança» de Masahiro Shinoda (Japão)

Espaço ibero-americano uma novidade este ano

Uma novidade para a décima quinta edição do Festival — segundo foi revelado por José Vieira Marques — será o «Espaço Ibero-Americano» e que em síntese consistirá numa nova secção integralmente constituída por obras significativas das cinematografias de expressão portuguesa e espanhola, obviamente provenientes de Espanha, Portugal e dos países latino-americanos.

A importância deste novo espaço, justificou-a José Vieira Marques pelo interesse que há em mostrar determinados filmes em Portugal, tanto pela qualidade como inclusivamente por razões de ordem cultural (maior identidade com a nossa própria cultura, etc.).

Levantada a questão, durante a conferência de Imprensa, sobre a eventualidade de aquele espaço vir a ser alargado a filmes dos países africanos de expressão portuguesa, o secretário-geral do Festival da Figueira da Foz mostrou-se inequivocamente receptivo, dando a entender que isso será apenas uma questão de acerto de agulhas... e de tempo mais propício. No entanto, tudo parece indicar que serão exibidos no Festival da Figueira um filme de Angola e outro de Moçambique.

Outras revelações não menos significativas do que as até aqui registadas — tantas que algumas terão de esperar por segunda oportunidade — foram-nos adiantadas domingo na Figueira da Foz por José Vieira Marques.

Sintetizando, falemos dos programas especiais este ano dedicados ao cinema da Índia, aos filmes da novíssima geração de realizadores oeste-alemães, às antestreias de 1986-87, às actividades paralelas (edição do boletim diário do Festival, à mostra de artesanato, à feira de coleccionadores e à exposição de artes plásticas no Museu Dr. Santos Rocha que estará patente durante o Festival pela quinta vez consecutiva).

Não queremos, ainda, deixar de referir, «O Cinema Português no Festival da Figueira da Foz (1972-1985», um programa especial que serve ao mesmo tempo de balanço do melhor que o cinema português produziu nos últimos 14 anos.

Seleccionados: são estes até agora

Para terminar, eis a lista dos filmes já seleccionados:

— Nada, nada sem ti (Nichts, nicht ohne dich), de Pia Frankenberg (Alemanha Federal); — Höhenfeur, de Fredi M. Murer (Suíça); — Edvige Scimitt, de Mathias Zschokke (Suíça); — Que acontece realmente entre as imagens (Was geschah wirklich zwischen den Bilden), de Werner Nekes (Alemanha Federal); — Os anos de pedra (Petrina Chronia), de Pantelis Voulgaris (Grécia); — Uma vista do paraíso (Paradise View), de Tsuyoshi Takamine (Japão); — China, a Arte, a Vida quotidiana (China, die Künste, der Alltag), de Ulrike Ottinger (Alemanha Federal); — Dorian Gray no espelho da Imprensa sentimental (Dorian Gray im Spiegel der Boulevardpresse), de Ulrike Ottinger (Alemanha Federal) — Extra concurso; — Nem tudo é verdade, de Rogério Sganzerla (Brasil); — O Adeus à Arca (Saraba Hakobune), de Shuji Terayama (Japão). Extra conc.; — Meia vida (Half life), de Dennis O'Rourke (Austrália); — A mulher da província (Kobieta z provincij), de Andrzej Baránski (Polónia); — Eu gosto do dinheiro (I love money), de Johan van der Keuken (Holanda); — Sem fim (Bez Konca), de Krzystof Kieślowski (Polónia); — Frustração (Afzien), de Gerrard Verhage (Holanda); — O lado feliz da vida (Sunny side of life) de Appalshop Films (E.U.A.); — Um verão na casa do avô (Dongdong de Jiagi), de Hou Xiaoxian (Formosa — China); — A sonata a Kreutzer (A sonata a Kreutzer), de Gabriella Rosaleva (Itália); — Frida, Natureza vida (Frida, Naturaleza Viva), de Paul Leduc (México); — Sobre a Argentina (De l'Argentine), de Werner Schroeter (França); — A fortaleza de Souram, uma lenda, de Sergei Paradjanov (URSS — Georgia); — A cor das romãs, de Sergei Paradjanov (URSS — Georgia). Extra concurso; — Yari no Gonza (Gonza, o homem da lança), de Masahiro Shinoda (Japão); — Der Tod des weissen Pferd (A morte do cavalo branco), de Christian Ziewer (Alemanha Federal).

Entretanto, a inscrição e selecção de filmes prosseguem até ao dia 10 de Agosto.

«O Espírito do Barro» de Mani Kaul (Índia)

«Dorian Gray no Espelho da Imprensa Sentimental» de Ulrike Ottinger (RFA)

O medo e a feérie *na mais recente produção longa de animação da Walt Disney Productions*

"Taran e o Caldeirão Mágico"

Jorge Leitão Ramos

Os números de uma longa-metragem de animação são sempre impressionantes: mais de dez anos de fabricação, um orçamento de vinte e cinco milhões de dólares, mais de duzentas pessoas ocupadas no projecto, o 70 mm como suporte.
E, no entanto, se os meios de produção são particularmente importantes neste tipo de cinema, o essencial não está aí. E, já se sabe, os tempos mágicos da Walt Disney Productions pertencem ao passado.

Reencontramos, é claro, o traço Disney, o espírito da «casa» na concepção dos personagens, alguma feérie, algum medo, também. O produto aparece, no entanto, como resultado de uma rotina industrial, sem que se sinta que qualquer personalidade forte esteja por detrás da **máquina.** E há mesmo uma inegável sensação de já visto em todo o filme que, de resto, apresenta mesmo algumas deficiências estruturais.

A maior de todas está a nível do argumento. Se o ponto de partida é um pálido sucedâneo da cosmogonia visionária de Tolkien (o que já por si se traduz na incomodidade de encontrar uma sombra tutelar fortíssima, um ponto de comparação esmagador), o tratamento planificado dessa «história» está cheio de indecisões, buracos, arritmias, faltando sopro de conjunto, tempo para que se desenvolva e mature cada novo «achado», como se se pretendesse narrar muito e depressa, quando toda a respiração ficcional aponta para um tempo lento que dê ocasião ao «leitor» para se embeber no universo que o filme propõe.

Acontece ainda que um certo espírito feérico que, durante décadas, só pode ser erguido, em cinema, graças ao desenho animado, já não é, nos dias que correm, seu território exclusivo. A evolução espectacular dos «efeitos especiais visuais», ocorrida nos últimos anos, veio estender o campo do **possível** cinematográfico. E vendo «**Taran e o caldeirão mágico**» esse facto torna-se de uma incómoda evidência. Mais fabuloso e espectacular se viu já em múltiplos filmes com actores «de carne-e-osso», o que não parece ter sido meditado pelos responsáveis da Walt Disney Productions que correm o risco de continuar a fabricar produtos que pertencem ao espírito de um passado glorioso mas se mostram incapazes de uma evolução que ponha os pés assentes no terreno cinematográfico que hoje se pisa.

FICHA:
Título original: The black cauldron.
Realização: Ted Berman e Richard Rich (EUA-1985).
Baseado em «The Chronicles of Prydain» de Lloyd Alexander.
Produção: Joe Hale.
Produção executiva: Ron Miller.
Música: Elmer Bernstein.
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.
Cinemas: Amoreiras 2, Fonte Nova e Tivoli.
Classificação: Para todos.
Duração: 80 minutos.

Subsídios para melhorar ou construir 24 salas

O Instituto Português de Cinema atribuiu 24 subsídios para a melhoria de salas, para a construção de novas ou adaptação de instalações já existentes.

As 14 salas que receberam subsídios para sofrerem melhoramentos situam-se na quase totalidade fora dos grandes centros urbanos: Quarteira, Torres Vedras, Porto, Algueirão-Mem Martins, Cercal do Alentejo, Lisboa, Vizela, Sintra, Silves, Luso, S. Pedro de Muel, Buarcos, Montargil e Vila Nova de Mil Fontes.

A assistência para melhoria é prioritariamente atribuída a salas que nunca tenham beneficiado de empréstimos ou subsídios do IPC para este fim ou que os tenham recebido há mais tempo.

Os subsídios agora atribuídos variam entre 150 contos e 4700 contos.

Quanto aos subsídios para a construção de novas salas ou adaptação das já existentes, a escolha do IPC recaiu sobre projectos em Famalicão, Porto, Lisboa, Leiria (o mais alto, no valor de 10 mil contos), Cascais, Tortosendo, Loulé, Seia e Castanheira do Ribatejo.

A assistência à construção de novas salas privilegia os concelhos onde há menos salas por habitante e os requerentes que apresentem mais capitais proprios, de acordo com o IPC.

Vai estrear em Manila um filme sobre Benigno Aquino

O filme «Meu Filho Lando», sobre a vida do presumível assassino de Benigno Aquino, Rolando Galman, até agora proíbido nas Filipinas, estará em breve em cartaz nas salas de cinema de Manila.

Galman foi abatido no aeroporto de Manila em 21 de Agosto de 1983 imediatamente após ter disparado, segundo a versão oficial, sobre o dirigente da oposição filipina, Benigno Aquino.

Fontes não oficiais indicaram, na altura, que a polícia liquidou Galman para o poder «responsabilizar» pelo assassínio de Aquino, acto na realidade perpetrado, segundo elas, por agentes dos serviços de segurança que, no aeroporto, esperavam o líder oposicionista, regressado de um longo exílio nos Estados Unidos.

Poucos filipinos acreditam que tenha sido Galman quem assassinou Aquino. Membros da família daquele, chegaram mesmo a participar em comícios da oposição, este ano.

Entre os intérpretes do filme, figuram o filho de Galman, Reynaldo, de 12 anos, e a irmã, Marilv, de 18.

Joan Collins na mini-série "Sins"

Provando o seu estatuto de grande estrela de televisão, Joan Collins vai entrar numa mini-série de sete horas. Em «Sins» ela desempenha uma inocente vagabunda francesa que cresce para se tornar dona de uma poderosa revista de modas.

«Na verdade, a ideia foi do Peter», disse Collins, referindo-se a Peter Holm, o sueco louro com quem ela recentemente casou. «Foi ele que conseguiu tudo.» Foi Holm que negociou o contrato de Collins com a New World Pictures do qual resultou a produção da CBS filmada em Paris e diversas localidades da Europa.

«Sins» baseado no bestseller de Judith Gould, contém os elementos essenciais para uma mini-série.

«O meu personagem, Helene Junot, comete o pecado de se tornar amante de um homem que ela não ama (interpretado por Giancarlo Giannini) para financiar o seu desejo de vingança», disse Collins. O objecto da sua vingança, interpretado por Steven Berkoff, é um nazi cujos crimes de guerra incluem o assassínio da mãe de Helene.

O império da revista de Helene tomou enormes proporções, mas ela só alcança grande importância depois de um princípio modesto como costureira. Ela passa de costureira a manequim, e depois a desenhadora de modas para uma casa administrada por um personagem interpretada por Capucine. O papel de Helene durante a sua adolescência é interpretado por Catherine Mary Stewart.

Surpreendentemente poucas mini-séries e filmes de televisão originam caminhos particulares para as pessoas famosas. «Hollywood não aceita muito bem a actriz-produtora», explica Collins acerca de «Sins». «Esta produção é feita como os filmes nos anos trinta, quarenta e cinquenta. O principal trabalho neste caso é adaptar a produção à actriz. Em vez de ser a actriz a preparar-se para a produção.»

Collins e Holm estavam de férias no Sul de França no Verão de 1984 quando leram o livro de Gould. «Gostei do carácter de Helene porque ela é muito diferente de Alexis, de «Dinastia». As motivações de Helene são desinteressadas, embora os meios que ela escolha sejam pouco convencionais. Escolhi interpretar Helene como contraste à imagem de Alexis.

«Percebo que o público americano talvez não me aceite como uma boa vizinha com a casa cheia de miúdos. A jovem Helene é ainda mais doce, mais vulnerável e atingível. Mas à medida que envelhece vai-se tornando mais dura. É essa fase que o público quer ver, porque se parece com Alexis. O desafio, para mim, é poder representar essa mudança gradual.»

Hoje, numa perfeita tarde de Primavera, Collins permanece num quarto com um tecto hemisférico, na Ecole Des Beaux Arts. Está a gravar uma cena na qual a jovem Helene aponta um dedo acusador para o impenitente nazi. O advogado de defesa John McEnery, o actor que recentemente interpretou Caligula em «A D» está a meter medo a Helene.

Ninguém poderá acusar Collins de querer trabalhar para a PBC. «Nesta altura da minha carreira não quero fazer séries com mensagens. Algums pessoas pensam que a sua missão é ensinar as audiências. Não penso assim. Eu entretenho. Se quiser ser educada, não vejo televisão, vou tirar um curso.»

Aproveitando a oportunidade de trabalhar com um novo grupo de actores, Collins diz que o prazer de «Sins» reside em fugir um pouco ao confortável de Dinastia, de que eu tanto gosto. «Ela abandonou a Califórnia uma hora e meia depois de filmar a cena final da época 1984-85 de 'Dinastia', em que sofria um atentado.»

Não é preciso dizer que Alexis sobreviveu. O contrato de Collins para mais dois anos assim o obrigou, e os fans da série também tiveram peso nessa decisão. «Uma das razões porque o público gosta tanto de Alexis,» observa Collins «é porque eu gosto dela. Acontece que a acho fascinante, interessante e simpática.» Collins ri-se desta piada, assim como o marido Holm, que permanece de mãos dadas à companheira.

Collins continua «Não. Alexis é simpática. Também é divertida. É ambiciosa, desonesta e manipuladora, e é melhor não lhe voltares as costas — mas a maior parte dos políticos e produtores que eu conheço são assim. Algumas das pessoas mais admiradas de Hollywood são muito manipuladoras.»

«Alexis nunca mudará, a menos que encontre um homem suficientemente forte e que ela respeite. Mas porque é que ela há-de mudar? O que é que ela faz que um homem não pudesse fazer sem sofrer comentários?».

CINEMAS

Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA».
Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET.
Em exibição no Estádio 444 e Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2
TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Amoreiras 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70
JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

LOUCURAS AMERICANAS
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358

TARADAS DO SEXO
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineblaco
— T. 556824

ROCKY IV
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O VIOLADOR
(m. 18 anos)
24.00 h

Cine Camões
T. 324194

OS COMANDOS
(m. 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

D.A.R.L.Y
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AUTO STOP ALUCINANTE
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca
PRIM/1930
18.30 h
RAZA/1941
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amoshu
TRINITÁ COWBOY INSOLENTE
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Shuza
COMANDO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O PROFISSIONAL
(maiores 13 anos)
23.45

Condes
— T. 322523

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

O SOL AOS QUADRADINHOS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

HERÓIS E AMANTES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

O ÚLTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO
(maiores 6 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Império
— T. 555134

ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362

AGNES DE DEUS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

COMANDO EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

A CASTA MATULONA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathé
— 821933

O JUIZ SOU EU
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O SARGENTO DA FORÇA UM
(m. 13 anos)
24 h

Politeama
T. 326305

DESTACADAMENTE EM MISSÃO ESPECIAL
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
NOITES DE LUA CHEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
MASH
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
O ENCONTRO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
DO FUNDO DO CORAÇÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
HISTÓRIA DE PIERA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AOS NOSSOS AMORES
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4
RUMBLE FISH — JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
14.00, 16.00, 18.00, 19.45, 21.30 e 23.30 h

N'Gola
— T. 573407

PEDRO, O GRANDE
II Parte — OS FEITOS GLORIOSOS
(maiores 12 anos)
14.30, 18.30 e 21.30 h

Restelo
T. 610375

ROCKY IV
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756

A TESTEMUNHA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Roxy
T. 548560

JOÃO BRONCAS E A LICEAL
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715

D.A.R.L.Y.
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

UMA NOITE INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

ESPIÃO COMO NÓS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

MAD MAX – ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480

O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

SOFRIMENTO DE AMOR
(n/acons. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «A mascara», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cineteatro Lido — «O beijo da mulher aranha», às 15.30 e 21.15 h (m. Cres 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «O Sol aos quadradinhos», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «As noites de China Blue», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

CINETEATRO CHABY — MEM MARTINS — Descanso.

ESTÚDIO DOIS EME — «Taran e o caldeirão mágico», às 21.30 h (para todos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «Os especialistas», às 18.15 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — CINEMA 2000 — «Rocky IV», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — ALTO DA BARRA — SALA 1 — «Os gansos selvagens contra-atacam», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «A paixão de Swann», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CASCAIS – MIRAMAR/ SALA 1 — «A jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

SALA 2 — «Divórcio em Hollywwod», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – ATLÂNTIDA CINE — «Regresso ao futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

OXFORD — «Vingança jurada», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

MIRAMAR — Sala 1 — «A Jóia do Nilo», às 15.15 e 21.30 (m. 12 anos)

SALA 2 — «O Beijo da Mulher Aranha», às 15.30 e 21.45 (m. 16 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Gelado de Limão III», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível — «4 ponhos contra Rio», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

CINE ESTÚDIO ALMADA — «Máscara», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maioes 12 anos)

CAPARICA — OCEANO – Sala 1 – «Cotton Club», às 15.45 e 21,30 h (maiores 16 anos). **Sala 2 –** «O Espião do Sapato Vermelho», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CRUZ DE PAU – LORD – «Código do silêncio», às 16.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO – CINE-ESTÚDIO BARREIRENSE – Descanso

FORTE DA CASA – FOCA CINE – «Os gladiadores do Texas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

LINDA-A-VELHA – CINE-TROPICAL «A testemunha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

MOSCAVIDE – STOP – «O Vingador Atira à Esquerda», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ODIVELAS – CINE-ODIVEL — «Laranja Mecânica», às 15.30 e 21.30 h (int. maiores 18 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DE SANTO AMARO: Tapada, C. da Tapada, 83-A (T 634721); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Diniz, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE -ALTO DE SÃO JOÃO: Vitaliz**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja Esq. (T. 7588727), **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 190 (T 313610); **PEDROUÇOS: Sociedade Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **RATO: D. João V**, R. D. João V, 16-C (T. 782772); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **TIVOLI - RESTAURADORES: Galénica,** , R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALVALADE -PONTE D'AGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS -CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS: Góis**, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA: Teixeira Lopes**, R. do Ouru, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I: Lys**, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO -AMOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL Brandoa - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**. Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo Marques —** R. Almirante Reis, 50 (Tel 2310032) Até às 22 h; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até as 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bairro**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGES: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote V, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Viuvenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120- Reboleira (T. 4938424). Permanente; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente); **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

Coimbra — ROCHA, R. do Brasil, defronte de São Teotónio (T. 711526); **CENTRAL**, R. da Sofia, 19 (T. 22089); **DUARTE**, C. de Santa Isabel, 46 (T. 812413).

DL TEATROS

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

Da 3.ª a sábado, às 21.45; aos domingos, as 16.00

«**QUASE POR ACASO UMA MULHER**», de Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30.

«**E o GODOT SEMPRE CHEGOU**», de Alexander Pastor. Encenação de Armando Cortez. Intérpretes: Hermínia Tojal, Álvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e Silva e Carla Cristina.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«**JOGO DE LOUCOS**», de Michel Viala. Encenação: Domingos Semedo. **TAS**.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados, às 16.00

«**D. JOÃO**», de Molière. Encenação de Jean-Marie Villégier. Interpretado por António Rama, Barroso Lopes, Carlos Daniel, Carlos Pimenta, Henriqueta Maya, Ignor Sampaio, Lúcia Maria, Mário Pereira, Ruy de Carvalho, São José Lapa, António Banha, etc.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«**BEM-VINDO SR. SLOANE**», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Sábados e domingos às 16.00

«**AS VIAGENS DO FERRO-VELHO**», de Álvaro Faria. Grupo Pequeno Teatro.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**BODAS DE SANGUE**», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Instituto Franco-portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«**UNE PUCELLE POR UN GORILLE**», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

Grupo de Teatro Mutzom

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CESÁRIO QUÊ?**». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Cerlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 2

6.ªs, às 21.30; sábados, às 15.00 e 21.30; domingos, às 15.00

«**NÓS DE UM SEGREDO**», de João Brites, pelo Grupo «O Bando». Encenação de João Brites.

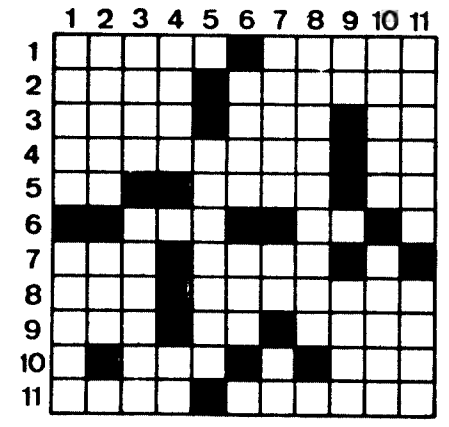
Sala Nova

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intpérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 699



HORIZONTAIS:

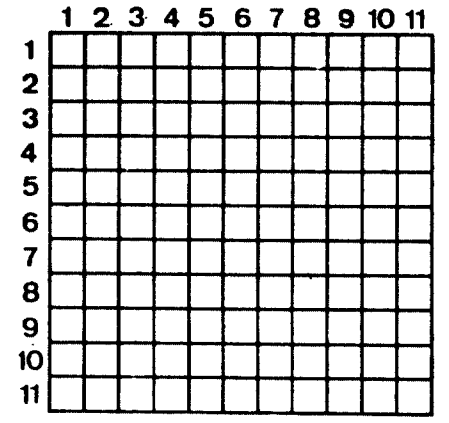
1 Mais cedo. Cidade de Itália.
2 Undécimo mês do calendário árabe. Cheganas.
3 Imperador romano, vencido em Bedríaco pelas legiões de Vitélio e se matou. Ilha do Estado da Baía. Bario (s.q).
4 Peneiravam. Caminhar.
5 O lado do vento. Domestica. Preposição e artigo (inv).
6 Naquele lugar. Rubídio (s.q).
7 Felicidade. Neste lugar.
8 Nome de fruto. Chupados.
9 Chefe etíope. Pronome reflexo. Cura.
10 Ecoe. Sufixo que designa pequenez.
11 Vazias. Recados.

VERTICAIS:

1 Idoso. Jumento.
2 Natalício. Nome de mulher.
3 Irmãs da mãe. Mistura.
4 Divindade do amor, entre os Gregos. Ósmio (s.q).
5 Transferisse para outro dia.
6 Esperto. Pronome relativo.
7 Escavam. Árvore da serra Leoa (inv). Mil e cinco em romano.
8 Guarnecerias de arames.
9 Nota musical. Ofereceis.
10 Erudito. Defunto.
11 Guarneceram de asas. Sadios.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 538



HORIZONTAIS:

1 Bobo, homem sem carácter.
2 Pequena barra de oiro que serve de moeda entre os japoneses. Autores. Lavrar.
3 Enfarruscara.
4 Calotee (inv). Amamentar.
5 Despida. Ergo.
6 Besunta. Rio de Itália.
7 Transpira. Despida. Cobalto (s.q).
8 Duna na Suécia. Existe. Bário (s.q).
9 Grandes relevos graníticos de 300 metros de altura, na serra da Estrela.
10 Aqui. Sarado
11 Dai arrotos. Catedrais

VERTICAIS:

1 Dança e música nacionais da Polónia. Bário (s.q).
2 Rio da Rússia. Ouro (s.q). Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!
3 Racharas. Crómio (s.q).
4 Segundo filho de Noé e pai de Canaã.
5 Antigo reino da península Ibérica.
6 Cidade da Arábia Saudita. Cambiante.
7 Partido (pop). Cidade de Espanha.
8 Galinha de raça pequena (Bras). Cidade da Ucrânia.
9 Musa que presidia à poesia lírica, e especialmente à poesia erótica. Rostos.
10 Estado da Venezuela. Rio de Itália. Composição poética.
11 Lenço usado pelos romanos para limpar a boca. Costumes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 698**

HORIZONTAIS:

1 Arredar. Aer.
2 IE. Ir. Aí.
3 Amoladas. Mm.
4 Os. Nicaria.
5 Fr. Calara.
6 Ódio. Sana.
7 Ri. RDA. SC.
8 Tasca. Aço.
9 Um. OTAN. Res.
10 Avança. Ga.
11 Arras. Assam.

VERTICAIS:

1 A. FORTUNA.
2 Remordiam.
3 Rios. Ar.
4 Corcova.
5 Diana. Datas.
6 Ardil. An.
7 Saca. Anca.
8 Asaras. As.
9 Aí. Rançar.
10 É. Mi. CEGA.
11 Remas. Cosam.

PROVÉRBIO: A fortuna é cega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 537**

HORIZONTAIS:

1 **Looping. MCC.**
2 **Ota. Noras.**
3 **Raivosos. SM.**
4 **Iró. SS. Aí.**
5 **Si. Passeios.**
6 **Amainem. Só.**
7 **Ar.**
8 **Rimarem.**
9 **Notários. Cs.**
10 **Fui. Tio.**
11 **Relataram.**

VERTICAIS:

1 Loris. Linfa.
2 Otária. Ou.
3 Oaio. Mártir.
4 Pária.
5 Inovai. Mr.
6 Nós. SN. Aira.
7 Grosseiro.
8 Assem. Esta.
9 Ms. Um. Ir.
10 Sãos. Coa.
11 Camisolas.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Selecção da ópera «Palhaços», de Leoncavallo; **17.00**: Integrais; **17.27**: Trio, em ré menor, para piano, violino e violoncelo, de Mendelssohn; **18.00**: Música da Idade Média e do Renascimento; **18.40**: Música de Beethoven; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música de câmara; **22.15**: Música portuguesa; **22.45**: Solos instrumentais; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Quiosque; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Clube dos coleccionadores; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Uma casa portuguesa; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Jornal da região de Lisboa; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Sete colinas; **20.00**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.00: Cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

11.02 — Conheça Melhor
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical

2.º episódio (resumo). Após o incidente com Silvana, Viveiros (Oswaldo Louzado) diz a Oliva que ele não reúne as condições necessárias para ser o presidente do clube. Depois de muitas tentativas, Luca faz as pazes com Bina (Georgia Gomide) e a loja fica «em festa». Zeca (Jonas Torres) faz com que Catarina caia na banheira. Foge pela janela e esconde-se numa camioneta que, estacionada no jardim, aguardava a todo o momento o sinal de partida. Ao tomar conhecimento da fuga de Zeca, Silvana resolve ir procurá-lo, mas ao sair de casa de Oliva, fica sem saber o que fazer. Verónica explica a Ivan (Carlos Augusto Strazza) porque está tão interessada em encontrar Vítor. Luca atropela Silvana que, desesperadamente, corre pela rua procurando Zeca.

13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.02 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos

«A Arca de Noé» e «O Urso Teddy»

18.45 — País, País
19.15 — Jazz para todos
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.34 — Suplemento ao Telejornal
20.55 — Corpo a Corpo

Episódio 21.º (resumo). Olga conta a Eloá e aos outros que Alceu, antes do acidente, já pensava em sair da empresa para fazer carreira política. Por isso, todos concluem que não houve nenhum atentado contra ele, mas uma grande coincidência. Zeca e Bia beijam-se depois da entrevista. Lúcia consegue encontrar William na piscina do hotel. Eloá é eleita directora, por unanimidade, e toma posse do seu novo cargo. Olavo marca uma reunião. Zoraide aluga um quarto para Guiomar, que pretende pagar com o dinheiro que está a ganhar na venda dos panos feitos por Angela. Eloá diz a Osmar que ele é quem vai decidir se deve ser ou não mandado embora da Fraga Dantas.

21.40 — Circo do Futuro
22.50 — Estranhos Poderes por Arthur C. Clark

2.º episódio.

23.10 — 24 Horas
23.35 — Remate

RTP 2

19.32 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados
20.00 — Videopólis
20.30 — Falar de Macau
21.00 — Sessão das Nove

«As Grades do Inferno». Obra baseada no romance de Isa Mari, «Roma Via Delle Mantellate» e realizada por Giuseppe Amato, conta-nos como o ambiente prisional, pode transformar a mente e a personalidade, de quem nelas tem de viver.

Um vasto elenco de actrizes em que sobressai Anna Magnani, desenha-nos a dura vida das prisões.

Intérpretes: Anna Margnani, Giulietta Masina, Cristina Gasoni, Anita Durante, Milly Monti, Marcella Rovena. Realização: Giuseppe Amato.

23.00 — Últimas Notícias

2.º episódio de «Estranhos Poderes» às 22.15 no 1.º Canal

Para os mais novos (e não só...) há desenhos animados

AMANHÃ

RTP 1

11.02 — Onde fica isto? «Terras Escondidas»
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical (3.º episódio)
13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.02 — Sumário
18.07 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Telemundo
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.35 — Boletim Meteorológico
20.40 — Corpo a Corpo (22.º episódio)
21.30 — Noite de Cinema — «Melinda»
23.30 — 24 Horas
23.45 — Remate

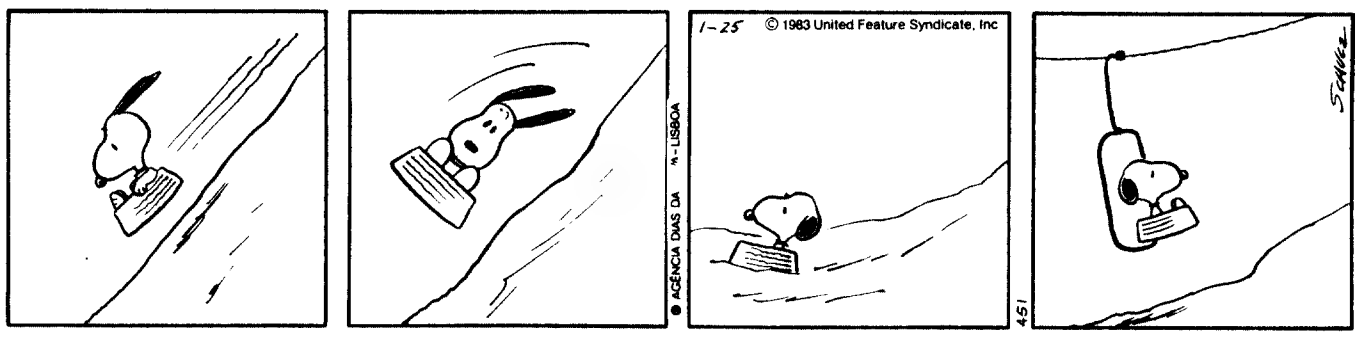
RTP 2

19.32 — Notícias
19.37 — Desenhos Animados
20.00 — Pare, escute e olhe (5.º programa)
20.30 — A Rota de Seda
21.25 — Notícias
21.30 — Foi êxito na TV (com José Calvário e Jorge Machado)
22.30 — Últimas Notícias

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B e R. de Macau, 8-1.º LISBOA

MELO INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
CAMPANHA DA PÁSCOA
ÚLTIMA OPORTUNIDADE
ATÉ 6 MENSALIDADES S/ ENCARGOS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP/1
12.30 — Vereda Tropical
RTP 2
21.00 — Sessão das Nove
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 – Cruz Quebrada – Telef. 4197570



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.34	**4,10 m**	08.21	**1,00 m**
14.54	**3,90 m**	20.30	**0,90 m**
Dia 9			
03.09	**4,10 m**	08.49	**0,90 m**
15.26	**4,00 m**	21.01	**0,90 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	0°
VIANA DO CASTELO	3°
VILA REAL	0°
PORTO	3°
COIMBRA	3°
CABO CARVOEIRO	9°
CASTELO BRANCO	1°
PORTALEGRE	0°
LISBOA	5°
ÉVORA	4°
BEJA	2°
FARO	6°
SAGRES	—
PONTA DELGADA	15°
FUNCHAL	14°

Cavaco responde à Oposição na RTP

Presidido pelo Primeiro-Ministro Cavaco Silva, encontrava-se reunido ao fim da manhã o plenário do Conselho de Ministros, em lugar da reunião restrita para assuntos económicos habitualmente realizada às terças-feiras. O Gabinete do Primeiro-Ministro não indicou os motivos da convocação desta reunião plenária que se costuma realizar à quinta-feira, mas sabe-se que visou preparar a resposta pública de Cavaco Silva à oposição.

O Governo analisou as alterações introduzidas ao Orçamento Geral do Estado pela Assembleia da República, que deverão ser abordadas logo à noite, na RTP, pelo Primeiro-Ministro.

Cavaco Silva afirmara, na semana passada, que o Governo iria «analisar cuidadosamente» as alterações à sua proposta do Orçamento e «avaliar os seus efeitos na política económica a desenvolver no futuro. Evitando pronunciar-se sobre essas alterações antes de devidamente analisadas, o Primeiro-Ministro declarou apenas que elas representavam «mais alguns obstáculos na realização da política que o Governo se comprometeu a realizar, nomeadamente no controlo da subida dos preços e no crescimento do investimento privado».

Apesar do desagrado com que o Governo recebeu as alterações introduzidas pelo Parlamento no Orçamento Geral do Estado para 1986, os cenários dramáticos dos primeiros dias, em que alguns sectores falavam mesmo de possibilidade de demissão, parecem agora substancialmente alterados.

A ideia da imprescindibilidade deste Governo foi ultimamente contrariada, designadamente por elementos do PRD ao afirmarem, após o seu Conselho Nacional, que este Parlamento possibilita alternativas sem necessidade de eleições antecipadas. Isto terá produzido uma certa acalmia no PSD, acusado também pelos renovadores de «colagem abusiva».

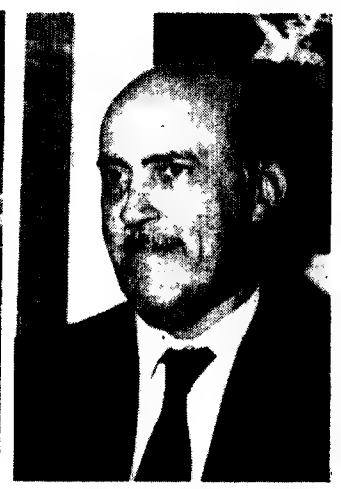
Por outro ladò, a imagem do Governo não é hoje a mesma de há uns tempos atrás. Nada de positivo se reflectiu ainda no dia a dia das populações, os conflitos sociais voltam a estalar com frequência. E porque os cidadãos não deram conta dos «benefícios» que estavam a receber, o Governo sentiu-se na obrigação de publicar uma brochura intitulada «100 dias de mudança», na qual, enumera as medidas tomadas nos seus primeiros 100 dias de actividade.

«Organizar o Estado, desenvolver a economia, promover o bem-estar social e valorizar os recursos humanos», são alguns dos títulos de que o Executivo se reclama.

Na especialidade, verifica-se que tudo isso consta afinal da alienação de empresas públicas em lugar de as reorganizar e rentabilizar e de um conjunto de medidas que não aproveitam ao cidadão-comum e nenhuma melhoria do seu nível de vida proporcionam. No princípio deste ano Portugal atingia um recorde de desemprego e nenhuma perspectiva se vislumbra a curto prazo para alterar a situação.

O árbitro agora é o PRD cuja viabilização do Programa do Governo o PSD interpretou como uma permissividade que iria repetir-se. A questão do Orçamento veio demonstrar que não era bem assim. A controvérsia verbal dos últimos dias confirmou que o Governo não poderá, certamente, contar a cem por cento com o PRD para desenvolver o seu programa.

/D/E/C/A/R/A/S/



MANUEL PINTO DA COSTA: uma mensagem do presidente de S. Tomé e Príncipe foi entregue ao Presidente Mário Soares pelo ministro da Indústria são-tomense, Carlos Bragança Gomes. Essa mensagem, entregue ontem à tarde em audiência conceida por Soares ao ministro de São Tomé, era de «simples amizade e fraternidade e sobre as relações de cooperação entre os dois países».

MARGUERITE DURAS foi galardoada com o Prémio Hemingway, no valor de 50 mil dólares, pela sua novela «The Lover», obra traduzida em 20 línguas. Margarite Duras, de 71 anos, foi escolhida numa segunda votação por um júri internacional, composto por 11 elementos e liderado por Pierre Salinger, correspondente da Televisão norte-americana e um dos organizadores da iniciativa.

LUÍS DE PINA, director da Cinemateca Portuguesa, disse que o panorama do cinema espanhol que ontem começou em Lisboa, visa mostrar algumas obras consideradas como «mais significativas da cinematografia do país vizinho». Aquele responsável acrescentou que a evolução do cinema espanhol desde o começo do sonoro até à actualidade vai estar em Lisboa até 10 de Maio.

MARIA PIA DE BRAGANÇA, filha de D. Carlos e que usa o título de representante legítima da monarquia constitucional e liberal portuguesa, apresentou no Tribunal dos Direitos do Homem, em Estrasburgo, queixa contra o Estado português. Ela reivindica a propriedade do morgadio da antiga casa dos duques de Bragança, que em seu entender incluem nomeadamente o Paço Ducal de Vila Viçosa.

RAMALHO EANES esteve presente no funeral do escultor e medalhista Cabral Antunes, sepultado no cemitério da Conchada, em Coimbra. Na missa de corpo presente, o vigário-geral da diocese de Coimbra afirmou que o mestre Cabral Antunes «percorreu os caminhos deste mundo com os olhos e a alma cheios de beleza, a que as suas mãos souberam dar forma tão rica e sublime». «Cabral Antunes, no dia em que fechou os olhos a este mundo, abriu-os àquela beleza que sonhou nas suas obras» — acrescentou monsenhor Leal Pedrosa.

JORGE AMADO, o autor de «Gabriela, Cravo e Canela», é um dos oito escritores brasileiros que acompanharão o presidente José Sarney na sua visita a Portugal, em Maio. Os outros escritores que integram a comitiva presidencial são Josué Montelo, João Cabral de Melo Neto, Origines Lessa, Armando Niskier, José Guilherme Merchior, Marcos Vilaça e Francisco de Assis Barbosa. Todos são, como o próprio presidente Sarney, membros da Academia Brasileira de Letras.

Walter Marques o candidato mais forte

Substituto de Vitor Constâncio conhecido até ao fim de semana

O novo governador do Banco de Portugal deverá ser nomeado até ao final da semana, garantiram à Anop fontes bancárias. Os sucessores mais prováveis de Vítor Constâncio, que deixa de exercer funções no dia 13 de Abril, são Alexandre Vaz Pinto e Walter Marques, já administradores do Banco de Portugal.

Walter Marques parece, no entanto, ter mais hipóteses para ocupar aquele cargo, porque tem a confiança política do Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, de que foi secretário de Estado do Tesouro quando o líder do PSD era ministro das Finanças do governo de Sá Carneiro.

Nesse caso, Alexandre Vaz Pinto, o mais antigo administrador da actual equipa dirigente do Banco de Portugal, poderia vir a ocupar a presidência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

A presidência do BESCL, a instituição nacionalizada que se encontra em melhor situação económico-financeira, encontra-se vaga depois de Rui Vilar ter aceite o convite que o Executivo lhe fez para ocupar o cargo de director-geral da Comissão das Comunidades Europeias, na área dos recursos próprios.

Soares felicita 'DL'

A propósito da passagem de mais um aniversário do nosso jornal, recebemos do Presidente da República, dr. Mário Soares, a seguinte mensagem:

«Aceitem as minhas felicitações pela passagem do 65º aniversário da fundação do vosso jornal, felicitações que torno extensivas a todos os trabalhadores do «Diário de Lisboa», nomeadamente à sua Redacção.

A Imprensa tem um papel decisivo a desempenhar na consolidação do nosso regime democrático, pelo que se deseja ao «Diário de Lisboa» os maiores êxitos no contributo para que esse objectivo seja alcançado».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Retrato de Kadhafi por um viajante

CHEGO à Líbia pelo seu moderno aeroporto internacional. É como desembarcar num mundo desconhecido. Para o cidadão ocidental, os caracteres (apenas) em árabe que indicam os serviços públicos da porta de entrada de Tripoli não passam de belos arabescos sem utilidade. Porquê? Todas as indicações nas salas do aeroporto de Tripoli estão escritas em língua árabe, como que a lembrar ao visitante um conceito nacionalista de nação árabe, bem rigoroso.

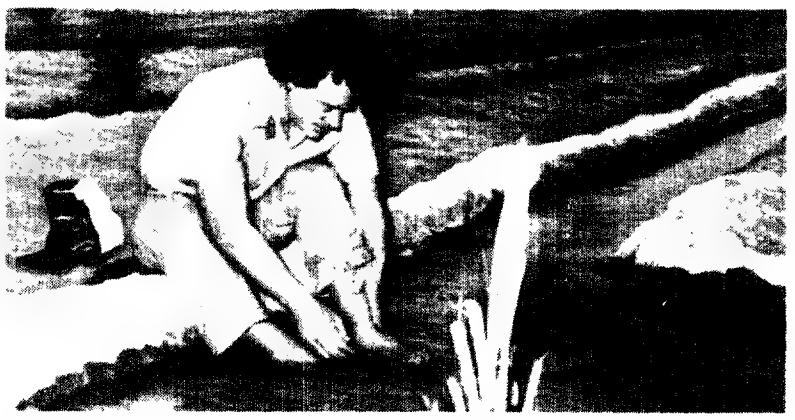
Dezassete anos após a independência, a Líbia ainda não esquece o traumatismo colonial de quando a língua do seu povo era considerada subversão punivel. Mas se no seu aeroporto, por onde passam milhares de estrangeiros, aquilo que deveria ser útil não se entende, já aquilo que se entende (**slogans** políticos em inglês e francês) não deixa de espantar o pacato burguês ocidental: «O sistema de partidos faz abortar a democracia», ou «Não há democracia sem congresso popular», ou, ainda, «A casa a quem a ocupa»...

Está ali bem visível e claro, naquela Babel internacional, o verdadeiro sentido da revolução de Khadafy. A síntese é perfeita, a Líbia tem hoje um conceito novo de governo de massas (Jamahiria). A Líbia de hoje é o único país no mundo que não tem, em termos tradicionais, nem chefe de Estado, nem governo nem partidos. Governo do povo pelo povo, através de comités populares de base submetidos ao controlo dos Congressos populares. Khadafi é apenas o líder, o guia da revolução, o fiel continuador da palavra do profeta Maomé, o novo mensageiro do deserto. Algumas más línguas ocidentais completam o quadro líbio afirmando que Khadafy, «o novo mensageiro», sonha completar o Corão com os extractos do seu Livro Verde: os capítulos «democracia» e «economia».

Para uns, Khadafy é desconcertante, louco, dirigente do terrorismo internacional, fanático e irresponsável. Para outros, Khadafy é um personagem a quem se poderia aplicar como uma luva este conceito de Mark Twain: «Uma das formas mais comuns de loucura é ter prazer em ser-se notado.»

Num discurso longo e sereno, o «mensageiro» afirma: «Moisés, que transmitiu a mensagem divina ao Império do Faraó e aos construtores das pirâmides, era um pastor... Jesus, o homem sem pai, pobre e livre, transmitiu a fé e a mensagem civilizadora ao Império romano... Maomé trouxe a última mensagem e quebrou os ídolos dos princípes árabes. Maomé, que foi pastor, era pobre e órfão, mas a sua mensagem derrubou os Impérios persa e bizantino... Não fiquem espantados de ver hoje o povo líbio apresentar ao mundo uma nova civilização e uma nova mensagem, apesar dos progressos científicos...»

As interpretações de Khadafy são simples e sempre à imagem do pensamento beduíno adquirido no silêncio da tenda do deserto sariano. Khadafy é um homem do deserto e por isso ele necessita de espaço! Essa espaço implica ter um país (nação) unificado em todo o deserto do Sara, mais de 5000 quilómetros do Cabo Branco ao Golfo, como o acusam alguns dos seus detractores? O Sara é a última grande aventura da África. Khadafy, que não é



Uma representação coreana do líder líbio

agricultor, empregou os milhões dos seus petrodólares fazendo crescer belos pomares nas dunas de Sarir, Tazerbo ou Kufra, iniciando uma nova civilização do deserto.

Falar da Líbia é falar de Khadafy. A identificação é essencial para compreender o desenvolvimento e o futuro desse extenso país africano e mediterrânico que tem apenas uma população de 3 milhões de habitantes. Considerado um dos países mais ricos do mundo era, há pouco mais de 15 anos, um pequeno pomar colonial. Mas a revolução do 1.º de Setembro de 1969, conduzida pelo desconhecido e jovem coronel, chefe dos «jovens oficiais líbios», tão inspirada no programa nacionalista do «velho» Abdel Nasser, veio dar ao povo líbio um novo estilo baseado no petróleo e no Corão.

O Corão é a base da ideologia de Khadafy, o Livre Verde é a solução do problema da democracia (a autoridade do povo) e do problema económico internacional. O petróleo é a base do desenvolvimento económico do povo líbio. Para ele, o petróleo é um dom de Alá e os países árabes que se têm portado mal não o têm...

Nos dias em que cheguei a Tripoli, a Líbia, mais uma vez, cobria as primeiras páginas da Imprensa mundial. As interpretações sobre o miniconflito eram as mais variadas e dependiam, na maior parte das vezes, de opções políticas. No entanto, o «dossier» Líbia-USA é extenso e nem sempre conflituoso. E além do mais é antigo.

Já em 1803, uma unidade naval norte-americana, sob o comando de Williamton, invadiu o porto de Derna, no litoral árabe líbio. De acordo com os documentos históricos que relatam o acontecimento, a frota norte-americana contava com uma centena de navios. Este acto de agressão durou dois anos «até ao momento em que o povo líbio conseguiu expulsar a frota norte-americana, infligindo-lhe uma terrível derrota». Estes documentos precisam que o povo líbio conseguiu manter prisioneiro o barco «Filadelfia», assim como 300 oficiais e marinheiros que se encontravam a bordo. Esta história foi-me recordada em Tripoli, há duas semanas, com um apêndice: «Nessa altura não possuíamos o poderio militar nem a força revolucionária que temos hoje...»

Dizia acima que nem sempre as relações Líbia-USA foram tão conflituosas. A agressividade «activa» dos norte-americanos contra o coronel Kadhafi é relativamente recente. Remonta à chegada de Ronald Reagan à **Casa Branca** (**Casa Negra** para os líbios) pelos finais de 1980. Por essa altura, 178 anos depois de Williamton, a Administração americana, com o seu porta-aviões **Nimitz** penetra de novo nas águas líbias do Golfo de Sirte, dando início a uma série de «provocações», outros dizem «punições», que iriam ser uma tónica habitual na Administração Reagan, para substituir o regime do coronel Kadhafi, **complot** que chegou a prever a liquidação física do líder líbio.

Durante longo tempo, com efeito, a CIA «protegeu» o coronel Kadhafi, (1969 a 1976) conforme revelou recentemente o «Washington Post», na época em que o jovem coronel lhe parecia nacionalista e anti-soviético. A evacuação das bases militares americano-britânicas, não foi considerada como um **casus belli**, mas como uma decisão «nacionalista» inevitável. Numa carta ao presidente Nixon, em 1970, Henry Kissinger, talvez o mais lúcido político norte-americano das últimas décadas não escrevia que «a única alternativa é transigir com Kadhafi»?

Ao longo desses anos a CIA foi mais longe, demonstrando a sua boa vontade para com Kadhafi, denunciando ao coronel três «complots» contra a sua segurança. Mas a partir da aproximação líbio-soviética, preparada em 1974 por uma visita do comandante Jaloud a Moscovo, algo começa a mudar na central de espionagem norte-americana, apesar de o caso Watergate ter paralisado a Agência. Mais tarde, sucedem-se os planos contra Kadhafi, que incluiam a colaboração de antigos membros da revolução líbia, dissidentes, tais como Mohamed Magarieff, antigo embaixador na Índia. Esses planos, agora revelados por Bob Woodward, um dos «heróis» do Watergate, incluiam uma operação secreta dirigida pela CIA contra Mouammar Kadhafi.

Enfim, o documento da CIA que Reagan tinha na sua mesa de trabalho, propunha a desestabilização interna e externa. Convém, com efeito, obrigar o coronel líbio a cometer um erro agressão ou aventura exterior, acto terrorista espectacular — dando a um dos seus vizinhos a ocasião de justificar uma resposta militar. «Pois bem, Reagan deu luz verde à operação há pouco mais de dois meses com a justificação de «pôr fim ao terrorismo».

Esta obcessão contra Kadhafi teve um ponto alto em meados de Março deste ano com as manobras navais no golfo de Sirte, que afinal não criaram na Líbia essa «situação de instabilidade» que os documentos secretos recomendam a Reagan. Pelo contrário, parece ter sucedido, pelo menos isso apurámos junto de algumas embaixadas ocidentais em Tripoli, que a figura de Kadhafi saiu reforçada, sobretudo junto de muitos países negros que antes não manifestavam simpatia pelo líder líbio, tais como o Senegal e a Argélia, entre outros. Mais ainda, durante a minha permanência na Líbia o coronel Kadhafi recebeu com honras de chefe de Estado o primeiro-ministro da Argélia, enquanto o presidente Chadli fazia, ao mesmo tempo, uma visita a Moscovo. Esta visita à Líbia do representante de um país normalmente considerado e prestigiado no que respeita à sua política externa, tem um significado que ainda vai provocar as suas repercussões. Falava-se em Tripoli de uma grande vitória política de Kadhafi, sacrificando Marrocos, velho aliado norte-americano...

Quando em Janeiro passado Reagan decretou o boicote económico contra a Líbia, logo se apressou a declarar que os norte-americanos (1500) que trabalham na Líbia deveriam abandonar imediatamente o país, assim como as empresas que ali trabalham com negócios de milhões. Se não o fizessem estariam sujeitos a uma pena de dez anos de prisão. Perguntei em Tripoli a um português que ali reside há oito anos, se os americanos tinham abandonado a Líbia... disse-me que nem um tinha saído e, pelo contrário, foram à TV local afirmar que se sentiam ali muito bem e até faziam bons negócios... Kadhafi correu a tranquilizar Reagan. No caso de os seus aviões irem atacar a Líbia enviaria as suas tropas para defender as empresas norte-americanas... Alguns comentadores afirmaram, na altura, que Reagan gostaria de ter a Líbia livre dos seus compatriotas para poder atacar sem problemas.

A existência de estrangeiros a trabalhar neste país parece ser um bom trunfo de dissuasão. Uma moeda jogada magistralmente por Kadhafi? Vejamos o que sucede por exemplo com cerca de 90 mil sul-coreanos que fornecem a mão-de-obra (aliás mais barata que a portuguesa ou outro país europeu) e também com as empresas da Coreia do Sul que por toda a Líbia executam projectos de centenas de milhões de dólares. Diz-se em Tripoli que uma grande parte destes trabalhadores sul-coreanos têm preparação militar e que em qualquer altura podiam ajudar a defender o país. Mas o que é curioso é tratar-se de cidadãos de um país tão estreitamente ligado aos EUA! Pensa-se que foi a partir de 1980 que os líbios jogaram na entrada dos sul-coreanos, numa altura em que os cubanos se pretendiam introduzir na Líbia. Kadhafi jogou no equilíbrio, travando qualquer veleidade agressiva do Egipto ou Israel, que seria possível com o pretexto de uma cubanização do Norte de África. Por outro lado, afirma-se nalguns meios de Tripoli que os sul-coreanos são uma espécie de 5.ª coluna, com espiões pelo meio, da Administração Reagan.

Numa Conferência a que assisti em Tripoli, um orador brilhante afirmou: «Quando os brancos chegaram a África os negros tinham a terra e os brancos a Bíblia. Agora, nos tempos que vivemos, os negros têm a Bíblia e os brancos a terra...»

Carlos Gil

Kurt Waldheim apanhado pelo seu passado

Pág. 2

Duas décadas em confronto

Pág. 5

Caso FP: linguagens de ontem

Pág. 4

Kurt Waldheim «apanhado» pelo seu passado

QUEM conhecerá, um dia, a verdade sobre a travessia do Terceiro Reich por um jovem ambicioso chamado Kurt Waldheim, hoje candidato à Presidência da República da Áustria? Apenas ele, provavelmente, e mesmo assim... O trabalho de **Verdrangung**, esse recalcamento, no fundo da consciência, de um passado que incomoda, foi tão completamente levado a cabo por este antigo secretário-geral da ONU, que ele próprio já não saberá, talvez, até onde foram as coisas. Senão, como é que este homem embranquecido pela função diplomática, habituado a conhecer o peso das palavras, pôde enterrar-se a este ponto na espiral de mentiras, de meias verdades e das omissões significativas?

Desde há um mês, quer dizer: desde que se tornaram conhecidas as acusações do Congresso Judaico Mundial sobre o passado de Kurt Waldheim, não há dia em que haja mais precisões sobre um período que cobre mais de sete anos da sua vida, entre 1938 e 1945. Uma imagem, embora ainda pouco nítida, começa a surgir desse personagem, cuja grande silhueta um pouco desequilibrada é, infelizmente para ele, facilmente reconhecível em todas as fotografias que vão aparecendo na **Stern** ou na revista austríaca **Profil**: engravatado em negro e de botas como os estudantes nazis de Viena, ou vestido com o uniforme de Wehrmacht, Kurt Waldheim está de facto ali, fisicamente. Quanto a saber onde estava o seu espírito...

Não se pode contar muito com os discursos de Waldheim sobre o seu passado para se conseguir saber mais. No princípio da actual campanha eleitoral, uma brochura foi distribuída em vários milhões de exemplares e em todo o país, para melhor dar a conhecer o candidato ao público eleitor. Uma folha eleitoral clássica, evidentemente, que põe em evidência as eminentes qualidades políticas e humanas de Waldheim. O candidato, numa entrevista «íntima», fala do seu passado, da sua juventude das dificuldades que viveu, sendo como era um estudante de origem modesta, para poder içar-se até ao topo, até à «mais alta função mundial». O Terceiro Reich, a guerra, resumem-se a uma frase, em toda a longa entrevista: «Depois de ter sido ferido na frente, e declarado inapto para combater, redigi a minha tese de doutoramento em Direito, que defendi em 1944».

Algumas semanas de inquérito chegaram ao Congresso Judaico Mundial para modificar sensivelmente esta biografia, na qual Waldheim faz questão desde que entrou para a vida pública.

Antes da guerra, e enquanto iniciava os seus estudos de Direito, o jovem sabia perfeitamente o que queria: tornar-se diplomata. «Para mim, não era **uma** profissão, era **a** profissão», explica ele na brochura. Estamos em 1938, pouco depois da anexação da Áustria por Hitler. Para ser diplomata, mais vale ser oficial, e oficial de cavalaria, que é a arma nobre... O jovem estudante inscreve-se num clube de equitação. Na sua cidadezinha natal de Tulin, na Baixa-Áustria, ele não fizera senão canoagem. E é assim que ele se torna em membro do corpo de cavalaria dos SA, organização paramilitar nazi, a 18 de Novembro de 1938, na véspera de festejar os seus 20 anos. Alguns meses antes, ele aderira à Liga dos Estudantes Nacionais-Socialistas. Estes factos são atestados pelos arquivos do Reich, reaparecidos há pouco a propósito de algumas polémicas (1).

À esquerda: numa foto divulgada pelo Congresso Judaico Mundial, Kurt Waldheim entre dois outros oficiais do exército nazi, em Podgorica, Jugoslávia (1943). À direita: Waldheim em Lisboa

Kurt Waldheim entrou no nazismo por convicção? A resposta é, provavelmente, negativa.

As tradições familiares levam a crer que o jovem Kurt se sentiria melhor na movimentação ideológica desses católicos conservadores que assistiram de maus modos ao «passeio» nazi pela Áustria dentro. Algumas testemunhas da época afirmam que mesmo Kurt Waldheim chegou, enquanto liceal, em Tulin, a distribuir propaganda anti-nazi.

Como o seguimento da sua carreira demonstrará, Kurt estava sobretudo apostado em «triunfar», cumprindo ao mesmo tempo os seus deveres para com uma família que o levara a estudos caros com as maiores dificuldades. Então, por todo o lado, na Universidade como mais tarde na Wehrmacht, Waldheim fechava os olhos e punha tampões nos ouvidos.

Antes da guerra, quando os passeios de Viena eram limpos por judeus com escovas de dentes — judeus enquadrados por SA's que lhes gritavam — e quando os seus colegas que não conseguiam obter um certificado de arianidade pura desapareciam da cena uns atrás dos outros, ele, Kurt, não viu nem ouviu nada.

Também, quando mobilizado para os Balcãs e designado oficial de informações no Estado-Maior do general Alexander Lohr, que tinha a sua base en Salónica, ele não soube das deportações massivas de judeus gregos que tiveram lugar durante a sua estadia ali... «Eu estava a seis quilómetros da cidade e não estava ao corrente de nada...», diz ele hoje. Simon Wiesenthal, que, no início da polémica, tinha tomado firmemente partido por Waldheim, acha que, neste pormenor, as coisas ultrapassam um pouco as marcas: «Não se falava de outra coisa na messe dos oficiais», garante o caçador de nazis, que agora se distancia do antigo secretário-geral da ONU.

E depois há a acusação mais grave de todas, aquela segundo a qual Waldheim teria sido mais do que um simples seguidor do nazismo: ele teria sido um criminoso de guerra, participando na selvática repressão dos resistentes jugoslavos desde Julho de 1942 até ao fim de 1944. É verdade que o tenente Waldheim figura na lista de criminosos de guerra estabelecida pelas autoridades jugoslavas no fim da guerra, embora isso não signifique ncessariamente que ele foi responsável directo de crimes precisos. Era hábito que todo o Estado-Maior de uma unidade envolvida em operações deste género fosse automaticamente incluido numa lista como essa. O secretário-geral do Congresso Judaico Mundial, Elan Steinberg, reconhece, aliás, que **não é** na qualidade de criminoso de guerra que Waldheim é posto em causa pela sua organização. «O que nós queremos trazer à luz do dia é o modo como foi possível que uma personalidade internacional subisse a posição tão eminente, mentindo àcerca do seu passado...»

De facto, a ascenção de Waldheim, em primeiro lugar no seu país e depois no cenário internacional, funda-se naquilo a que os anglo-saxões chamam um **understatement**. Waldheim persuadiu-se, e persuadiu o Mundo inteiro, de que, ao fim e ao cabo, não tinha feito mais que o seu dever, constrangido e forçado, ao contrário do que fez a maioria do povo austríaco.

Povo austríaco esse que vive, hoje, na confusão mais total. O tom da Imprensa, o discurso do homem da rua, em Viena, por exemplo, são disso testemunho. Continua-se a não querer acreditar nos rumores vindos do estrangeiro.

«Por que é que alguém que, durante dez anos, foi considerado bom para o Mundo inteiro havia de ser agora declarado mau para o povo austríaco?» Eis o **leitmotif** das conversas dominantes.

Uma vaga nacionalista e chauvinista

Alguns vão mais longe acusando o Congresso Judaico Mundial de estar a conduzir conscientemente uma campanha de calúnias destinada a prejudicar a imagem da Áustria através da do seu eventual futuro presidente. O jornal do Partido Populista, formação que apoia a candidatura de Waldheim, critica as organizações de judeus por «não verem senão manchas castanhas na farda de um oficial da Wermacht, recusando-se a ver as imensas manchas vermelhas no fardamento dos generais israelitas».

Salvo raras excepções, a Imprensa defende Waldheim com toda a sua energia, e nem sempre conseguindo evitar o anti-semitismo, como no caso do editorialista do **Kronenzeitung**, diário de grande expansão, que põe em paralelo a atitude misericordiosa do Papa João Paulo II ao visitar uma sinagoga, e a dos judeus, que neste caso não seria senão uma atitude de vingança.

Isto significa que a campanha eleitoral está, actualmente, inteiramente dominada pelo «caso».

O Partido Populista (OEVP) sentiu-se na obrigação de endurecer a sua campanha, esperando encontrar apoio na vaga nacionalista e chauvinista que se desenvolve no país.

Há poucos dias, apareceram nas paredes novos cartazes: neles, Waldheim continua a sorrir, mas há também uma nova palavra de ordem inscrita a vermelho: «Nós, austríacos, votamos em quem **nós** queremos. Agora, por exemplo em Kurt Waldkehim».

O pobre candidato socialista, dr. Steyer, foi completamente esquecido na tormenta. Não se fala nem dele nem do seu programa. O Partido Socialista espera, no entanto, voltar a seu favor uma opinião pública que parece mais favorável ao candidato conservador. Um novo dístico foi acrescentado sobre os cartazes de Steyer: «Um austríaco de que nos podemos orgulhar». Mas, em todo este caso, o Partido Socialista e o chanceler Soniwatz pisam ovos. É-lhes necessário, ao mesmo tempo, mostrar que o seu candidato é o mais apto, moralmente, para representar a Áustria, evitando ao mesmo tempo ter de tropeçar nos argumentos de uma organização estrangeira.

Luc Rosenzweig

Nota

1) A ficha estabelecida pelo RJM (Ministério da Justiça do Reich) está formulada do seguinte modo: «Apelido, Waldheim; nome, Kurt; data de nascimento: 2-12-1918; religião: católica; ascendência: sangue alemão atestado pelos certificados dos ascendentes; profissão do pai: inspector primário; fortuna: nenhuma; adesão a organizações: corpo de cavalaria SA em 18-11-1938, Liga dos Estudantes Nacionais-Socialistas em 1-4-1938».

S.A. por antinazismo

EM declarações autobiográficas citadas por Eric Rouleau em 1977, num livro intitulado **Um ofício único no mundo,** Kurt Waldheim explica como entrou para as SA por antinazismo, em 1938:

«Feitas as contas, eu preferia ser militar do que civil. A polícia vigiava os membros da minha família, espiava os nossos gestos e podia, em qualquer momento, prender-nos(...). Os antinazis estavam menos expostos no exército, primeiro porque eram, aí, mais numerosos do que na administração civil, segundo porque a vigilância era, no exército, menos rigorosa. Eu tinha ficado espantado com a relativa liberdade dos comentários feitos por militares, por críticas ao regime hitleriano que formulavam, na minha presença, comandantes da unidade da cavalaria a que eu pertencia(...).»

Segundo os documentos reunidos pelo Congresso Judaico Mundial, Kurt Waldheim era oficial de cavalaria numa unidade do exército alemão estacionada nos Balcãs em 1942, e depois foi colocado à cabeça de uma unidade de informações em 1943, depois de ter participado numa operação especialmente brutal contra os resistentes jugoslavos. Os documentos publicados pela Imprensa jugoslava põem-no em causa no que toca ao período que vai de Julho de 1942 a Dezembro de 1944. Eis o que dizia Waldheim na sua biografia de 1977:

«Quando estive na frente oriental, fui ferido numa perna. Repatriado imediatamente, isso permitiu-me recomeçar os meus estudos em Direito ainda em 1942. Dois anos mais tarde, obtive o meu doutoramento depois de apresentar uma tese sobre os conceitos federalistas de Konstantin Frantz, um diplomata alemão contemporâneo de Bismark.»

«No meu regresso a Viena, em 1942, já não era possível sair da Áustria. Entretanto, as fronteiras tinham sido hermeticamente fechadas. Eu era vigiado pelas autoridades militares que se entregavam a verificações regulares para se assegurarem de que eu me dedicava, realmente, aos meus estudos...»

O anúncio das novas descobertas sobre a SIDA, em Lisboa e em Boston, vem agitar os dados de que se dispunha sobre a «nova peste» e ilustra a severa competição entre franceses e americanos

Horas históricas da Virologia vividas em Lisboa a 26 de Março

A descoberta de dois novos vírus no homem vem agitar os dados científicos inéditos de que até agora dispúnhamos sobre a SIDA. Estas duas descobertas foram tornadas públicas no dia 26 de Março. A primeira, em Lisboa, pelo professor Montagnier, do Instituto Pasteur, de Paris; a segunda, horas mais tarde, em Boston, pelo grupo do professor Max Essex, da Harvard School of Public Health.

Esta coincidência nada deve ao acaso. Ela mostra a força da competição entre duas equipas prestigiosas. As duas descobertas correspondem, até prova em contrário, a dois vírus diferentes, inermédios entre aquele até agora considerado o único responsável da SIDA e o que há pouco foi descoberto nos macacos verdes africanos. Enfim, duas descobertas que podem modificar todo o dispositivo de vigilância de despistagem de «marcador biológico» da SIDA na espécie humana.

Um outro vírus apanha o outro. E a virologia viveu, no dia 26 de Março, horas históricas.

São 9 horas em Lisboa quando se inicia, numa das luxuosas salas de conferências da Fundação Gulbenkian, o segundo dia do Simpósio Internacional sobre a SIDA.

São 9 horas e 10 quando o professor Montaignier sobe ao estrado e toma palavra, em francês, perante uma centena de pessoas. O professor Montaignier tomou a sua decisão na véspera à tarde, depois de uma última comunicação telefónica com Paris. Ele **falará livremente** da última descoberta feita pelo seu grupo, o LAV II, esse novo vírus, até agora desconhecido, capaz de desencadear o aparecimento de uma SIDA no homem.

Em Paris, na Rua do Doutor Roux, o Instituto Pasteur prepara-se para publicar, no princípio da tarde, um comunicado sobre as principais conclusões desse trabalho.

Na Sala de Conferências de Lisboa, a alguns metros do professor Montaignier, um ouvinte está particularmente atento. Chegado a Lisboa na véspera, ele toma nota febrilmente, dos dados rapidamente apresentados nos diapositivos. É o doutor T.H. Lee, «enviado especial» do grupo de Boston.

São 10 horas quando a exposição do professor Montaignier termina. Enquanto tomam um café, Lee e Montaignier trocam algumas palavras, depois sorriem, separam-se.

No mesmo instante é noite em Boston. Em Lisboa fazem-se telefonemas para a Harvard School of Public Health. Recebem-se chamadas de Lisboa e de Paris. A decisão é rapidamente tomada. Vão «dar» a informação. Por outras palavras, levanta-se o embargo que há alguns dias proíbia aos signatários americano, francês e senegalês de um importante trabalho científico, revelar que também eles tinham descoberto um novo vírus aos baptizado HTLV IV.

26 de Março: a América saberá pois **primeiro** que acaba de ser descoberto **um novo** vírus «americano». A Europa, essa, descobrirá num primeiro tempo, o resultado do trabalho franco-português. Assim termina uma extraordinária partida de braço de ferro entre as equipas dos professores Montaignier e Essex, e, através delas, entre o Instituto Pasteur de Paris e a Harvard School of Public Health, de Boston (1).

Uma colaboração necessária

Quer dizer que vai nascer uma polémica comparável à que opôs o Instituto Pasteur de Paris ao Instituto Nacional Americano da Saúde, entre esse mesmo Instituto Pasteur e a Harvard School de Boston? Nada é menos certo. Com efeito, apesar da intensidade das últimas horas, de ambas as partes se insiste na necessidade de continuar a colaborar.

Já o doutor Francis Bar n (laboratório de virologia e CHU Bretonneau de Tours), que trabalham aqui em colaboração com o grupo de Boston, enviou servus TLV IV ao Instituto Pasteur de Paris. É, em todo o caso, de notar — coincidência? — que o vírus americano que ainda há algumas semanas não tinha nome, foi definitivamente baptizado com o de HTLV IV, aceitando assim a designação defendida pelo professor Robert Gallo (National Cancer Institute Bethesda).

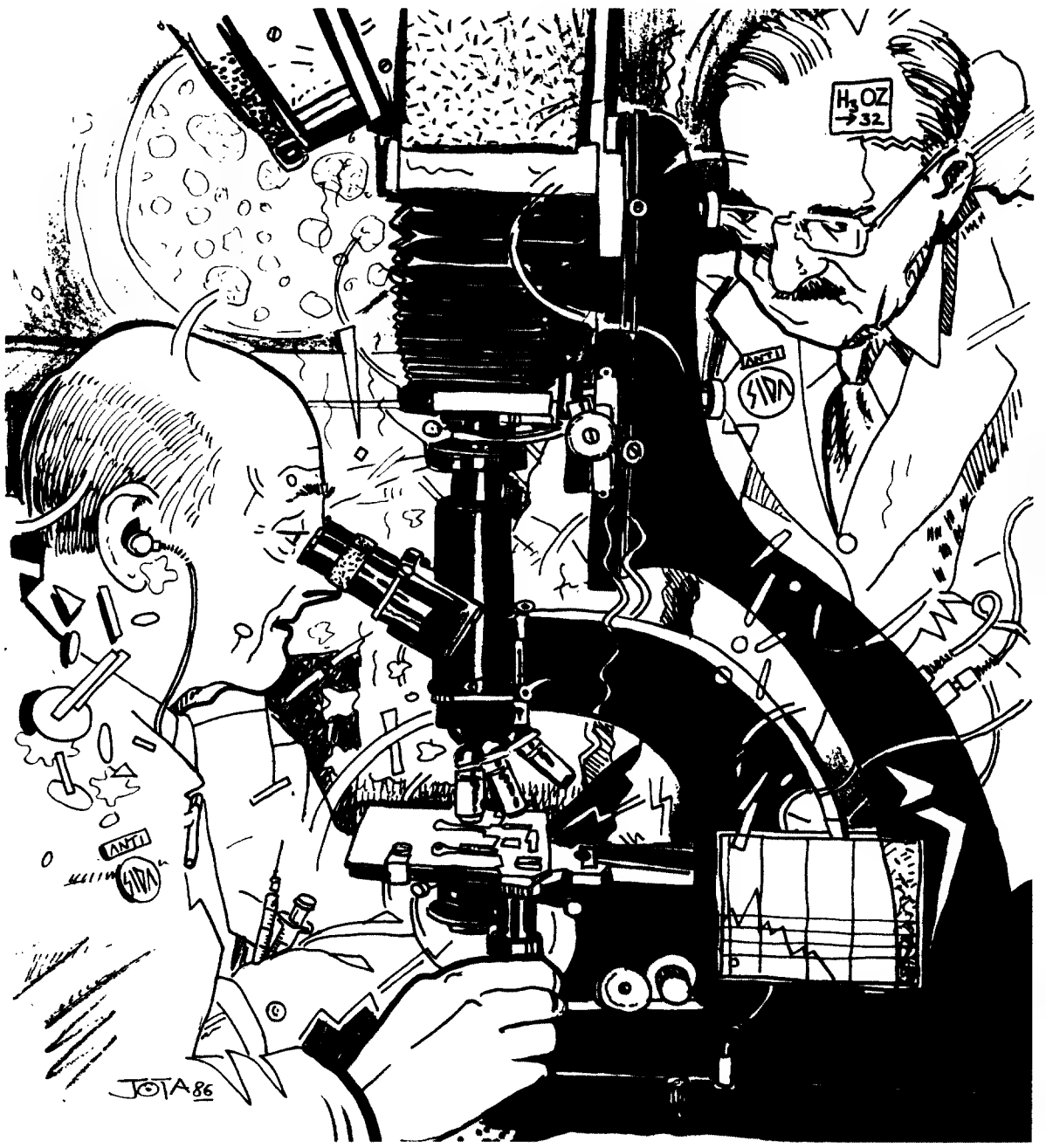
Resta dizer que a aposta científica e comercial de tais trabalhos 3e considerável. Descobrir um novo vírus, próximo do da SIDA, capaz de desencadear a doença o homem (o LAV II), e outro igualmente próximo, aparentemente não patogénico (HTLV IV), é dispor de novas chaves para resolver os enigmas da origem e do tratamento da SIDA.

É também agitar os dados actuais sobre a despistagem da doença, e, ao mesmo tempo, o fantástico mercado internacional que há alguns meses se desenvolveu. É, enfim, deixar supor que a actual epidemia de SIDA tem uma dimensão a um tempo desconhecida e inquietante. **Na África,** declarou em Lisboa o professor Montaignier, **tudo se passa como se a epidemia chegasse à beira do co tinente a partir da África Central, e como se outra fonte da natureza diferente tivesse sido isolada na África do Oeste.**

A virologia prepara-se, pois, para horas históricas.

(1) Os trabalhos do professor Essex foram tornados públicos a 27 de Março perante a Sociedade America a de Microbiologia e vão ser publicados na revista **Science** de 11 de Abril. Os do professor Montaignier, que ainda não foram aceites por **Science,** foram dirigidos à Academia francesa das Ciências.

Jean-Yves Nan
e Frank Nouchi.



Cartão de identidade viral

OS dois novos vírus da SIDA vêm de África. O LAV II foi isolado em doentes atacados de SIDA, originários do Oeste da África e que não faziam parte de nenhum grupo de risco. Também foram identificados «portadores sãos», africanos, do LAV II. Pelo contrário, o HTLV IV, foi isolado em três prostitutas de Dacar, aparentemente indemnes de toda a patologia. Estes dois vírus surgem como intermediários entre o vírus até agora conhecido como único responsável da SIDA e o que foi identificado no passado mês de Novembro nos macacos verdes africanos que vivem em liberdade e são indemnes de toda a patologia.

O LAV II e o HTLV IV serão um único vírus? É esta a pergunta feita pelas equipas que tornaram públicos, a 26 de Março, os resultados dos seus trabalhos — e à qual não podem dar resposta por não disporem do conjunto dos elementos (1).

Uma geografia virulógica complexa

O aparecimento da SIDA era, até agora, a consequência da infecção do organismo humano (ou, mais precisamente, de certas células sanguíneas) por um vírus chamado HTLV III por uns, LAV por outros. Este vírus é composto por um envelope (feito de duas proteínas), proteínas centrais (são três) e uma molécula de ARN.

Como as fotografias em microscópio electrónico não permitem ver a diferença entre tal ou tal vírus, os investigadores, para identificar os últimos, têm que observar a sua arquitectura molecular. Conseguiram distinguir variações subtis no sector dos LAV — HATLV III isolados e cultivados na Europa, na África e nos Estados Unidos. O vírus isolado no macaco verde, embora vizinho do LAV — HTLV III apresenta diferenças importantes.

Os dois intermédios hoje identificados são muito próximos um do outro. Vários elementos (ao nível das proteínas internas muito levemente diferentes em peso molecular) permitem em todo o caso pensar que se trata na verdade de dois vírus diferentes. Para mais, o LAV II está ligado a casos de SIDA, ao passo que o HTLV IV parece destituído de todo e qualquer efeito patológico.

Trinta prostitutas de Dacar «positivas» quanto ao HTLV IV foram seguidas durante um ano, sem que apresentassem sintomas da SIDA. Uma diferença de tamanho que deixa entrever perspectivas interessantes para a vacina. «**Há fortes possibilidades,** explica o doutor Francis Barin, de **que sejam em breve descobertos vírus intermédios entre o da SIDA e o do macaco, vírus esses cujo poder patológico podia ser variado**». A geografia virológica da SIDA nunca pareceu tão rica nem tão complexa.

J.-Y.N.

NOTA

(1) Trabalho que será proximamente publicado em **Science,** da autoria de P.J. Kanki (Boston), F. Barin (Tours), S.M'Boop (Dacar) e um grupo de oito investigadores franceses e americanos. A nota, apresentada à Academia Francesa das Ciências, é assinada por F. Clavel e F. Brun-Vésinet e por um grupo de onze investigadores franceses e portugueses.

Papeis de um julgamento, malhas de um processo

NUM dos seus habituais comentários à margem do julgamento, o primeiro juiz assessor do Tribunal de Monsanto, Nunes Queiroz, classificou o primeiro processo do «caso FP» como um «maço de papéis». São, na realidade, milhares, os documentos que integram o processo e cujo número aumentou recentemente com a decisão do Tribunal de juntar aos autos os «dossiers» que ainda se encontravam na posse da Polícia Judiciária. Comunicados, actas de reuniões, agendas, cartas, são alguns dos tipos de documentos que figuram nos apensos do processo. Eles foram separados, analisados, distribuídos e classificados pela Polícia Judiciária e cada um dos 64 réus do processo tem um apenso onde estão reunidas as provas contra si.

Num destes dias veio-nos parar às mãos o apenso n.º 60, respeitante ao réu Humberto Dinis Machado. Após a sua leitura, ficou-nos a constatação de que aquele réu foi acusado de ser fundador e dirigente das Forças Populares - 25 de Abril por também ter, em sua casa, quando foi preso, comunicados do Partido Revolucionário do Proletariado - Brigadas Revolucionárias (PRP/BR) datados de antes do 25 de Abril e documentos subtraídos à ex-Pide/DGS. Num relatório de introdução aos documentos apreendidos, a Polícia Judiciária explicita os «resultados analíticos» a que chegou pela sua leitura. As conclusões aí patentes são idênticas às que figuram no despacho de pronúncia, assinado em Janeiro de 1985 pelo juiz - presidente do Tribunal de Monsanto, Adelino Salvado. O «maço de papéis» foi progressivamente ganhando um sentido: o de provar que os agora réus são culpados do crime de «associação terrorista».

É conhecido que não há texto que escape a várias leituras. Não pretendemos, no entanto, fazer aqui uma interpretação paralela à da Judiciária, mas apenas citar as conclusões a que esta chegou no caso do réu Humberto Dinis Machado, porque pensamos que para além da subjectividade inerente ao documento escrito, há papéis que valem só por si.

Humberto Dinis Machado, 56 anos, acusado de ter fundado e dirigido as FP-25 de Abril

PRP

«O arguido Humberto Dinis Machado é elemento fundador da organização FP-25 de Abril e até ao congresso da FUP, em Março de 1983, fazia parte da COMPOL (Comissão Política) da OUT/FUP e da DPM (Direcção Político-Militar do Projecto Global), órgão de cúpula, clandestino e decisório da organização. A partir daquela data abandonou os cargos directivos das FP-25, permanecendo, no entanto, como elemento da organização, à qual continua a pertencer e a dar o seu apoio...». A acusação, concisa, está patente no despacho de pronúncia assinado pelo juiz Adelino Salvado. Conforme se depreende da citação, Humberto Dinis Machado é, em conjunto com Otelo Saraiva de Carvalho, Mouta Liz e Pedro Goulart, um dos quatro réus do processo em julgamento no Tribunal de Monsanto a ser acusado de ter fundado e dirigido as FP-25 de Abril, crime punido nos termos da lei com pena de prisão de 5 a 15 anos.

Com 56 anos, Humberto Dinis Machado é o mais velho dos 64 réus do processo FUP/FP-25 de Abril. Na contestação apresentada no Tribunal, Humberto Machado negou as acusações que lhe são feitas, afirmou ter abandonado a actividade política em Março de 1983 e reconheceu a sua militância na FUP no âmbito do «legal exercício dos direitos de associação que a Constituição e as leis lhe conferem».

Para além de ser o mais velho dos réus, Humberto Dinis Machado é também, de entre eles, o que talvez tenha um maior «curriculum» de luta contra o regime anterior ao 25 de Abril. E é esse «curriculum» que hoje é apresentado como um trunfo da acusação. No apenso n.º 60, o réu é classificado como «defendendo de longa data o extremismo revolucionário» por ter em sua casa documentos do PRP/BR; e como exemplo de comportamento «terrorista» por possuir também documentos da ex-PIDE onde se analisa, entre outros aspectos, a «subversão armada» no Vietnam.

Diz a Polícia Judiciária no relatório de introdução ao apenso n.º 60: «Os documentos que se seguem dizem respeito a comunicados difundidos pelas BR do PRP antes do 25 de Abril. Como se constata aquela organização praticava diversos actos terroristas contra o poder instituído, prática que é apanágio de qualquer organização extremista como o que actualmente se verifica em relação às FP-25. O Humberto Machado possuía, na sua residência, desde a data de 1972 até à actual, diversa documentação que é bem demonstrativa da sua inserção no seio da organização. Ao analisar tal documentação poderemos afirmar que o arguido tem um papel preponderante no seio das FP-25 a nível de dirigente.»

A documentação referida pela Judiciária cinge-se, neste caso, a oito comunicados do PRP/BR datados de Novembro de 1971, Julho e Setembro de 1972, Abril e Maio de 1973 e Abril de 1974, onde são reivindicadas acções contra uma base da NATO na Fonte da Telha; uma bateria de canhões em Santo António da Charneca e camiões Berlitet destinados ao exército e que se encontravam estacionados em Cabo Ruivo. Recorde-se a propósito, que esta última acção foi também reivindicada pela Acção Revolucionária Armada, geralmente conotada com o PCP e que em conjunto com a LUAR de Palma Inácio, actualmente dirigente do PS, e as já citadas BR, era uma das principais organizações de luta armada contra o regime fascista.

PIDE

Regressando ao relatório da Judiciária sobre Humberto Machado, pode-se ler um pouco mais à frente os «resultados analíticos» a que aquela chegou após a leitura dos documentos elaborados pela ex-PIDE: «Os documentos em si são importantes na posse do arguido, porque dessa forma a organização possuía dados muito concretos sobre a actuação daquela corporação. O segundo documento é um estudo sobre a «subservão armada» e as medidas a adoptar pelas forças policiais, datado de Março de 1967. Esta é a atitude que habitualmente as organizações terroristas tomam na obtenção de informações sobre o poder policial que lhes poderá fazer frente.» A Polícia Judiciária acrescenta que os citados documentos foram provavelmente subtraídos depois do 25 de Abril de 1974.

Conforme já referimos, os «resultados analíticos» e conclusões aqui citadas são da autoria da Polícia Judiciária e foram apresentados como provas contra o réu Humberto Machado.

Clara Viana

Reajustamentos na Checoslováquia

A palavra reforma ainda parece banida do vocabulário oficial na Checoslováquia. Em todo o caso, quando os dirigentes falam de «conjunto de medidas complexas» pode-se adivinhar que se trata de reajustamentos importantes nos métodos de gestão da economia e da sociedade socialista.

O décima sétima congresso do Partido Comunista checo devia terminar no dia 28 de Março e os mil e quinhentos delegados voltarão às suas províncias para dar lugar aos turistas, essencialmente alemães, que começam, como todos os anos, a chegar a Praga. Heróis do trabalho socialista e funcionários do partido escutaram com notável atenção as exposições, aplaudindo quando era caso disso e procurando compreender o «espírito do congresso». As apostas, evidentemente, não são as do poder no seio do PCT. Mas os ouvidos apurados dos checos souberam em que direcção soprava o vento.

Com efeito, um dos pontos fortes destes quatro dias de congresso foi o discurso do primeiro-ministro, Lubomir Strougal, que passa por ser o representante da linha pragmática no seio da direcção em face dos doutrinários, cuja figura de proa é Vassil Bilak.

Lubomir Strougal mostrou-se o defensor ardente da modernização do aparelho produtivo do país, insistindo particularmente nas economias da energia — a Checoslováquia é o terceiro consumidor mundial de energia, por habitante — e os desenvolvimentos dos serviços, um sector muito subdesenvolvido no país. A mensagem de Strougal era clara: ausência de revisão fundamental das opções económicas do país — prioridade dada à integração no seio do COMECON e ao equilíbrio da balança de pagamentos, mas também maior atenção às necessidades materiais da população.

As lojas estão bem fornecidas, as bichas são raríssimas. Em três dias de passeio pelas ruas de Praga só vimos dois portos de espera: a loja de peças para motos Jawa era tomada de assalto, e era preciso esperar pacientemente a sua vez na Igreja de São Tiago para se confessar antes das festas pascais.

O fornecimento de produtos alimentares melhorou muito desde que em princípio de 1985 houve um «conjunto de medidas complexas», isto é, reformas facilitando a dura lei da planificação no que dizia respeito às cooperativas agrícolas.

E, no entanto, apesar deste relativo êxito económico, o governo de Husak está longe de ser popular, de ter mesmo o mínimo de adesão resignada, de que beneficia um Erich Honecker na RDA, ou um Janos Kadar, na Hungria.

Desde a normalização que se seguiu à intervenção das tropas do Pacto de Varsóvia em Agosto de 1968, uma nova geração atinge quase a idade adulta. E esta põe ao regime um problema totalmente novo. Este último familiarizara-se com uma oposição de tipo político exercendo-se nos limites do discurso marxista, num quadro concertual comum aos vencedores e aos vencidos de 1968.

Hoje, ela já não é a mesma: duas décadas de concentração na vida privada, de desalistamento político da imensa maioria da população, produziram efeitos surpreendentes. Uma crise moral sem precedentes desenvolveu-se na sociedade, e certos ecos chegaram mesmo ao congresso do partido, principalmente em alguns discursos dos delegados ditos «de base».

É certo que a juventude é atraída por um empenhamento social, mas fora das estruturas oficiais. Todos os testemunhos que se podem recolher em Praga, apesar da incessante vigilância policial, concordam: a religião e a ecologia são as duas «bêtes noires» do poder.

Os grupos religiosos independentes multiplicaram-se, em especial na região de Brno, na Morávia. Na Eslováquia, onde a Igreja é tradicionalmente mais conservadora, os grupos protestantes fazem adeptos. Esse entusiasmo pela religião, zona suposta de liberdade fora do credo oficial, aborrece mesmo um pouco Bohumir Heller, presidente da comunidade judia checa, que não quer entrar em choque directo com o poder: «Cada vez há mais jovens cristãos que nos procuram para se converter, e somos obrigados a mandá-los embora. No seu coração nunca seriam judeus...»

A ecologia e os movimentos de defesa do meio ambiente também têm posto alguns problemas, especialmente na Boémia do Norte, região onde as florestas são severamente atacadas pelas chuvas ácidas. Depois de ter posto no seu lugar alguns grupos ecologistas demasiado ruidosos que copiavam os seus vizinhos da RFA, o partido encarregou-se dos temas da defesa da natureza. Estes foram referidos ao longo do congresso. A solução proposta é transformar o mais rapidamente po sível as centrais a lenhite, que lançam muito enxofre para a atmosfera, em centrais nucleares.

Se soube ganhar os estômagos, o governo de Husak não conseguiu prender os corações. Para além da falta de ideal oferecido à jovem geração, há outro ponto que separa a sociedade dos seus dirigentes, o do orgulho nacional. As sempiternas afirmações de fidelidade à União Soviética pronunciadas ainda com mais ênfase e submissão do que nos outros países do Leste, têm, decerto uma função: fazem-se festas ao urso para que ele não resmungue. Mas elas contribuem para cavar um fosso quase inultrapassável entre a população, muito presa à sua identidade e à sua história, e a sua direcção. A direcção checa nunca hesita em se antecipar aos desejos de Moscovo, quer se trate de prevenir os alemães do Leste de que não devem ir tão longe na sua aproximação com a RFA, ou de fazer saber aos húngaros que eles exageram um pouco quando põem mh causa os dogmas da economia planificada.

É claro que de vez em quando se faz vibrar a fibra nacional gritando pró-forma contra a Áustria, acusada de «nostalgias imperiais». Mas em vão. À medida que as jovens gerações vão substituindo as antigas, a ideia de que era necessário apoiar-se nos russos para se libertar da opressão germano-austríaca vai-se apagando, tanto mais que o turismo de massa dá aos checos uma imagem dos alemães muito diferente da dos «turistas» soviéticos aquartelados no país.

Luc Rosenzweig

60/80: duas décadas frente-a-frente

«...Os cavaleiros tornam-se mais ousados à medida que envelhecem; os cavaleiros jovens sonham.» (Jack Kerouac, in «Viajante Solitário»)

ENTREI na casa dos 30. Irmã mais nova da tal geração de 60. Influenciada por **beats, hippies** e **freaks.** Fiel depositária da «imaginação ao poder». Completamente desfazada dos saudosistas dessa época, que dizem que: «A geração de 60 foi a mais actuante a nível cultural e político, fizemos a grande música, escrevemos os grandes livros e contestámos a guerra do Vietname. Depois disso pouco ou nada».

Então «vem-me à memória uma frase batida, hoje é o primeiro dia do resto da minha vida».

E já estamos em meados dos anos 80. **Punk** foi grupo que marcou no nosso país os finais da década de 70 até hoje.

— Não aceitamos esta sociedade, queremos acabar com ela, somos anarquistas. Vivo na Outra Banda e todos os dias gente com salários em atraso me bate à porta a pedir comida e dinheiro, é esta a sociedade que eu não quero. Não tenho emprego nem possibilidades de arranjar casa, o que é que achas? Esta merda é ou não é para partir?

Entrevistas ninguém me quis dar.

— Falo contigo numa boa, normalmente, agora entrevistas não.

Foi a posição assumida por todos aqueles com quem falei. Estão fartos de que deturpem as suas palavras, de que dêem deles não a sua imagem mas a que querem, não são bichos e muito menos atrasados mentais.

Aceitei o desafio e decidi fazer à mesma este trabalho.

Brincos guardados na gaveta

Falei com muitos **punks,** alguns até sem se quererem assumir como tal, as suas idades oscilam entre os 17 e os 24 anos, têm pais operários, com profissões liberais ou pequenos burgueses.

Durante o dia para poderem trabalhar ou enfiam o gorro que lhes tapa o «moicano» ou guardam os brincos na gaveta, porque nem sequer têm necessidade de afirmação mais do que qualquer outra pessoa.

Da violência que se lhes atribui até à prática **punk** de gente nascida e crescida nesta terra, vai uma grande diferença, agressivos isso são-no positivamente, violentos só quando necessário, não são anti-sociais, são anti-sociedade.

— Não é por eu me pentear assim ou vestir roupa preta que sou **punk,** há muitos que a vestem e não o são. Ser **punk** é uma atitude, um comportamento.

Que atitude? Que comportamento?

— Eu estou a andar não se ponham à minha frente porque eu não páro!

No fundo, não querem nem as pequenas humilhações e violentações quotidianas nem as grandes interferências na sua vida, nos seus gestos, no seu jeito de estar, querem ser felizes.

«...vou ao mais barulhento de todos os bares malucos do mundo (...)e entro e bebo com os malucos e se me embebedo, embebedo-me». (Jack Kerouac, em «Viajante Solitário»).

Os lugares de frequência deste grupo de jovens são todos aqueles onte se beba um copo barato ou onde se oiça música da sua época.

Mesmo para gastarem o seu dinheiro o seu aspecto fecha-lhes portas.

— Só podem entrar dois **punks** por noite.

Ou ainda as proibições impostas, retiradas, impostas, retiradas, de locais onde a subsistência em termos económicos passa pelos escudos que eles lá vão deixar. É que até os que precisam deles querem-nos sossegados e quietos para ficarem com a leve sensação de que os têm sob controlo. Ingenuidade do «tasqueiro» do último sítio em que bebem um copo antes da deita.

O que não presta

Transformam aos poucos hábitos, gostos, só que no fundo são moralistas e na sua maioria extremamente fechados a outros géneros artísticos que não tenham o carimbo **punk.**

Na Inglaterra quando nasce o movimento, cujo nome à letra significa «o que não presta», mas que ao mesmo tempo é o nome dado aos sacos de lixo preto cosidos com alfinetes-de-ama com que se vestem, é um movimento de contestação e revolta suburbano

Mick Jagger e Tina Turner no «Live Aid», e um grupo «punk» na noite de Lisboa.

onde a crise é mais latente. Aqui a crise afecta mesmo os que por origem a poderiam não sentir e o movimento aparece em todo o lado: em Alvalade, na Outra Banda, nos Olivais, em Santo Amaro. Isto para falar de Lisboa, pois aparece, também, um pouco por todo o País.

— Não política, não.

— Não vais votar para as autárquicas?

— Não. Agora só voto para as presidenciais.

Política não, mas não se alheiam dela e alguns acham que há alturas em que vale a pena, e lá vão eles também às urnas.

Sobre a realidade portuguesa de antes 25 de Abril pouco sabem, ouvem-no da boca dos pais, o que nem sempre é uma opinião a ter em conta, tinham 7, 10 ou 13 anos quando se dá a mudança, não tiveram uma guerra a contestar.

— Odeio guerras e, no entanto, já pensaste que um maluco qualquer pode fazer isto ir tudo pelos ares?

É por isso que ao **make love not war** respondem com o **make a home brew not war,** são contra o pacifismo, são a favor da transformação de base. Vivem na época das novas tecnologias e da guerra das estrelas como condimento ao jantar.

O que venho aqui fazer

As mulheres **punks** são muito fechadas, mas sem chavões denunciam, também elas, um certo machismo da parte dos seus «sócios».

— No fundo estou farta disto. Não sei o que venho aqui fazer.

Isto é-nos dito com um sorriso irónico numa colectividade de recreio aberta aos fins-de-semana até às tantas da madrugada e onde se costumam juntar.

Pergunto-lhe se não acha que a sua solidão e o seu vazio não existirão pelo simples facto de haver uma diferença de sensibilidades, e até de uma maior liberdade de costumes por parte das mulheres ali presentes. Elas já não acreditam em tabus de nenhuma espécie.

Olhamo-nos nos olhos e apesar da diferença de idade, de experiências, de gostos, vêmo-nos num espelho, e ela diz-me:

— És capaz de ter razão.

Afinal eles lêem

Quando falei com alguns destes meus amigos sobre a contestação que, os seguidores da geração de 60 movem aos **punks,** as opiniões foram coincidentes.

— Se eles foram tão bons como dizem, onde é que estão agora? Porque é que estamos a viver nesta merda? No fundo antes deles houve a geração **beat.** Leste o «Pela estrada fora»?

— Li. É um dos livros que releio muitas vezes.

— Pois então não achas que eles foram muito mais actuantes a nível da mudança das mentalidades? Os **hippies** já foram uma consequência dos **beats.**

Fiz várias vezes a pergunta: gostas de ler? E obtive respostas desde tudo até citações, em francês, de Beaudelaire.

Claro que a questão dos «fumos» versus álcool, que por aí se diz ser pomo de discórdia entre **punks,** tinha que vir à baila.

— Droga põe um gajo retardado mental.

— E o álcool?

— Nem penses.

Só que esta é a posição minoritária, pois a maioria acha que antes pelo contrário, aliás tudo o que der para um gajo meter (drogas leves, pesadas, álcool, café e tabaco) é o importante para se levar melhor a vida.

Falar do aspecto visual deste grupo será desnecessário, já toda a gente alguma vez viu ou em fotos, na televisão ou mesmo na rua, jovens vestidos de negro, com a roupa mais ou menos rasgada e remendada a alfinetes, com os seus cabelos compridos, só que em vez de crescerem em direcção à terra crescem em direcção ao céu, com o que vulgarmente se chama «crista» e a que orgulhosamente os **punks** chamam **moicanos.**

Não quero morrer

Um dos elementos do grupo «rock» «Xutos e Pontapés» dizia em entrevista, há pouco tempo, que tinha «ido ver os **punks** e «prontos». Que são os mais revoltados, os que têm espírito crítico e continuam atentos. É que ser **punk** hoje é apenas um estado de espírito e resume-se na vontade de viver».

Este é um dos grupos «rock» portugueses que chamam e levam aos seus concertos muitos **punks** (nem todos, há os que o consideram um grupo para fazer dinheiro) e um dos seus temas diz: «Eu não quero morrer devagar/Eu não quero morrer».

— Se tudo é tão mau, tão negativo à vossa volta, será que valerá a pena viver?

— Ah! Ah! Essa só por brincadeira. Eu gosto boéréré de viver.

Mais uma vez se assiste à transformação de um movimento internacional num movimento sentido em português. É a energia sem permitir o adormecimento comodista que só por si o ser jovem não permite.

Há um elemento fundamental para entender a estética **punk** que é a sua música. Para mim, que não sou **expert** na matéria, optei por fazer algumas perguntas ao **disc jockey** de uma discoteca que costuma ser frequentada por **punks,** tal como a colectividade de recreio onde ele é um dos animadores da noite.

— Existe música **punk**?

— Os **punks** dizem que sim, eu não sei responder a essa «cena». A sério que não. Se os «Sex Pistols» são **punks,** então existe música **punk.**

— Para ti o que é o movimento **punk** em Portugal?

— Não tem nada a ver com os movimentos inglês ou americano. Cá funcionam no **show off.**

— Mas achas que continua a ter a mesma importância de há uns anos atrás?

— Eu acho que tem a mesma importância, cada vez se vê mais **punks,** eu acredito, sei lá, que dentro de pouco tempo vai ter um certo peso a nível da juventude. Acho que vai marcar a sua adolescência, não acredito é que o sejam uma vida inteira.

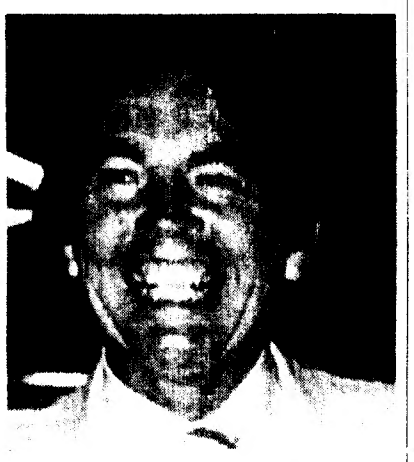
Quando por fim lhe pedi que desse um conselho musical para quem não conhecesse nada deste género de música, não quis responder na altura, pediu um tempo para pensar.

Maria José Belo Marques

Sinais dos Tempos

Alquimistas dão prata

Além de ser bom, vende: Fausto recebeu ontem mesmo o Disco de Prata pelos quinze mil exemplares vendidos do seu **Despertar dos Alquimistas,** ele que, com **Por este rio acima,** se tinha revelado o maior criador de música popular portuguesa da actualidade. Coroa suplementar: Fausto volta ao Coliseu de Lisboa nos dias 11 e 12, para cantar um espectáculo retirado desses seus dois trabalhos. Acompanham-no, além dos seus músicos, instrumentistas da Orquestra Sinfónica da RDP.



Artrite

A artrite expulsou, há três anos, Christian Barnard do microcosmos que o tornara célebre há quase vinte — o da grande cirurgia. Agora, Barnard «vendeu» o seu nome a uma campanha de publicidade para cosméticos. Os produtos que ele patrocina são destinados ao antienvelhecimento celular, e destinam-se a proteger a pele.

Fortaleza

O PCP está «muito bem, muito forte, muito unido», disse Alvaro Cunhal na sua entrevista ao programa de rádio **Clube de Imprensa.** O secretário-geral do Partido Comunista Português comentava notícias vindas a lume na semana passada, segundo as quais um abaixo assinado de militantes comunistas estaria a circular, de crítica à direcção do partido. Cunhal criticou os órgãos de comunicação que divulgam o documento sem referirem quem, eventualmente, o assina.

O segredo de alcova dos jornalistas

A palavra é tão indispensável ao comunicador profissional como ao libertino de Sade, e as suas máquinas de registo do real são os seus aparelhos ortopédicos. Além disso, para ele, a História e a Natureza só existem no presente do indicativo. E esta, hem?

EXISTE um discurso da actualidade, ou **sobre** a actualidade, e uma reflexão a seu respeito. Ambos têm a sua história e se transformaram em instituições embora, enquanto tal, sejam incomparáveis: o primeiro é um gigantesco oceano onde fluem as mais diversificadas narrativas jornalísticas e enfoques do presente, com as suas técnicas e a sua viscosidade específica. A segunda é um comentário predominantemente universitário que toma esse oceano como objecto de estudo e o descreve e critica de um ponto de vista funcionalista, comportamental ou semiológico.

Independentemente dos exercícios sociológicos sobre os média, que trabalham sobretudo uma constelação de objectos em torno da ideia central de **hábito**, para estudarem a sua regularidade as suas excepções sem nunca questionarem a respectiva química e a respectiva economia, libidinal, o discurso **da** actualidade emergiu, efectivamente, como objectivo de estudo de uma semiologia apostada em compreender o funcionamento de certo império — o das narrativas menores e do senso comum.

Este labor, que teve em Roland Barthes o seu momento fundador e talvez mais expressivo, herdava de um trabalho de escuta da «sabedoria das nações» que encontramos já em acção com Simone de Beauvoir e que, depois de Barthes e na sua senda, desembocará sobretudo em Jean Baudrillard.

Ocaso de uma vocação

Mas é verdade que a eleição das narrativas menores como objecto privilegiado de análise parece agora ter feito a sua época. O movimento foi fecundo e permitiu compreender melhor o espiralar da ideologia no real, sobretudo porque transformou, em objecto de estudo, factos e indícios que também formam o «Mundo» mas que eram tradicionalmente recalcados pela reflexão universitária.

É sem dúvida à associação do «linguistic turn» com a psicanálise que fica em primeiro lugar a dever-se essa preciosa desvergonha que trouxe as narrativas menores, juntamente com o não-dito, o inconfessável e o sujo, para a mesa do professor de ciências humanas.

Porém, aquela semiologia e os seus herdeiros estão a regressar à grande arte e ao museu imaginário como se apenas aqui se pudessem reencontrar, depois do desvio.

No que interessa às narrativas menores e ao discurso sobre a actualidade, ficou entretanto por elucidar, do ponto de vista do funcionamento pulsional, da circulação da energia dos indivíduos ou, hipostasiando-os, do sujeito, a natureza do excesso de que esse discurso é sintoma.

Qual é a natureza e o estatuto pulsional do discurso sobre a actualidade? Qual, desse ponto de vista, o seu objecto e o seu fim? O que leva o seu narrador a fixar-se inelutavelmente à viscosidade de meios e técnicas em que se fere e se prende «como em alcatrão mole e escaldante»? O excesso, o furor, o frenesim que caracterizam o investimento do jornalista naquilo de que fala, que fotografa, filma ou regista não são questionados. Dir-se-ia que são recalcados por quem os observa, rejeitados como se **agisse** ali uma vontade forte de **não saber**.

Monumentalidade equívoca

Um equívoco cómodo que gere a observação desta actividade é o de que o discurso sobre a actualidade é uma actividade **normal**: a história do jornalismo e dos media, com os seus heróis e monumentos, aí está a confirmá-lo. Tudo teria começado por tornar presente o longínquo, e por esse caminho árduo e aventuroso, mas recheado de fruições, estaríamos agora a chegar à «aldeia global».

Ora o normal continua, apesar de meritórios esforços em contrário, a ser socialmente definido pela negativa: ele é, ainda hoje, o que não é patológico. Assim, o discurso sobre a actualidade aparece como originalmente **limpo** de qualquer **pathos**. Agindo nele «a posteriori», a ideologia e o comércio seriam, eles sim, responsáveis pela sua perversão. Tudo se resumiria, segundo esta perspectiva, ao bom ou ao mau uso de um objecto eminentemente neutro, à mais ou menos conveniente apropriação do discurso pelos narradores adequados.

Baudrillard criticou este optimismo objectal, sobretudo em **Requiem Por les Media**, mas limitou-se a avaliar a perversão original do aparelho de Comunicação, sem o tratar, e à prática que o acompanha, como objectos genuinamente pulsionais. Ao fazê-lo, e ele fez entrar no campo dos média a desconstrução do mito da neutralidade das tecnologias, mas deixou em claro a natureza da actividade jornalística propriamente dita.

Um segredo constituitivo

Ficou, deste modo, por descobrir, o **segredo** que é **constitutivo** do discurso sobre a actualidade, e que as versões apaziguadoras e funcionais sobre a sua natureza igualmente escamoteavam.

É necessário tentar compreender de que é feita a ligação dos narradores de actualidade ao seu objecto, para se saber que tipo de ligação nos propõem com o real.

Falamos hoje da **sedução** e da **captura** dos públicos pelo discurso dos media como se a ilusão de «participação» fornecida pelo écran mágico da TV fosse o seu único modelo, e este subsumisse toda a compreensão do fenómeno.

Mas vale a pena propor uma versão mais inquietante sobre a natureza da actividade jornalística e sobre adesividade dos públicos ao discurso que ela produz: trata-se de admitir que os seus autores mantêm com a palavra em primeiro lugar, mas também com os aparelhos que a servem na sua prática, uma relação sem a qual eles não retirariam prazer do real.

Essa relação é inteiramente maquínica (o sujeito «faz máquina» com a palavra e com os aparelhos de narração, para utilizar a expressão adoptada por Deleuze e Guattari) e gera novas fixações maquínicas que se lhe vão acoplando, sobretudo devido ao funcionamento do jornalista com sucessivas tecnologias de Comunicação que intensificam continuamente as mediações com o real. (No caso de outros comunicadores não-jornalistas, o real pode ser inteiramente perdido enquanto referente, como é o caso do trabalho com imagens produzidas por computador).

Mas continuaríamos a tornear o **segredo** que nos ocupa se nos desviássemos, aqui, para uma reflexão sobre os efeitos das técnicas no discurso, no sujeito que o produz e nos seus públicos.

O que interessa elucidar é a possibilidade de o discurso sobre a actualidade se fundar em algo que está muito próximo de uma patologia, algo que não pode recusar o seu compromisso original com uma ilusão que é cúmplice de um delírio específico e o gere. É essa possibilidade que constitui o segredo recalcado pela reflexão sobre a prática jornalística e pelos seus próprios agentes.

Mitos casados com o banal

Também não nos ajudará, nesta elucidação, ter presente que o jornalismo produz uma história monumental da actualidade, onde circula uma multidão de mitologizações moralistas. Ele produ-la decerto, e é suficientemente reconhecido, hoje, que a mitologia que habita essa monumentalidade representa, juntamente com esta última, uma espécie de culto do Eu unário com a sua colecção de modelos positivos e negativos de comportamento do indivíduo em sociedade. Ao mesmo tempo, o discurso sobre a actualidade herda e veicula os conteúdos dessa história, e ajuda a relançá-los no labirinto das significações. Mas o enfoque que põe estes tactos em evidência apenas esclarece a posição do jornalista como porta-voz, eventualmente contraditório, da opinião pública e suas normas, preso na frágil teia do contrato social.

A compulsão de narrar

O objecto de que nos ocupamos aqui é o que leva o sujeito a precisar de falar para poder fruir — falar do presente para o poder fruir, no caso em análise — como se a fruição dependesse do estabelecimento de uma narrativa. Trata-se do movimento que torna **obsessional** a fatalidade de dar sentido aos acontecimentos, sejam eles da ordem da catástrofe ou do previsível, quer dizer: sejam eles da ordem do acaso ou da necessidade. Essa compulsão que leva ao estabelecimento de um discurso é incontornada, sob pena de, perdida a fruição, se perder o objecto mais global — o mundo e o número infinito dos seus sentidos.

Creio que boa parte do fascínio que o jornalista exerce sobre os outros agentes sociais advém do carácter compulsivo desta operação de produzir um discurso sobre os factos: ela (essa operação) é vagamente percebida como sinal de que a palavra, suplementar em práticas como a sexual, é aqui incluída como «aberração» indispensável a que a prática exista. Um véu ideológico impede esta explicação, sugerindo que se trata de «deformação profissional»: o senso-comum designa, de facto, como «deformações profissionais» grande número de ligações maquínicas em que uma prática, suposta equilibrar-se sozinha, requer um trabalho ortopédico para se sustentar. Por outro lado, dificilmente o senso-comum admitiria que uma actividade socialmente bem tolerada, embora even-

Continua na pag. 7

Dificilmente o senso-comum admitiria que uma actividade socialmente bem tolerada, embora eventualmente equívoca, se fundasse num excesso, num dispêndio simbólico sumptuário e misterioso, mesmo que apenas de palavras.

Continuação da pág. 6

tualmente equívoca, se fundasse num excesso, num dispêndio simbólico sumptuário e misterioso, mesmo que **apenas de palavras.**

O libertino e a palavra

Barthes, comentador de Sade, sublinha a importância central da palavra para o libertino: nele, a palavra deixa de ser suplementar e transforma-se perigosamente em componente do prazer, como se este precisasse de ser **dito** para ser **vivido**, quer dizer, para existir.

Com efeito, para o libertino de Sade, o prazer é compulsivamente falado ou não é prazer, e, depois do repouso, só a palavra o relança. Isto significa que o libertino tem de estar possesso da palavra, ser seu **suppositum** (servo, súbdito, sujeito), tem de a manter ligada à acção de modo obsessionalmente instrumental para que esta adquira o **sentido** de prazer.

Ortopedia do caçador

Poder-se-á objectar que o exemplo de Sade pouco acrescenta ao que sabemos sobre a oralidade, por um lado, e sobre os infindáveis universos que a palavra cria, por outro. Mas façamos incidir a nossa atenção sobre a palavra enquanto aparelho de captura.

Os outros — ou, hipostasiando de novo, o outro — são apenas vítimas, do ponto de vista do libertino, mesmo quando, do seu próprio ponto de vista, são seus cúmplices. A relação entre o libertino e a sua vítima repete, segundo a modalidade da boa ou da má repetição, a que existe entre o caçador e a sua caça, sedutor e seduzível, mestre e escravo. No círculo hegeliano, também a vontade de poder de um supõe a presença de outro.

E é indiferente que o instrumento dessa relação seja a palavra, o gesto, o olhar, a arma ou outro **medium**. Todos, ali, são aparelhos ortopédicos factores da relação.

Pois bem, o aparelho narrativo é para o jornalista o que a palavra é para o libertino de Sade e a arma para Diana: componente da fruição e artefacto indispensável à captura do real.

Neste sentido, o aparelho narrativo e todo o arsenal de artefactos que o servem — o gravador, a máquina fotográfica... — ocupam com exactidão o lugar dos **objectos transicionais** de que fala Winnicott.

A ponta do lençol

Objecto transicional é, para ele, o objecto material eleito pela criança de tenra idade em certos momentos, especialmente o momento de adormecer (por exemplo: a ponta do lençol, o pano que ele chucha, mais tarde o urso de peluche). Esses artefactos fazem a transição entre a primeira relação oral com a mãe e a verdadeira relação de objecto.

O que nos interessa aqui é a importância que Winnicott atribui à reprodução funcional dos objectos com tal estatuto. Ele diz textualmente que «o objecto transicional e o fenómeno transicional trazem, desde o início, a todo e qualquer ser humano, alguma coisa que permanecerá sempre importante para ele, a saber, um campo neutro de experiências que não será contestado». E esse campo «vai prolongar-se, ao longo de toda a sua vida, na experiência intensa que pertence ao domínio das artes, da religião, da vida imaginativa, da criação científica».

A tomada de notas ou a manipulação das máquinas de registo, por parte do jornalista, operam exactamente do mesmo modo, associando-se desde o momento inaugural à captura da realidade e ao seu imaginário específico: veja-se a designação do fotógrafo (que faz máquina com a sua aparelhagem) como «caçador de imagens»; veja-se também o conjunto de técnicas de redacção que visam a devolução do efeito de realidade.

Não se trata de produzir alucinações, visto que, ao contrário do que se passa com o ficcionista, os acontecimentos narrados ou captados são genuínos. Mas — e é outro aspecto que aproxima a sua prática da actividade transicional — o captor de imagens e de sons ou o narrador de acontecimentos **cria-os**, em parte: o enfoque permanece subjectivo e individual.

Por devolver a realidade, o trabalho do jornalista produz uma identificação que confunde o significante: Barthes descreveu este mecanismo a propósito do **retrato** fotográfico, chamando a atenção para o facto de o **spectator** não «ver» o significante fotográfico: «Este **sou eu**», diz ele perante um retrato de si próprio. O trabalho do jornalista, ora produz este efeito, ora impõe o seu voyeurismo: o «público» participa, ao ver pelos seus olhos, do rapto do real.

O presente como conversor da história e da natureza

Há outra dimensão da actividade do jornalista que interessa, centralmente, considerar aqui: é que o jornalista só conhece a realidade na modalidade **presente**. O **presente** é, para ele, um conversor universal.

E crível que as nossas representações do real se orientem a partir de uma ideia de história e de uma ideia de natureza, animadas ambas por um «desejo de teleologia».

Ora, as performances tecnológicas da «aldeia global» maximizam, hoje, o simulacro da presença através da redução «mágica» da distância espacial e temporal. A nova comunicação torna **presente** (traz à nossa presença, e conta no presente do indicativo) o quotidiano da Polinésia ou da Versalhes do Rei Sol, indistintamente. Esse transporte acentua o simulacro da participação. Um industrial de cinema comentava, há trinta anos, que «o cinema é a melhor das indústrias, porque o consumidor não leva para casa nada daquilo que comprou». Ele não compreendia que o espectador leva para casa novas identificações do EU, novos **transferts**, mais mundo.

Como sempre, é através da patologia que este movimento se esclarece. São certas perturbações da identidade que mostram a recuperação, pelo presente, de personagens e comportamentos afundados no passado: é exemplar, a este respeito, o conteúdo de algumas cartas de Nietzsche a Burkhardt: «Eu sou todos os nomes da História», diz ele. Como disseram Deleuze e Guattari, este mecanismo assume a forma de **efeitos**, como se diz na física, fundados na recorrência de matrizes importamentais: assim se fala de um «efeito Joana d'Arc», de um «efeito D. Sebastião», etc.

Longamente espartilhado entre o passado e o futuro pela tradição filosófica, o **presente** foi transformado pelos media na única praia onde convergem e se tornam conviviais os acontecimentos ocorridos alhures, no espaço ou no tempo.

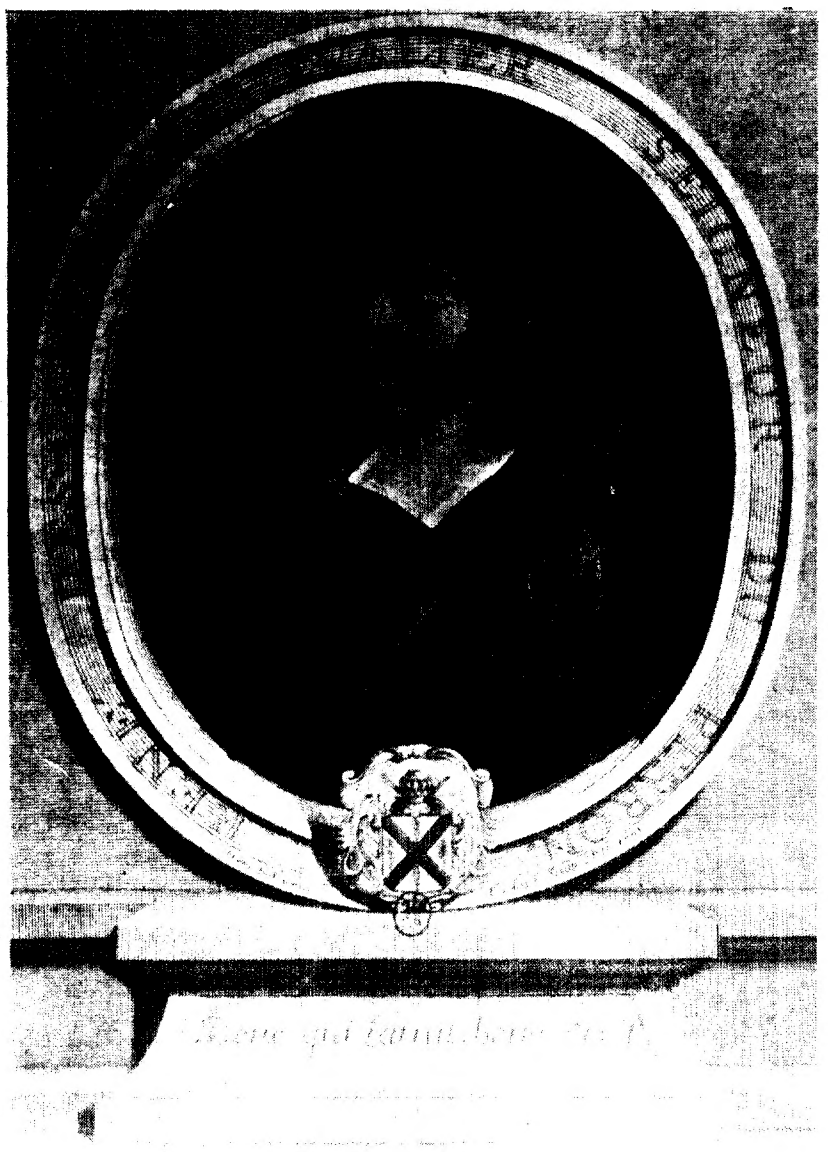
João Mendes

Janelas Indiscretas XX

A saúde de Descartes

DESCARTES sublinha a relação fundamental entre a saúde e a filosofia, mostrando que a saúde aparece à partida não apenas como objecto privilegiado da filosofia, mas igualmente como via de acesso à filosofia. Trata-se, em suma, de descobrir que a verdade e a saúde detêm um estatuto equivalente, do ponto de vista filosófico, porque a descoberta dos meios de conservação da saúde, ao permitirem esquecer o corpo, ou, o que vem dar ao mesmo, ao permitirem **infinitizá-lo,** quer dizer, e ainda, transformá-lo em máquina funcionante e adormecida — dá livre curso à alma, ao espírito, às ideias. Igualmente a reflexão metódica e o pensamento metafísico têm de chegar ao estabelecimento das condições da saúde. A saúde e a verdade seriam alguma coisa da ordem das evidências esquecidas e também do recalcado, que não surge senão a partir do sonho. Parece, portanto, que é a partir deste adormecimento do corpo, de um corpo repousado porque são, e do sonho como «estrada real» das ideias, desta despreocupação laboriosa, que possamos compreender a obra de Descartes.

Na **carta-prefácio dos Princípios,** escrita em 1647, Descartes conserva o projecto que animou os seus escritos dez anos antes. A definição que aqui nos dá da filosofia reenvia-nos, sem qualquer dúvida, para as preocupações do **Discurso do Método.** Com efeito, na **carta-prefácio,** Descartes propõe-se explicar que «esta palavra filosofia significa o estudo da sabedoria, e que por sabedoria não se entende apenas a prudência nos negócios, mas também um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta da sua vida como para a conservação da sua saúde e para a invenção de todas as artes» (1, págs. 769-770). A criatividade e a saúde seguram-se a princípios idênticos, o que explica que, a partir do **Discurso do Método** (1637), a tarefa do filósofo consista, para Descartes, em encontrar os meios de preservar a saúde. E, se o **Discurso do Método** se apresenta como uma fábula, não é por isso que ele revela menos uma verdade fundamental — uma verdade inultrapassável pelo próprio facto de ela se aguentar dentro e fora da fábula, que ela é aquilo mesmo que autoriza a construção da fábula, tornando-se esta última a imagem da verdade: para pensar é preciso ser, para continuar a pensar é preciso continuar a ser, e portanto é preciso manter-se de boa saúde. Por isso, a filosofia revelar-se-ia, sempre e já, como uma medicina, e nenhum projecto verdadeiramente filosófico poderia dissociar-se de uma análise médica. «Tornarmo-nos como que em mestres e possuidores da natureza», quer dizer, ultrapassar a natureza para penetrar na cultura, significa ultrapassar a doença e aniquilá-la. De facto, a saúde «é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida; porque mesmo o espírito depende tão fortemente do comportamento e da disposição dos órgãos do corpo que, se é possível encontrar algum meio para tornar comummente os homens mais sábios e mais hábeis do que foram até aqui, creio que é na medicina que devemos procurá-lo» (2, págs. 634-635). Apenas a saúde assegura a predominância das Ideias ou da alma sobre o corpo, porque apenas um corpo são se transforma em **não-corpo,** em esquecimento do corpo. É o filósofo que deve pensar, meditar, elaborar fábulas, sonhar, engendrar Ideias. Tal projecto implica o esquecimento do corpo, mas não a sua negação, como se poderia acreditar. O esquecimento do corpo, em Descartes, resulta de um trabalho que, longe de visar a sua aniquilação, procura pelo contrário torná-lo evidente. O corpo não pode esquecer-se, ausentar-se, senão quando se torna evidente, quando atinge o cúmulo da presença. Esta evidência, esta hiperpresença que fundam a ausência e o esquecimento, dependem, em último recurso, da saúde. Ela impõe-se como base da ultrapassagem possível e necessária do corpo para aceder às Ideias, e é, ela própria, invisível na sua presença. Neste sentido, a saúde aparenta-se à verdade: «assim, e ainda que a saúde seja o maior de todos os nossos bens que dizem respeito ao corpo, é apesar de tudo aquele sobre o qual nós menos reflectimos e que menos saboreamos. O conhecimento da verdade é como a saúde da alma: quando a temos, deixamos de pensar nela» (3, pág. 900).



A saúde permanece invisível na sua presença e manifestas-se pela ausência. Em consequência disso, o corpo doente impõe-se como corpo presente e obstrói o encaminhamento do pensamento, enquanto o corpo são se apaga enquanto tal, cedendo lugar à alma e aos prazeres da verdade, ela própria desdobrando-se em esquecimento da saúde do corpo.

Chaké Matossian

Notas:

(1) Descartes, Oeuvres philosophiques, **vol. III, Paris, Garnier, 1973**

(2) Descartes, op. cit., **vol. I**

(3) Descartes, Lettre à Chanut, **31 de Março de 1649, in** op. cit., **vol. I**

Rumble Fish: a instalação da morte

SE bem que o poder esteja por toda a parte presente em **Rumble Fish**, não é ele que fascina mas a sua recusa: não a já morna recusa face aos poderes, simbolizada pela violência de Rusty frente ao director da escola quando da notícia da sua suspensão e posterior transferência, espécie de recusa violenta servida aqui como estigma «marginal» de uma juventude «inquieta»(?), mas antes a recusa do poder por parte do seu irmão, vulgo «Motorcycle Boy», para o qual os olhos dos irrequietos parecem voltar-se como por encanto. Seria preciso dizer que dele não é tanto o poder que se vê como a potência que incessantemente se advinha, e tanta mais quanta menos poder efectivo ele manifesta: o correlato desta potência é o **respeito**: respeito pela força que se advinha, respeito, ainda pela loucura que indefinivelmente se deixa sentir.

É precisamente a força dessa loucura, minimamente manifestada enquanto força efectiva, sempre pairando, que mantém aberto o espaço em que a potência pode subsistir enquanto potência: «até as sociedades mais primitivas mostram algum respeito por gente louca como eu».

No entanto, este espaço assim aberto não quer ser mais do que um «non-acting space», se «acting» é a entender como um desempenho a submeter ao juízo dos outros: esta potência, que a «autoridade» advinha perigosa e que a «juventude» insiste em reconhecer como «sua» pensa-se economicamente, desdenhando ao mesmo tempo trair-se como poder na acção e traduzir-se como modelo na representação. Dúplice desdém magistralmente condensado na sequência do balcão de revistas na qual, em torno de uma fotografia tirada por um jornalista ao M.B. na Califórnia, aquém do Oceano, se vêm a tecer profundas considerações marcadas pela interrogação «para quê?». Num primeiro momento, para quê (p)actuar como herói juvenil, sacrificar-se como representante, oferecendo a própria imagem como o signo concreto que deveria alimentar uma representação insignificante e sem sentido, o teatrinho dos heróis de bairro? Num segundo momento, segundo na narrativa mas fundador da descrença em que radica o primeiro, para quê aceitar guiar os outros se não se tem para onde conduzi-los? A desencantada ausência de uma terra prometida está lá perfeitamente sublinhada pelo recurso à metáfora do flautista de Hamlin (Pied Piper), e que deixa prever um inexorável afogamento de massa após uma possível euforia de grupo... «Talvez eles o fizessem...», segui-lo como ratos para o fundo do rio, de um modo rasteiro e sempre da mesma maneira, sempre com os mesmos alvos, sempre sujeitos ao mesmo extermínio mas sempre pululantes, saindo dos mesmos buracos...

Recusando reinar pela força — sabe-se bem como isso é difícil e precário — M.B. não recusa menos a sedução que é própria do seu estatuto involuntário de modelo, assumindo assim como pura potência a postura de uma lateralidade calculada, ou de uma **liminariedade descrente** face aos pseudo-conflitos para os quais tentam incessantemente arrastá-lo (a posição sempre provocatória do polícia é, aí, mais do que reveladora), recontros em que ele deveria ser ao mesmo tempo o **emblema** que se agita e o **alvo** que se expõe. Mas se o M.B. se recusa como signo e como

força, como **corpo do chefe**, é porque o habita o sentimento da inadequação entre o seu devir próprio enquanto potência e o lugar estreito a que uma sua representação — quanto a si involuntária e incómoda — o tem vindo a acorrentar: porque ele é o único sobrevivente, com o sangue limpo de heroína do tempo mítico dos «gangs», **porque ele é tido como** o «maior»(?) **espera-se dele que** actue, e que o faça no sentido de reconduzir à «plenitude do tempo» uma juventude, ela mesma em exílio numa revolta degradada, fruto vivido de uma espécie de **queda**. É assim que a sua postura equívoca se dá imediatamente como a posição de um mal-entendido: o seu silêncio, seja ele ausência de discurso ou recusa de gesto, não pode deixar de ser um silêncio ressonante e a seu modo eloquente, precisamente pelas vias tortuosas do mal entendido, pois é na indeterminação da sua recusa que reside para a «autoridade» a certeza da sua loucura e do seu perigo: esta não escruta a potência na indigência evidente dos seus fundamentos materiais, na sua corporalidade propriamente humana, antes a considera no seu estatuto de «valendo por», isto é, de signo, e desenvolvendo na leitura desse signo a suspeita de uma mentira. Rusty para o polícia «Porque é que o odeia tanto?». Resposta: «Porque vocês, miúdos, pensam que ele é uma coisa que ele não é». Se o «Motorcycle Boy» pode bem querer silenciar-se e passar ao lado do poder, recusando-se aos lugares feitos para se poder oferecer aos trajectos a fazer, o que ele não pode é parar a cadeia de interpretações que cada vez mais o anexam a temporalidades distintas, no interior das quais se passa algo como um tornar-se objecto da potência.

Chegado de uma viagem interrompida antes do fim, em que M.B. pôde viver o seu próprio tempo (o nosso próprio tempo apenas aparece quando rompemos com o tempo dos outros), tempo do anonimato, do acaso (fotografia) e do encontro (com a mãe), assistimos gradualmente à parasitagem desse tempo pelos tempos divergentes das interpretações dos outros. O modelo involuntário não é aqui um desterrado no espaço, mas um exilado do tempo: desocupado, o cronos mecânico da produção, simbolizado pelas placas que incansavelmente caem ao lado do relógio do bar que Rusty frequenta, pouco pode significar para ele. O seu tempo não é o tempo linear e repetitivo da produção. Mas não é por isso que ele é liberto para o seu próprio tempo, não é por isso que lhe deixam tempo livre: o seu irmão aí está para tentar sugá-lo constantemente para o lugar do chefe, querendo fazer dele o aguilhão representado que sustenta e impele a sua corrida sem fim nem fins pelos arredores do tempo, atrás da ideia de um tempo pleno, que nunca existiu enquanto tal («it wasn't anything»), que Rusty nunca viveu e que justamente o fascina porque ele não o pode compreender; o polícia, por sua vez, aí está para o assombrar por toda a parte, sombra surgindo das sombras, colocando-o como o objecto de um dispositivo de vigilância: versão moderna do tempo do caçador e do guerreiro, os tempos da vigilância e da repressão dão-se como os tempos da **previsão,** da **prevenção,** temporalidades voltadas para a frente na antevisão de uma ruptura e no prognóstico de uma captura. Enquanto que o modelo involuntário envelhece, deixa de ter muito tempo e passa a contar o que lhe resta, em suma, **se torna velho antes da velhice,** os tempos dos outros insistem em esquivar o presente, ou voltados para um ontem mirífico, anterior à degradação da **suposta ideia** nos e pelos estados do mundo, ou voltados para a glória higiénica de um amanhã de assassino.

Recusando, na sua indeterminação, os lugares para que os outros o designam (líder e louco), M.B. apenas pode aparecer a um olhar exterior como uma **entidade atópica** ou, ainda, como um complexo de desvios: os olhares que o observam vêem sempre nele, em vez de qualidades ou defeitos, os **afastamentos** em relação à representação que tomaram como ponto de partida para o admirar (Rusty), ou em relação à representação policial da ordem e às certezas fáceis e inabaláveis em que tal representação se funda (Polícia: «Tu és louco, e eu sempre o soube. Alguém deveria retirar-te das ruas.») M.B., porém, como modelo involuntário e como suspeito acossado, provocado a confirmar-se como perigoso, a dever olhar-se apenas poderá encontrar a estreiteza de campo que lhe é deixada para a sua indefinição: entre dois, é a sua própria singularidade que se vê assim destituída ao diluir-se em séries interpretativas divergentes, colocado ele ao mesmo tempo como fundamento de uma esperança ingénua e como o objecto de um prognóstico funesto. Preso entre dois tempos que ele não controla, entalado em lugares que não reconhece e em que não poderá reconhecer-se, o **modelo involuntário acossado** apenas poderá recuperar a sua soberania pelo recurso ao gesto da sua própria destruição enquanto potência: esse gesto apenas poderá ser uma morte «apropriada», isto é, uma morte com a qual ela estabelece uma relação de soberania. Blanchot, em La mort contente: «Porquê a morte? É que ela é o extremo. Quem dispõe dela, dispõe inteiramente de si, está ligado a tudo quanto pode, é integralmente poder.» (1) Colocada entre a exigência da sua realização como poder e o perigo sempre iminentemente da sua desaparição violenta, a potência escolhe a sua consumação em pura perda, pela qual, se é verdade que ela gera o máximo de poder possível, esse poder não deixa de ser o mais evanescente de todos.

Como será operada essa morte? Pela perversão da repressão, transformando a vontade de morte que anima o polícia no instrumento servil de um suicídio programado. Reviravolta genial, na qual é da calculada passividade da vítima que emerge o ditado que orienta a actividade do agressor: se ele deve morrer na mira do polícia, M.B. não deixa de proceder à **instalação das circunstâncias** dessa morte, desempenho perverso no interior do qual os peixes lutadores (Rumble Fosh) funcionam menos como o suporte de uma metáfora moralizável com pouco esforço do que como o **pretexto eleito** que assegura o **disparo** do dispositivo mortal, fazendo do agente um «killer for nothing», um matador benemérito, um cúmplice. O contentamento dessa morte constitui-se assim a partir da paixão do jogo, no desmentido do êxtase do fascínio: do mesmo modo, no interior da metáfora (se ela existe), as cores dos peixes lutadores deveriam ser entendidas como o sublinhado radical do estatuto diminuído do corpo cúmplice em que a potência se joga e se desfaz...

Pedro Frade

Nota:

(1) Maurice Blanchot, **De Kafka à Kafka,** Gallimard Paris 1981, p. 133

Mensagens Pessoais

Ricoh/Yashica

Vendo máq. fotográfica Ricoh TLS 401/Yashica TL electro c/ objectivas 50-35-135-50 Macro. Tel 779931, João Cruz, 18 h.

Zeiss, Rolleiflex, Nikon F2

Máq. Fot. Zeis, 35m, Rolleiflex c/adaptador 35m, Nikon F2, 35m, Objectiva Nikon 50m, Tele-object. Nikon 200m, Grande Angular — Soligor — 28m, Ampliador Susi, Tanque de revelação, Searas Novas, muito antigas, Cadernos do Terceiro Mundo, Revistas soviéticas. Resposta ao tel. 2471397.

Conjuntos Musicais

Mesa de mistura Yamaha 1602, 16 canais, vende-se pela melhor oferta. T. 2689621 depois da 21.30. Jaime.

Epistolografia

Brasileira, interessada em intercambiar informações sobre arte, literatura e cultura em geral gostaria de corresponder-se com portugueses de ambos os sexos. Maria Cecília Leão — Caixa Postal n.º 6004 — Encruzilhada — Recife— PE Brasil — CEP 50000.

Sôfrego

Procuro sofregamente um exemplar de «Narciso e Goldmundo», Herman Hesse, em edição publicada em tempos pela Guimarães. Escrever para Rui Eduardo Paes, Casal S. João — Cova da Rapousa, Carcavelos 2775 Parede

Kwacha-Kwacha

Interessas-te por cultura africana e política?

Escreve-nos! Grandes descontos!!!

Edições Kwacha-Kwacha.

Respostas ao Apartado 2105 Lisboa-Codex

Mobília de quarto

Estado nova. Não é de aglomerado, é boa, castanho e eucalipto. Guarda-fato e cómoda são de casal, a cama é individual. Também vendo candeeiro de pé. A mobília tem dezoito meses de uso. Tel. 898336

Apartamento

Vendo com duas ass.; grande varanda fechada à entrada; coz.; maravilhosa vista Tejo desde Torre Belém, Bugio. R. Qta. de Coruche, 13-3.º Esq. B — Paço de Arcos. Três minutos da estação. Mostra no 2.º dir. B. Pode telef. 2431774 à noite.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.